

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA - UESB
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MEMÓRIA: LINGUAGEM E SOCIEDADE

ANA MARIA FERRAZ DE MATOS MENDES

**MEMÓRIAS DE REZADEIRAS:
DEVOÇÃO, CRENÇA, FÉ E PRÁTICAS**

VITÓRIA DA CONQUISTA - BA
JUNHO DE 2022

ANA MARIA FERRAZ DE MATOS MENDES

**MEMÓRIAS DE REZADEIRAS:
DEVOÇÃO, CRENÇA, FÉ E PRÁTICAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade - PPGMLS, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Mestre em Memória: Linguagem e Sociedade.

Área de Concentração: Multidisciplinaridade da Memória.

Linha de Pesquisa: Memória, Cultura e Educação.

Projeto Temático: Memória, Cidade e Cultura.

Orientador: Prof. Dr. Felipe Eduardo Ferreira Marta.

Coorientadora: Profa. Dra. Ana Palmira Bittencourt Santos Casimiro.

VITÓRIA DA CONQUISTA - BA

JUNHO DE 2022

Mendes, Ana Maria Ferraz de Matos.

M49m

Memórias de rezadeiras: devoção, crença, fé e práticas / Ana Maria Ferraz de Matos Mendes – Vitória da Conquista, 2022.
125f.

Orientador: Felipe Eduardo Ferreira Marta.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia,
Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, Vitória da
Conquista, 2022.

Inclui referências F. 110 – 117.

1. Rezadeiras – Memória. 2. Ofício da Reza. 3. Práticas da reza. 4. Benzimento.
I. Marta, Felipe Eduardo Ferreira. II. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia,
Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade. III. T.

CDD: 306

Catálogo na fonte: Juliana Teixeira de Assunção – CRB 5/1890

Bibliotecária – UESB - Campus de Vitória da Conquista - BA

Título em inglês: Memory of faith healers: devotion, belief, faith and practices.

Palavras-chave em inglês: Faith healers; Memory; Faith healing; Praying service; Prayer practices.

Área de concentração: Multidisciplinaridade da Memória.

Titulação: Mestre em Memória: Linguagem e Sociedade.

Banca Examinadora: Prof. Dr. Felipe Eduardo Ferreira Marta (presidente), Profa. Dra. Ana Elizabeth Santos Alves (titular), Profa. Dra. Fabiana Brito Silva (titular).

Data da defesa: 16 de junho de 2022.

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade.

FOLHA DE APROVAÇÃO

ANA MARIA FERRAZ DE MATOS MENDES

MEMÓRIAS DE REZADEIRAS: DEVOÇÃO, CRENÇA, FÉ E PRÁTICAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade – PPGMLS, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Mestre em Memória: Linguagem e Sociedade

Local e Data da defesa: Vitória da Conquista/BA, 16 de junho de 2022.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Felipe Eduardo Ferreira Marta –
Presidente
Instituição: UESB

Ass.: 

Profa. Dra. Ana Elizabeth Santos Alves
Instituição: UESB

Ass.: 

Profa. Dra. Fabiana Brito Silva
Instituição: UNMC-EUA

Ass.: 

Dedico este trabalho a meu pai, Manoel Messias de Matos, minha mãe, Maria Ferraz de Matos e minha avó Benvinda de Matos, cuja simplicidade na maneira de ver a vida e atitudes voltadas para o bem me levaram a ter fé, perseverança e confiança no futuro.

AGRADECIMENTOS

Sinceros agradecimentos à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) que, como fundação ligada à educação, proporciona a manutenção da esperança na construção de um mundo baseado em valores humanos, pois considero que o conhecimento e sua condição de convergência e divulgação são a base para que os seres humanos alcancem realizações mais elevadas e solidárias. Fundações como a CAPES devem estar protegidas de ameaças de quaisquer naturezas, devendo ser ovacionadas, amparadas, solidificadas e respeitadas por pessoas e instituições desse país.

À Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB por ser essa base acadêmica para a proliferação de conhecimentos, fomentando o desenvolvimento econômico, social e político de toda a região, Estado da Bahia e, conseqüentemente, do Brasil.

Ao Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade e sua coordenação pelo trabalho realizado e incansável voltado a manter a qualidade desse curso, juntamente com professores e colaboradores pela grande contribuição em estabelecer vínculos acadêmicos através do bom cumprimento dos seus papéis profissionais.

Ao orientador Prof. Dr. Felipe Eduardo Ferreira Marta pela validação desse trabalho e em quem vejo o envolvimento na cultura sertaneja, cujos lugares de memória são diversos daqueles vividos em sua infância, mas agora faz parte de seu contexto de vida.

À coorientadora Profa. Dra. Ana Palmira Bittencourt Santos Casimiro, por ser uma mulher *bravíssima* em seus compromissos de vida e enfrentamentos, cujo conhecimento memorável faz questão de compartilhar com generosidade.

À banca examinadora do exame de qualificação composta pela Profa. Dra. Ana Elizabeth Santos Alves, pelo Prof. Dr. José Cláudio Alves de Oliveira e pela Profa. Dra. Luci Mara Bertoni, cujas contribuições foram imprescindíveis para a condução deste trabalho. Agradecimentos extensíveis à banca de defesa formada pela Profa. Dra. Ana Elizabeth Santos Alves e pela Profa. Dra. Fabiana Brito Silva cujas considerações contribuíram grandemente para enriquecer e abrilhantar a memória das rezadeiras aqui descrita.

Aos professores Maria Salete de Souza e Moacir Carvalho, Auterives Maciel, Elton Quadros, Felipe Marta, Lívia Magalhães e Cláudio Félix, pelo compartilhamento generoso de conhecimentos que levam a uma grande expansão da consciência intelectual e humana.

Há uma espiritualidade que nos ampara e esta premissa foi reforçada em cada um dos encontros com as rezadeiras cuja história de vida e práticas são a base para esta dissertação.

Assim, agradeço a Deus, Jesus, Maria e José e aos irmãos espirituais que nos amparam, iluminam, abençoam e orientam em Seu santo nome.

Às queridas e abençoadas rezadeiras, mulheres de força, fibra e altivez que tive a honra e o prazer de conhecer e entrevistar e de cuja boa vontade em receber uma estranha em suas casas com tão grande acolhimento, educação, simplicidade e elegância, consolidaram minhas memórias afetivas das muitas rezadeiras que da minha vida fizeram parte. Mais além, me fizeram reviver a sensação polida de acolher de Sá Biata (assim mesmo com a letra “i”) e de Dona Maria, as quais me livraram de muitos quebrantos e olhados e, com isso, certamente me deram uma infância mais ativa e feliz.

A quem estendeu suas mãos generosas para essa realização, Elzir da Costa Vilas Bôas e Jéssica Fernandes Padre que incentivaram cada etapa deste trabalho e me fizeram ter noção de capacidade e potência em continuar realizando planos no decorrer do tempo que passa e de recordar qualidades intelectuais já um pouco desacreditadas, capacidades essas que agora sei que estão pulsantes. Minha gratidão!

Ao meu esposo, Marcelino, pessoa muito amada e que é uma dádiva divina em minha vida, presente em cada uma das minhas realizações. Sua confiança desperta o melhor de mim e me mostra habilidades que eu mesma desconhecia.

Aos meus filhos amantíssimos, Lucas, Maria e Marcelino, que permitiram fluir o tempo de estudo e dedicação a este trabalho, deixando de lado as próprias necessidades de estar com a mãe, mas compreendendo que eu nunca faltaria para eles.

A Maria Lima que foi meus braços e minhas pernas fora do corpo já que fez por minha vida aquilo que eu não poderia em muitos momentos dessa etapa percorrida, principalmente pela forma amorosa, cuidadosa e dedicada no fazê-lo.

A Jonatan, Sandrinha, Darlene, Néia, Rosália e Luís Cláudio que me deram uma imensa prova de confiança ao avalizarem a visita a Dona Lindaura, Dona Júlia, Dona Maria, Dona Naninha e Dona Zóla, cujas portas das casas me foram abertas de forma descontraída e tranquila, situação essencial para a realização das entrevistas. Jamais esquecerei os cafés que tomamos e nossas conversas e histórias contadas no pôr do sol de um sábado e na manhã de um domingo, realmente marcos em minha memória de vida.

A Roseli, Luzia, Manuela, Plácido, Jadilson, Jonatan e Cláudio, estrelas em forma de colegas de curso que muito me iluminaram e embelezaram esse caminho.

A todos os colegas, maravilhosas pérolas de amparo e companheirismo,
Minha gratidão!

SENHORA REZADEIRA

Senhora rezadeira
Reze uma prece com fé
Prá que a raça brasileira
Esteja sempre de pé

Reze prá que o nosso povo
Viva sempre a liberdade
E construa um mundo novo
Cheio de felicidade

Ô senhora rezadeira
Ô rezadeira senhora
Ô senhora rezadeira
Ô rezadeira senhora

Reze prá que a lua mansa
Nunca deixe de brilhar
E na vida a esperança
Nunca venha nos faltar

Reze prá que a falsidade
Seja sempre superada
E que o amor e a bondade
Andem sempre de mãos dadas

Ô senhora rezadeira
Ô rezadeira senhora
Ô senhora rezadeira
Ô rezadeira senhora

ô senhora rezadeira...

Compositores: Dedé Da Portela e Dida
Canta: Beth Carvalho

RESUMO

O ato de benzer é um importante elemento da cultura popular do nosso país. Essa cultura está atrelada às características inerentes a grupos sociais, seus modos de vivenciar e dar significado às suas experiências de vida e suas relações com outros grupos. Assim esta pesquisa tem como objetivo geral analisar a atuação das rezadeiras e sua repercussão nos aspectos comportamentais nos lugares a que pertencem, localizados no município de Vitória da Conquista – BA, Caetanos – BA, Cordeiros – BA e Ninheira – MG. Como objetivos específicos: conhecer o perfil e práticas de cura das rezadeiras nas suas comunidades, analisar a religiosidade popular e sua relação com o processo curativo, buscar nos fragmentos de memória elementos que fazem menção ao ato de benzer, investigar a condição periférica da mulher na religião e elencar as principais práticas e ritos utilizados em seu ofício de rezar. A coleta de dados ocorreu por meio de entrevistas realizadas com cinco mulheres atuantes no ofício da reza e benzimento, no período de julho de 2020 a agosto de 2021, utilizando-se a metodologia de pesquisa etnográfica de abordagem qualitativa e com o método de história oral, pois logrou-se por conhecer melhor os relatos e impressões dos participantes da pesquisa, promover a interação entre entrevistadora e as rezadeiras entrevistadas e conhecer suas vivências em diferentes papéis sociais enquanto também atuavam como mulheres de fé e cura, vislumbrando as dificuldades de viver em uma região com pouca ou nenhuma visibilidade. As participantes são pessoas simples e benzem àqueles que as procuram sem realizar qualquer cobrança financeira, apenas por acreditar em seu dom, disposição em servir e preocupar com a saúde e necessidades daqueles que as procuram. Foi utilizada ainda a pesquisa de revisão bibliográfica que deu embasamento teórico neste estudo. Este trabalho está assim organizado: a seção I é a introdução que traz os caminhos metodológicos, motivação e relevância da pesquisa; a seção II com o título “*Sobre as rezadeiras e seus lugares de pertencimento*” procuramos apresentar cada uma das mulheres que se dispuseram a dar a entrevista para elaboração deste trabalho com a descrição dos lugares onde vivem; a seção III é “*Reza x Ciência “Ái eu fui na casa desse curadô. Não falava ni médico, não*” quando se discute de um lado a medicina racional e, de outro, a medicina tradicional e ancestral das rezadeiras; na seção IV “*Perpetuando a tradição: transmissão de saberes*” propomos uma base de como o conhecimento das práticas das rezas ocorreu para cada uma das entrevistadas; na seção V “*Práticas de cura (ervas e ramos, reza e fé)*” estão elencadas as rezas e benzimentos utilizados pelas rezadeiras; a seção VI “*A importância da visibilidade na concepção das rezadeiras: “eu agradeço muito a você que chegou na minha casa, me inxergô e eu fiquei muito alegre da visita. Agradeço ela que foi ela que lhe trouxe também*” mostramos o quanto essas mulheres têm a necessidade em serem reconhecidas em seus ofícios; por fim na seção VII, a conclusão, em que há uma discussão dos resultados que demonstram que a benzedura está ameaçada de extinção nas comunidades da forma em que hoje a conhecemos, pois aprender essas práticas não tem sido uma questão valorizada pelas novas gerações.

Palavras-chave: Rezadeiras; Memória; Benzimento; Ofício da reza; Práticas da reza.

ABSTRACT

The act of blessing is an important element of our country's popular culture. This culture is linked to the inherent characteristics of social groups, their ways of experiencing and giving meaning to their life experiences and their relationships with other groups. Thus, this research has the general objective of analyzing the performance of faith healers and their impact on behavioral aspects in the places to which they belong, located in the municipality of Vitória da Conquista - BA, Caetanos - BA, Cordeiros - BA and Ninheira – MG. As specific objectives: to know the profile and healing practices of faith healers in their communities, to analyze popular religiosity and its relationship with the healing process, to look for elements in the memory fragments that mention the act of blessing, to investigate the peripheral condition of women in religion and to list the main practices and rites used in their praying service. Data collection took place through interviews with five women working in the praying service and faith healing, from July 2020 to August 2021, using the ethnographic research methodology with a qualitative approach and the oral history method, as it was possible to get to know the reports and impressions of the research participants better, to promote interaction between the interviewer and the faith healers interviewed and to know their experiences in different social roles while also acting as women of faith and healing, glimpsing the difficulties of living in a region with little or no visibility. The participants are simple people and bless those who seek them without making any financial charge, just because they believe in their gift, willingness to serve and concern for the health and needs of those who seek them. A bibliographic review research was also used, which provided the theoretical basis for this study. This work is organized as follows: section I is the introduction to the methodological paths, motivation and relevance of the research; section II titled *"About the faith healers and their place of belonging"* we wanted to present each of the women that were willing to give their statements for the elaboration of this research with the description of the places that they live; section III entitled *Pray x Science "Then I went to this curadó's house. I didn't talk about a doctor, no"* when rational medicine is discussed on the one hand and, on the other hand, the traditional and ancestral medicine of the mourners; in section IV *"Perpetuating tradition: transmission of knowledge"* we propose a basis for how the knowledge of prayer services occurred for each of the interviewees; section V *Healing practices (herbs and branches, prayer and faith)* are listed the prayers and blessings used by the mourners; section VI *The importance of visibility in the conception of faith healers: "I am very grateful to you who arrived at my house, saw me and I was very happy with the visit. I thank her because she was brought you too"* we show how much these women need to be recognized in their prayer practices; finally, the section VII, the conclusion in which there is a discussion of the results that demonstrate that the praying is threatened with extinction in the communities as we know it today, since learning these practices has not been an issue valued by the new generations.

Keywords: Faith healers; Memory; Faith healing; Praying service; Prayer practices.

RESUMEN

El acto de bendecir es un importante elemento de la cultura popular de nuestro país. Esa cultura está vinculada a características inherentes a grupos sociales, sus modos de vivir y dar significado a sus experiencias de vida y sus relaciones con otros grupos. Así esta encuesta posee como objetivo general analizar el acto de las curanderas y su repercusión en los aspectos comportamentales en los lugares que pertenecen, ubicados en el partido de Vitória da Conquista-BA, Caetanos-Ba, Cordeiros-BA y ninheira-MG. Como objetivos específicos: conocer el perfil y las prácticas de cura de las curanderas en sus comunidades, analizar la religiosidad popular y su relación con el proceso curativo, buscar en los fragmentos de memoria elementos donde se mencionan el acto de bendecir, investigar la condición periférica de la mujer en la religión y estadificar las principales prácticas y ritos utilizados en su acto de rezar y bendecir, en el periodo de julio de 2020 hasta agosto de 2021, utilizándose de la metodología de encuesta etnográfica de abordaje cualitativa y con el método de historia oral , pues se logra por conocer mejor los relatos y impresiones de las participantes de las encuestas, promover la interacción entre el entrevistador y la entrevistada y conocer sus vivencias en diferentes papeles sociales mientras también actuaban como mujeres de fe y cura, vislumbrando las dificultades de vivir en una región con poca o ninguna visibilidad. Las participantes son personas simples y bendicen a aquellos que las procuran sin realizar cualquier cobro financiero, a penas por creer en su don, disposición en servir y preocuparse con la salud y necesidades de aquellos que las procuran. Fue utilizado todavía la encuesta de revisión bibliográfica que permitió embasamiento teórico en este estudio. Este trabajo está así organizado: la sección I es la introducción que trae los caminos metodológicos, motivación y pertinencia de la investigación; la sección II titulada “Sobre las rezadeiras y sus lugares de pertenencia” buscamos presentar a cada una de las mujeres que estuvieron dispuestas a dar la entrevista para la elaboración de este trabajo con la descripción de los lugares donde viven; la sección III con el título “Reza x Ciencia “Ahí me fui en la casa de ese curador. No decía ni médico, no” cuando se discute de un lado la medicina racional y , del otro, la medicina tradicional y ancestral de las curanderas; en la sección IV ”Perpetuando la tradición: transmisión de saberes” proponemos una base de como el conocimiento de las prácticas de las rezas ocurrió para cada una de las entrevistadas; la sección V “ Prácticas de cura (yerbas y ramos , reza y fe)” están establecidas las rezas y bendiciones utilizados por las curanderas; la sección VI “La importancia de la visibilidad en la concepción de las curanderas ”yo agradezco mucho a usted que llegó en mi casa , me vio y me quedé muy alegre de la visita. Agradezco a ella que fue ella que les trajo también” mostramos el cuán esas mujeres tienen la necesidad en ser reconocidas en sus oficios; por fin la sección VII, la conclusión, en que hay una discusión de los resultados que demuestran que el curanderismo está amenazado de extinción en las comunidades de la forma en que hoy la conocemos, pues aprender esas prácticas no han sido una cuestión valorada por las nuevas generaciones.

Palabras-clave: Curanderas; Memoria; Bendición; Oficio de rezar; Practicas de reza.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 e 2: Localização do município de Vitória da Conquista – BA e sua proximidade com o Norte de Minas Gerais	31
Figura 3: Rezadeira Dona Júlia, Povoado do Alegre, Caetanos - BA.....	34
Figura 4: Localização da cidade de Caetanos - BA	35
Figura 5: Leitura do TCLE com paramentos para prevenção à COVID-19 em entrevista a Dona Júlia.....	35
Figura 6: Rezadeira Dona Lindaura, Vitória da conquista - BA.....	37
Figura 7: Localização da cidade de Cordeiros – BA.....	38
Figura 8: Rezadeira Dona Naninha, Cordeiros - BA	39
Figura 9: Rezadeira Dona Maria, Cordeiros - BA	41
Figura 10: Rezadeira Dona Zóla, Ninheira - MG.....	42
Figuras 11 e 12: Capela onde foi concedida a entrevista de Dona Zóla	43
Figura 13: Oração para retirada e descarte dos ramos por Dona Naninha.....	77
Figuras 14 e 15: Práticas de reza por Dona Naninha	77
Figura 16 e 17: Interior da casa de Dona Naninha com imagens.....	79
Figura 18: Capela de Dona Zóla	79
Figura 19: Interior da Capela de Dona Zóla com seus santos de devoção.....	80
Figura 20: Santos de devoção de Dona Maria.....	80
Figura 21: Imagem de Nossa Senhora do Parto feita em madeira.....	81
Figura 22: Mesa dos santos e lugar de benzimento de Dona Lindaura.....	82
Figura 23: Distância entre a Rua da Misericórdia e o Poço Escuro.....	83
Figuras 24: Copo com água do mar, vela e ramos.....	84
Figura 25: Instruções após benzimento.....	92
Figura 26 e 27: Rezadeira Dona Lindaura no exercício do seu ofício.....	99
Figura 28: Conversa com Dona Maria em Cordeiros - BA.....	101
Figuras 29 e 30: Dona Zóla em encontro com padre.....	103

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Identificação das rezadeiras.....	20
Tabela 2: Remédios caseiros citados/utilizados pelas rezadeiras.....	75

LISTA DE SIGLAS

ANPOCS – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais

COVID-19 – Corona Vírus do ano de 2019

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

MSD – *Merck Sharp and Dohme*

OMS – Organização Mundial de Saúde

SARS-COV-2 – Síndrome Respiratória Aguda Grave por Corona Vírus 2

SPHAN – Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

SUS – Sistema Único de Saúde

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UFPR – Universidade Federal do Paraná

SUMÁRIO

I INTRODUÇÃO.....	15
II SOBRE AS REZADEIRAS E SEUS LUGARES DE PERTENCIMENTO.....	26
III REZA X CIÊNCIAS “Aí eu fui na casa desse curadô. Não falava ni médico, não”.....	45
IV PERPETUANDO A TRADIÇÃO: TRANSMISSÃO DE SABERES.....	57
V PRÁTICAS DE CURA (ERVAS E RAMOS, REZA E FÉ)	65
VI IMPORTÂNCIA DA VISIBILIDADE NA CONCEPÇÃO DAS REZADEIRAS: “Eu agradeço muito a você que chegou na minha casa, me inxergô e eu fiquei muito alegre da visita. Agradeço ela que foi ela que lhe trouxe também”	95
VII CONCLUSÃO.....	106
REFERÊNCIAS.....	110
ANEXO A – Oração do Pai Nosso.....	118
ANEXO B – Oração da Ave Maria.....	119
APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE.....	120
APÊNDICE B - Termo de Autorização de Uso de Imagem e Depoimentos.....	123
APÊNDICE C – Roteiro de Entrevista.....	124
APÊNDICE D – Formulário de Pesquisa.....	125

1 INTRODUÇÃO

O intuito desse estudo foi chamar a atenção para o ofício das rezadeiras e contribuir na ampliação da discussão a respeito da prática do benzimento que beira o esquecimento pelo perigo das disputas religiosas.

A etimologia da palavra benzer tem origem no latim *bene dicere*, cujo significado é falar bem de outrem ou, como ficou mais associado, fazer o bem a outrem, sendo também sinônimo de abençoar ou fazer benzedura (DINIZ & DINIZ, 2018). Já o sinônimo da palavra reza é oração, conseqüentemente, rezar é o ato de orar e, nesse ínterim, rezadeira é a mulher que utiliza da benzedura para o ato de benzer ou curar e a benzedura seria então o “ato de benzer, de curar moléstias por meio de rezas”. (ROCHA; PIRES, 2005)

Nascimento (2017), Diniz e Diniz (2018), Santos (2009) e Maciel e Guarim Neto (2006) não diferenciam benzedoras de rezadeiras e postulam que tanto um termo quanto o outro podem ser utilizados para identificar a mulher que utiliza do conhecimento místico-religioso para promover aqueles que necessitam e buscam no seu acolhimento e disposição para fazer o bem, a cura para diversos tipos de males e o reestabelecimento do equilíbrio físico, mental e espiritual.

Consideramos como sinônimas as formas de identificação *benzedora* e *rezadeira*, enquanto relacionais ao papel social e religioso que mulheres exercem em seus locais de vivência e atuação, já que benzer e rezar são rituais que não ocorrem um sem o outro. Para benzer é necessário rezar e é através da reza que ocorre o benzimento.

Observamos que as rezadeiras entrevistadas se declaram vinculadas à fé católica. Passamos a utilizar neste trabalho o termo *rezadeiras* a pedido de algumas entrevistadas ou filhas destas, pois o termo *benzedoras* passa, segundo elas, uma ideia de vinculação a outras religiões. Enfatizaram que se sentem vinculadas à Igreja Católica quando são chamadas de rezadeiras, mas não sabem dizer o motivo dessa associação. São pessoas tradicionais, com suas crenças bem definidas provenientes de seu meio cultural, o que nos coloca em posição não julgadora e de respeito a essa vontade.

As rezadeiras são um patrimônio cultural nacional¹, cuja história de vida e atuação ficam na nossa memória, geralmente relacionadas ao cuidado e à cura. Conforme Bandeira (2013), essa memória transpõe os limites regionais, podendo ser percebida como memória

¹São adotados os termos “bens culturais” e “imaterial” para reconhecer a religiosidade como fomentadora do exercício de cidadania no país, sendo de responsabilidade do Estado a promoção e o reconhecimento da diversidade cultural. (SANTOS, 2009)

generalizada nos diversos territórios brasileiros. Com as repetições das rezas, evocando o espírito santo e o poder de Deus elas contribuem para a manutenção dessa prática de cultura imaterial² na comunidade sertaneja. (CALHEIROS, 2017)

Nesse contexto, ter uma avó parteira e rezadeira, cuja casa de chão batido não lhe parecia mais do que uma casa, na simples e sagrada função de teto protetor, inspira a encontrá-la em outras pessoas que se colocaram à disposição do outro para alívio de dores. Dores físicas como a dor de dente, dor de cabeça, dor nas costas. Dores de dentro, como o quebranto e o mau olhado³. Dor na perda, na extrema unção, agindo diretamente na atenção àqueles que estão a se despedir da vida, e consolo àqueles que ficam na saudade.

Fazendo uma reflexão sobre o conceito de Husserl (2000) sobre a Redução Fenomenológica, cujo conceito é explicado por Ribeiro (2006, p. 28) como sendo “encontrar-se com a essência e com a existência das coisas, porque só um encontro assim nos permitirá ver a pessoa como um todo”, direciono este estudo para a memória afetiva que é eliciada a partir da figura das rezadeiras, na presunção de buscar a essência consciente no encontro e mostrar a sua realidade de gênero, religiosidade e alteridade. Para, além disso, trazer o perfil do feminino no social de característica patriarcal e sua história de adaptação e resiliência.

Está nesse ponto a primeira e grande motivação para o planejamento e execução deste trabalho, ou seja, mostrar a realidade da mulher em uma região de cultura que oprime o feminino e condena a uma situação de silenciamento. A mulher, em tal ambiente, consegue o respeito e a defesa de uma posição de fala a partir do manejo do mágico-sagrado direcionado à cura e cuidados de saúde física e mental em ambientes não atendidos ou sub-atendidos pela religião, política e medicina tradicional. Assim, teremos como foco a atividade de rezadeiras em suas comunidades⁴ e, além disso, mostrar como se dá o convívio entre o sagrado e o profano, entre a mulher da cura e a mulher da casa, do lar e da comunidade.

A memória das rezadeiras em suas comunidades associa-se às suas práticas e atitudes de amparo e acolhimento, dedicação e aconchego em momentos de dor e sofrimento e essas

²Idem ¹

³Mau olhado e quebranto são termos culturais comuns entre as rezadeiras para identificar qual ritual ou reza utilizar no benzimento e designa “sentimentos negativos irradiados por outras pessoas, principalmente através do olhar, que faz com que a vítima adoença, fique triste ou apática” (SIMON et al., 2019 p. 3) e, segundo os autores, os sintomas apresentados relacionam-se com psicopatologias, principalmente a depressão.

⁴Para Zygmunt Bauman (2003), a palavra comunidade, antes de um conceito, expressa uma sensação boa associada ao sentimento de liberdade e de segurança. Campos (2007) distingue a comunidade enquanto espaço geográfico e psicossocial, determinando o ambiente físico, como um bairro, ou o ambiente relacional, referente ao grupo formado por pessoas. (CAMPOS, 2007)

atitudes se explicam pela condição da natureza social do ser humano e pela sua inerente condição de ter feito parte de uma sociedade; quando uma recordação ocorre, é consequência de uma aproximação de percepções que favorece o surgimento da lembrança. (HALBWACHS, 2006)

Segundo Farinha (2012), há uma visível condição majoritária da mulher no ofício do benzimento e elas se destacam na oferta da bênção de cura para pessoas com fé nessa prática. Esse perfil feminino do benzimento reforça a memória afetiva das rezadeiras e sua permanência na memória coletiva como pessoas que medeiam o mundo material e o sagrado, detentoras de poder e respeito dentro da comunidade em que estão inseridas.

Seguindo o pensamento de Lewitzki (2017), entende-se as práticas das rezadeiras como uma condição de alteridade desenvolvida a partir da convivência e do cuidado com o outro no manejo de condições mágico-religiosas para lidar com suas mazelas físicas e de alma. Associamos o fazer das rezadeiras, a partir do exercício de seu conhecimento da arte de curar, com o fomento de relacionamento interpessoal, no qual as pessoas interagem e modelam comportamentos.

Para entender essas relações e implementar um trabalho científico, é importante determinar e informar os aspectos teóricos e metodológicos que foram seguidos, principalmente no tocante às pesquisas relacionadas às fontes orais pela importância do acervo cultural subjetivo que está inserido nessa base, envolvendo o falar e o ouvir, com ênfase à observação em cada localidade de vivência e experiência das pessoas entrevistadas. (NASCIMENTO, 2017)

É na condição de seres humanos como essencialmente seres relacionais que compomos o trabalho que aqui apresentamos a partir da vivência em um ambiente sertanejo que transborda os limites de cidades e estados e do qual fazemos parte. Um ambiente regional, familiar, de construção e transmissão de saberes, no qual foi desenvolvida a pesquisa sobre as mulheres rezadeiras, seguindo uma base fenomenológica:

A essência das coisas e das pessoas precisa ser descoberta e lida na realidade do outro, pessoa ou mundo. Não basta descobrir cognitivamente a essência das coisas, encontrar-se com seu sentido, é preciso ir além da sua essência, mergulhando no *como* das coisas, em seu significado, transformando-o no chão firme a partir do qual a existência humana faz sentido. (RIBEIRO, 2006 p. 28)

O caminho para a realização da pesquisa passou, inicialmente, pela divulgação da necessidade em entrevistar mulheres rezadeiras para realização da dissertação de mestrado e

muitas foram as indicações. No entanto, ponderamos em encontrar aquelas que fizessem parte da região de Vitória da Conquista e Norte de Minas Gerais pela afinidade que temos com a cultura desse lugar. As rezadeiras entrevistadas estão registradas na memória afetiva da população dessa região, sem fazer parte de estatísticas formais para uma base quantitativa a ser referenciada.

A escolha sobre a localidade de moradia das mulheres entrevistadas teve o propósito de expor o quanto as regiões estão próximas em questões de localização geográfica e de formação histórica e trazer o perfil do sertanejo desde a sua cultura miscigenada e sua condição de autonomia gerada pela resistência e insulamento da Corte Portuguesa (COSTA, 2016) que muito reprimia os costumes e culturas da população “mineira”, ao contrário do que aconteceu com os “baianos”.

Abordamos, neste trabalho, a história de vida contada pelas rezadeiras e de sua atividade no ofício do benzimento, bem como da religiosidade que orbita a história de cada uma. Trabalhar essa história de vida requer enaltecer muitas das memórias silenciadas e abafadas, que tem o momento oportuno para vir à tona, já que grupos dominados possuem uma memória subterrânea que não versa com a memória oficial pregada pela sociedade dominadora e “distinguir entre conjunturas favoráveis ou desfavoráveis às memórias marginalizadas é de saída saber a que ponto o presente colore o passado”. (POLLAK, 1989, p. 23)

Visando a construção da memória para uma história que pode ser silenciada, a pergunta que norteia a pesquisa é, justamente, quem são as rezadeiras, quais são as suas práticas e sua importância dentro das comunidades em que vivem? Mais ainda, nos inquieta a questão de como essas pessoas, no papel de amparo, exercem influência no comportamento de indivíduos e comunidades, principalmente aquelas com maior dificuldade em obter acesso aos cuidados médicos e hospitalares e como conseguem administrar o convívio entre o sagrado e o profano e entre a casa e a comunidade.

Neste estudo, abordam-se as práticas realizadas pelas rezadeiras para alcançar a cura e levamos em conta as dedicatórias, o culto de imagens e objetos religiosos, os rituais realizados e a identificação ou preparação de alguns remédios. Neste ínterim, colocamos como objetivo geral analisar a atuação das rezadeiras e sua repercussão nos aspectos comportamentais nos lugares a que pertencem.

No curso da pesquisa foi necessária a mudança do tema de “Rezadeiras e benzedoras conquistenses: histórias de fé, amparo e cura” para “Entre rezas e práticas de cura: a atividade de benzedoras em suas comunidades” e, por fim, para o tema atual “Memória de rezadeiras:

devoção, crença, fé e práticas”, visto que, no decorrer das entrevistas e narrativas, tivemos a necessidade de ampliar o alcance dos lugares visitados, abarcando os temas abordados pelas rezadeiras em seu discurso livre.

Como objetivos específicos, tivemos a pretensão de conhecer o perfil e práticas de cura das rezadeiras nas suas comunidades, analisar a religiosidade popular difundida por elas e a sua relação com o processo curativo, buscar nos fragmentos de memória elementos que fazem menção ao ato de benzer, investigar a condição periférica da mulher na religião e como isso pode influenciar no empoderamento feminino e elencar as principais práticas e ritos utilizados em seu ofício de rezar e os fatores de risco de extinção dessas práticas.

Para atingir esses objetivos, e levando em consideração que esta dissertação deve servir para uma construção de memória a partir dos relatos de vida de rezadeiras em uma região de muitas peculiaridades históricas, mas poucos estudos e pesquisas relacionados, devemos tomar o cuidado de obter um caminho metodológico que possa validar nosso estudo, colaborando para a compreensão e clarificação sobre o objeto da pesquisa, mais além, sobre o quanto a história de cada ser humano envolve seus antecedentes socioambientais. Por objeto de pesquisa, não temos a intenção de tornar a pessoa entrevistada uma “coisa” objetivada, mas um sujeito que recorda, conta e transmite suas memórias. (BOSI, 1983)

O método escolhido foi a história oral com vistas a investigar a memória como uma vivência cotidiana em um campo social de diálogo que propõe a reflexão, pois para Alessandro Portelli (2010) isso possibilita que a história contada e reproduzida venha também a partir do vivido, dando a condição de enfrentamento ao registro do pensamento dominante oficial e possibilitando que haja legitimação e construção dessa memória através de visões críticas de pessoas em relação a esse pensamento dominante.

A memória tem o potencial vigoroso de, muito além de apenas registrar lembranças, se distinguir por registro de processos históricos que estão ocorrendo, registro que ocorre na dinâmica entre narrativas e narradores, em diálogos plurais sobre temas de vida dentro de uma história de mundo (PORTELLI, 2010).

Esse método surgiu no início do século XX com o advento dos gravadores de voz e consiste em gravar as entrevistas com pessoas que tenham participado ou testemunhado eventos passados ou atuais. (ALBERTI, 2020) Segundo Alberti (2004), refere-se ao retorno aos fatos e envolve o relato e o ponto de vista daquele que narra sobre o que ocorreu no passado às suas próprias versões subjetivas e “tem o grande mérito de permitir que os fenômenos subjetivos se tornem inteligíveis, isto é, que se reconheça neles, um estatuto tão concreto e capaz de incidir sobre a realidade quanto qualquer outro fato”. (ALBERTI, 2004)

A narrativa de cinco rezadeiras, identificadas na Tabela 1, entrevistadas no período de julho de 2020 a agosto de 2021, nos levou a conhecer suas vivências em diferentes papéis sociais enquanto mulheres de fé e cura, filhas, mães e esposas, bem como suas dificuldades em viver nessa região cuja visibilidade foi pouca ou nenhuma. Suas narrativas mostram que a “a lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual”. (BOSI, 1983 p.17) e encontra reforço na história de cada ser que conta e recorda.

Tabela 1: Identificação das rezadeiras

Nome	Apelido	Idade	Religião declarada	Cidade	Data da entrevista
Ana Francisca de Almeida	Dona Naninha	76	Católica	Cordeiros-BA (zona rural)	10/07/2021
Frizolina Venerana da Rocha	Dona Zóla	87	Católica	Ninheira-MG (zona rural)	13/08/2021
Lindaure Maria de Jesus	Dona Lindaure	95	Católica	Vitória da Conquista-BA (zona urbana)	12/05/2021
Maria Barbosa do Nascimento	Dona Maria	67	Católica	Cordeiros-BA (zona rural)	11/07/2021
Maria Júlia da Silva	Dona Júlia	110	Católica	Caetanos - BA (zona rural)	10/10/2020

Fonte: Elaboração própria (2022)

Houve a necessidade de registro dos relatos paralelos de Rosália Nascimento Rocha (Rosália) de 34 anos e de Helenita Santos de Oliveira (Nitinha), 76 anos, filhas de Dona Maria e de Dona Júlia, respectivamente. Elas estiveram presentes no momento da entrevista às suas mães. Nitinha foi uma mediadora na entrevista com dona Júlia que lhe reconhecia a voz mais facilmente pela familiaridade, passando a dar contribuições contextuais ao relato da mãe. Rosália, no decorrer da entrevista com Dona Maria, colaborou com informações e clarificações que foram muito importantes para a elaboração deste trabalho.

O critério de inclusão foi de entrevistar mulheres que fossem reconhecidas dentro de sua comunidade como pessoas que exerciam o ofício das rezas e benzimentos,

independentemente da idade. O critério de exclusão foi a recusa em participar da pesquisa após a leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e do Termo de Autorização de Uso de Imagem e Depoimentos ou a condição de serem indivíduos do sexo masculino.

Como aspecto ético a entrevistadora leu o Termo de Consentimento livre e Esclarecido e o Termo de Autorização de Uso de Imagem e Depoimentos, em voz alta, com o cuidado de confirmar se estava sendo ouvida tanto pela entrevistada quanto por uma filha ou filho que era chamado a testemunhar e orientar à mãe sobre o documento em caso de dúvidas, já que algumas idosas tinham problemas de audição e condição comprometida de leitura.

A leitura deste termo comunica aos participantes sobre as intenções da pesquisa, em atendimento à Resolução nº 466/2012, de 12 de dezembro de 2012. Como aceitaram participar, assinaram o mesmo como garantia de a qualquer momento poder desistir de participar da pesquisa, sem qualquer tipo de retaliação.

As entrevistas ocorreram da seguinte maneira: elaboração do caderno de campo para registro dos antecedentes da pesquisa, pesquisa de campo, transcrição das entrevistas, leitura de autores relacionados ao tema e discussão teórica relacionada com as narrativas.

Na pesquisa de campo inicialmente ocorreu a aproximação nas diversas comunidades através de pessoas amigas em comum entre as rezadeiras e a entrevistadora. Em seguida, foram feitas as visitas mediadas por essas pessoas, momento em que ocorreram as entrevistas e foram coletados os dados com a gravação em áudio e registro fotográfico. Um formulário de pesquisa com dados pessoais e sociais das rezadeiras era então preenchido para identificação e introdução às transcrições no computador.

Para a realização das entrevistas, registro dos depoimentos e relatos das vivências, foram utilizados meios tecnológicos de gravação de imagem e som, como celular e gravador. Para captação das imagens, não foram realizados vídeos, apenas fotografias tiradas a partir do telefone celular. As técnicas e instrumentos de análises de dados foram feitas através de *Softwares Word e Windows*, onde se procederam as leituras de conteúdos qualitativos lançando mão de desenvolvimento de figuras, quadros e outros.

A não realização de vídeos se deu pelo comprometimento da condição de espontaneidade das rezadeiras, pois ao manusear o telefone celular elas paravam de falar e voltavam sua atenção para o aparelho, esquecendo às vezes da continuidade da ideia que estavam desenvolvendo.

Ao trabalhar com mulheres por muito silenciadas e que aprenderam a viver em suas comunidades entre o respeito e o julgamento, optamos por entrevistas com tema livre, que

proporcionaram a coleta de opiniões e seus relatos de experiência. Observamos que, mesmo sem se conhecerem, falavam de forma convergente sobre suas histórias com temas envolvendo práticas de benzimentos, ancestralidade, dificuldades para atuação, aplicação de práticas e rituais, história de vida, religiosidade e o benzimento na atualidade.

Para a realização deste estudo, a pesquisa teve um caráter etnográfico com a finalidade de descrever peculiaridades de uma população ou fenômeno e estabelecer relações entre variáveis. A abordagem qualitativa foi escolhida por tratarmos de uma pesquisa com pessoas em seus ambientes sociais, bem como de observar suas ações e interações em seus locais de vivência, através da fala e expressões, cujos saberes foram difundidos pela oralidade. Segundo De Sordi (2017), a abordagem qualitativa é mais adequada para compreensão dos sujeitos estudados por estar mais voltada para a subjetividade. Para Santos Filho e Gamboa (2013):

O pesquisador precisa tentar compreender o significado que os outros dão às suas próprias situações. Tarefa essa realizada segundo uma compreensão interpretativa da primeira ordem de interpretação das pessoas, expressa em sua linguagem, gestos etc. Trata-se de um processo de compreensão, em geral, com dois níveis. O primeiro é o da compreensão direta ou apreensão imediata da ação humana sem qualquer inferência consciente sobre a atividade. No segundo nível, que é mais profundo, o pesquisador procura compreender a natureza da atividade em termos do significado que o indivíduo dá a sua ação. (SANTOS FILHO & GAMBOA, 2013, p. 42)

Como propõem Santos Filho e Gamboa (2013), tecer o método não se trata apenas de especificá-lo, mas de uma condição muito mais complexa de estabelecer a relação deste com a abordagem daqueles que serão objeto de estudo, dos sujeitos envolvidos, bem como os objetivos a eles relacionados, com visão direta e principalmente voltada a cognição, maneiras de ver o mundo e seus interesses.

Para o desenvolvimento desta pesquisa foram os desafios. O primeiro foi identificar quem seriam as rezadeiras, onde iríamos encontrá-las e como faríamos para chegar até elas. Inicialmente procuramos uma Igreja Católica pelo vínculo das rezadeiras com essa instituição e parecia muito simples resolver tais questões, no entanto fomos atendidos com certa estranheza e com muitas negativas. Desse momento em diante, passamos a pesquisar entre pessoas amigas e conhecidas se sabiam de alguém que fosse desse ofício e que pudessem nos apresentar.

No decorrer do tempo, amigos, conhecidos e colegas se propuseram a ajudar. Quem não conhecia diretamente, conhecia indiretamente e indicava alguém que pudesse nos levar até as rezadeiras. Muito importante registrar que sem a apresentação de pessoas do seu

convívio as entrevistas seriam breves e sem muitos detalhes, pois foi percebido que a ponte entre o amigo em comum e as rezadeiras nos rendeu a confiança imediata e a boa vontade em contar a história de vida ali almejada para o nosso trabalho.

Outro grande desafio a ser registrado foi o momento de pandemia pela disseminação do vírus SARS-CoV-2, causador da doença infecciosa denominada de COVID-19, pelo qual passava o mundo na época das entrevistas e ainda passa nesse momento, porém com mais informações sobre consequências e contágio e com o incremento da vacina. Protocolos de proteção como distanciamento e isolamento social, com uso de máscara e do álcool em gel a 70% ou lavagem das mãos foram implementados para diminuição das condições de contágio do vírus (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2021).

Com as rezadeiras foi percebida a negação e resistência em utilização de fatores de proteção contra o contágio do vírus causador da COVID-19, evidenciado pela condição de não colocação de regras pela família para a visita da entrevistadora, cabendo a esta a preocupação em manter um ambiente de segurança para a realização das entrevistas sem qualquer prejuízo de saúde para os envolvidos. Ao serem perguntadas sobre o medo da doença todas as rezadeiras, nas diversas e distantes localidades, em unanimidade, informaram ser a fé a condição de proteção mais importante e que estavam protegidas “Com a graça de Deus”. De fato, nenhuma delas pegou a doença.

Para construção de um ambiente seguro, as entrevistas foram realizadas em lugares arejados e ventilados e a pesquisadora teve o cuidado de ficar em quarentena antes de visitar cada entrevistada, passando entre oito e quinze dias sem sair de casa. Além disso, ao sair para a casa das rezadeiras teve o cuidado em ir direto, sem passar por qualquer outro lugar, devidamente higienizada e com utilização da máscara e do álcool.

Durante a pandemia, as entrevistas em geral ocorriam por meios remotos, através de rede social ou de plataforma digital. Porém, com as rezadeiras foi muito frustrada essa ideia já que elas não iriam se envolver nas narrativas a partir dos aparelhos celulares. A maior perda seria em termos de espontaneidade, pois são mulheres simples e de vida pitoresca, ainda sem muita afinidade com a tecnologia. Elas gostam de falar pessoalmente, olhando nos olhos, à beira das mesas de café com biscoitos e bolos. Pelo telefone, a cultura delas é de levar pouco tempo de conversa, mesmo com parentes próximos.

A entrevista com as rezadeiras neste momento de pandemia possibilitou um conhecimento mais apurado da autonomia dessas mulheres em relação ao próprio corpo e vida. Essa pesquisa não poderia ocorrer sem o envolvimento face a face pela riqueza e minúcia em suas memórias, seu contexto de vida e moradia e seu protagonismo na construção

da própria história. As fotos espalhadas em suas casas, as mesas de devoção aos santos, as expressões e as peculiaridades colhidas nos provam que não haveria como descrever tamanho acervo de estímulos visuais se essas entrevistas fossem via redes sociais.

A relevância da pesquisa está em estabelecer a memória das rezadeiras de uma região com poucos estudos a respeito, bem como enaltecer o ofício em seu caráter e perfil feminino enquanto ser humano voltado para seus conhecimentos ancestrais, em reconhecido respeito à natureza apesar da condição coadjuvante dentro do processo patriarcal de herança escravista que constituiu e ainda dita comportamentos em nosso país. Teses e dissertações a respeito do tema foram e estão sendo feitas no território brasileiro, tratando de mostrar mulheres nas mais diversas regiões do Brasil que se ocuparam de cuidar e acolher a dor do outro. A partir desses trabalhos muitos Estados estão dando o reconhecimento como “Cultura Imaterial” ao ofício da reza e do benzimento. Não havendo tais estudos, pesquisas e registros de memória desse ofício e prática de cura, não há como construir base para tal reconhecimento.

Muito foi observado, mas alguns pontos em comum foram identificados nas entrevistas, pontos esses que serão apresentados em tópicos para melhor entendimento e organização de ideias. Neste sentido a presente dissertação possui a seguinte estrutura: na Introdução, como Seção I, traremos informações sobre conceitos básicos, objetivos, metodologia e relevância do estudo realizado.

A Seção II sob o título “*Sobre as rezadeiras e seus lugares de pertencimento*”, traz a visão geral de cada rezadeira que foi visitada e entrevistada com as características dos seus locais de moradia e vivência, buscando a contextualização das falas com seu meio cultural através de algumas características históricas e geográficas de cada lugar.

Na Seção III *Reza x Ciência* “*Aí eu fui na casa desse curadô. Não falava ni médico, não*”, relacionamos a Ciência e as práticas de cura das rezadeiras a partir de relatos e recordações, fazendo um paralelo em época mais remota entre a medicina racional, pouco acessível às camadas mais pobres da população, e as estratégias de alívio das enfermidades da medicina popular, cujas demandas surgiram a partir das condições de ausência ou distância do amparo das políticas públicas de saúde e apontamos marcos da memória ocorridos e enfrentados por algumas das entrevistadas em epidemias de varíola e sarampo vividas com suas famílias.

Na Seção IV, *Perpetuando a tradição: transmissão de saberes*, buscamos as memórias das rezadeiras em relação à maneira como aprenderam seus ofícios, bem como a dificuldade em transmití-los para as próximas gerações a partir de mudanças de contextos históricos e sociais com o passar do tempo. Também traçamos algumas convergências e divergências nos

saberes em determinados pontos, já que a transmissão desses conhecimentos ocorreu a partir da oralidade.

Com o título *Práticas de cura (ervas e ramos, reza e fé)* a quinta seção contém o registro, a partir das narrativas das rezadeiras, de práticas de cura relacionadas ao seu ofício e suas aplicações. Também procuramos analisar, a partir da história de miscigenação e sincretismo do povo brasileiro, pontos relacionais entre rituais de base católica e afro-indígenas.

Na Seção VI, *A importância da visibilidade na concepção das benzedadeiras*: “*eu agradeço muito a você que chegou na minha casa, me inxergô e eu fiquei muito alegre da visita. Agradeço ela que foi ela que lhe trouxe também*”, discutiremos o tema elencando as condições histórico sociais que levaram as rezadeiras a um perigo de cair no esquecimento pelas novas configurações de acessibilidade aos tratamentos médicos, que deixam para esse ofício as demandas de enfermidades espirituais, o que as leva para o cerne das memórias em disputa entre as religiões hegemônicas sem que tenham intenções conscientes dessas disputas.

O último segmento será o VII, da Conclusão, onde proporemos uma reflexão sobre os temas abordados em cada capítulo com a memória existente nas narrativas das rezadeiras entrevistadas, procurando responder quem são essas mulheres e como está ocorrendo sua atuação dentro de suas comunidades, bem como as dificuldades que enfrentam e, principalmente, o risco dessas práticas caírem no esquecimento pela dificuldade em transmiti-las por faltar interessados em aprender.

Enfatizamos a importância em registrar a memória das rezadeiras por constituírem esse patrimônio cultural vivo e ainda acessível. São vivências peculiares e práticas que trazem em si uma história de amparo e acolhimento, mas em configuração do feminino e do social que está deixando de existir e dando lugar a novas maneiras de aplicação dessas práticas.

Estar em contato com testemunhos que presenciaram os fatos é um privilégio para qualquer pesquisador, pois poderá observar diretamente o comportamento do passado contado por aquele que o viveu, assim há uma emergente necessidade em enraizar a história, contar a memória e ter acesso ao esquecimento e omissões, mas acima de tudo a partir dos fatos contados e colhidos com rigor e sutileza pelo pesquisador poder analisar visões de mundo e identidades a partir do passado e das ideologias, tendo acesso ao antecedente de formação das simbologias do presente. (BOSI, 2003)

II SOBRE AS REZADEIRAS E SEUS LUGARES DE PERTENCIMENTO

A dissertação de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal do Paraná (UFPR) de Taisa Lewitzki, orientada pela professora Liliana Porto, traz o tema “A vida das benzedeiras: caminhos e movimentos”. Esse trabalho recebeu a menção honrosa do prêmio mais importante de Ciências Sociais do Brasil da ANPOCS (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais) e foi base para elaboração do Projeto de Lei Estadual 877/2017 que deu origem à Lei Estadual 19.689/2018, estabelecendo e reconhecendo as rezadeiras do Estado do Paraná como um Patrimônio Cultural Imaterial. (CASA DE NOTÍCIAS, 2020)

Para ser consideradas como um “Patrimônio Cultural Nacional” ou ter o cunho de “Cultura Imaterial”, ou ainda “Patrimônio Imaterial”, um imenso percurso foi seguido desde projetos de Mário de Andrade em 1936, quando buscavam ampliar os conceitos de cultura. Em 1970, na transição do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) para o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), com apoio da Fundação Pró Memória, o conceito de “Referências culturais” passou a considerar a necessidade de preservar a memória cultural, mas só na Constituição de 1988, em seus artigos 215 e 216. (SANTOS, 2009)

Santos (2009 p. 12) explica que é possível reconhecer institucionalmente bens de natureza imaterial, entre eles cultos e ofícios, a partir da realização de inventários, não havendo distinção entre as práticas e os lugares de práticas, ou seja, entre o Patrimônio Imaterial e o Patrimônio Material, valorizando como marcos identitários para seus praticantes e reforçando condições de manter essa cultura viva através de sua memória e não servindo como registro de, como enfatiza o autor, “algo morto”.

A função de rezadeiras é atender às pessoas em suas angústias e suavizar seus sofrimentos. Ressalta-se que os mitos fundantes a que a benzedura recorre são oriundos das várias tradições religiosas que a compõem enquanto ser cultural, religioso e curador e, para Boltanski (1989, p. 62), as funções dessas mulheres podem ser consideradas muito “além do espaço rural e da confissão religiosa católica”, ganhando espaços no meio urbano por sua característica de amparo e acolhimento da dor, sobrevivendo e se mantendo, mesmo em meio ao domínio das práticas médicas, pois implementa e assume novas configurações ao enfatizar os atendimentos espirituais. (FARINHA, 2012)

No entendimento mítico da cura pelo saber popular⁵ existe uma dualidade entre corpo e alma, sendo que se dá na alma o início de todos os males do corpo e da mente. Esse conhecimento se estrutura em bases do sagrado que é o meio para intervir no adoecimento e, conseqüentemente, em seus processos de tratamento a partir de pessoas que detém o poder do curar. (LEMOS, 2010)

Compreendemos que as rezadeiras tenham a compreensão de serem os agentes especialmente escolhidos pelo sagrado para mediar e manipular a força mágica e a sabedoria popular, porém com a base positivista, fincada no Iluminismo, a história passou a ocupar-se dos grandes feitos e nomes com importância comprovada para registro histórico, excluindo as bases de saberes populares e comuns.

Em localidades e épocas em que a base religiosa trazida pelos europeus durante a colonização era difundida, mas sem a condição da presença de sacerdotes que pudessem exercer os rituais e sacramentos, as rezadeiras passaram a exercer, em situações de urgência, tais rituais para o amparo religioso das pessoas de localidades mais remotas.

A bênção era de exclusividade dos sacerdotes reconhecidos pela Igreja Católica, que não reconheciam pessoas leigas como tendo a permissão de deter o poder do sagrado, ou de abençoar, e que passaram a ser chamadas de profanas por essa igreja. (BOURDIEU, 2005) No entanto, as rezadeiras estão cientes de ocupar uma posição periférica dentro da religião católica e só praticam os sacramentos do batismo e da extrema unção quando não há a possibilidade de intervenção de um padre ou representante legal da Igreja Católica.

Os sacramentos, para essa igreja, são a maneira de externalizar o sagrado instituído pelo próprio Jesus Cristo, simbolizando a Sua ação direta através dos sacerdotes para alcance de graças pelos fiéis; começaram a ser estudados desde o século XII, sendo definitivamente instituídos no Concílio de Trento, no século XVI e oficializados em número de sete: o primeiro deles é o batismo (ministrado por um padre), seguido da crisma (confirmação do batismo promovida por um bispo), da penitência, da eucaristia, das ordens sagradas, do matrimônio e da extrema unção. (SILVA, 2003)

Por intermédio dos sacramentos, a igreja se fazia presente na vida do fiel e reafirmava sua autoridade no seio da sociedade. Neste sentido, através do batismo, ainda como recém-nascido, tornava-se membro da Igreja, ato que era reforçado com a confirmação. Por meio da confissão e da penitência poderia livrar-se do pecado e da culpa, sempre com a intermediação de um

⁵O saber popular, ou seja, do senso comum, ocorre a partir da relação entre seres humanos e natureza, quando os conhecimentos intuitivos, práticos e funcionais foram sendo selecionados, reproduzidos e repassados para as gerações posteriores com enorme importância para a sobrevivência da raça humana como espécie. (SILVA & NETO, 2015)

clérigo, sacramentalmente ordenado. Ao receber a eucaristia, um ato de caráter coletivo, místico e universal, tornava-se co-participante do Corpo de Cristo. Ao casar-se com alguém que correspondia às exigências canônicas, recebia as bênçãos da Igreja, ato que se repetia ao morrer, com a extrema unção. (SILVA, 2003 p. 36)

Aqui nos atentaremos aos sacramentos do batismo e da extrema unção, pois para as rezadeiras, que seguem a religião católica, esses sacramentos não podem ser negados a quem quer que lhes peça, por ser considerado grave, por exemplo, manter uma criança sem o devido batismo ou deixar um enfermo em situação de terminalidade sem que sua alma seja devidamente encomendada através da extrema unção.

As rezadeiras conseguem imprimir nos grupos a que pertencem a sensação de segurança preconizada por Bauman (2003), representando um amparo como agente conhecedor de condições místico-sagradas e em condição de resolução de problemas orgânicos e espirituais, além de aconselhamentos e direcionamentos para alívios de tensões mentais.

Lefebvre (1974, p. 26) entende que a benzedura é “um espaço social mitológico, um produto das relações sociais, de sua produção e de sua reprodução e, ao mesmo tempo, um suporte para que ela aconteça”. Nas relações sociais as curas eram divulgadas através da oralidade, assim como também o conhecimento das rezadeiras, fazendo com que mais pessoas tivessem acesso aos meios não oficiais de libertação do mal que as acomete.

Os grupos sociais e o conjunto de crenças e costumes a eles relacionados estão associados à compreensão de ser humano que cada pessoa desenvolve ao longo da vida, podendo fazer parte de diferentes comunidades com suas diversidades culturais e absorver de cada uma aquilo que lhe é característico e funcional, pois a memória que se mantém e é repassada entre os membros do grupo depende da sua importância e função para a manutenção do próprio grupo e o conhecimento é passado de uns para os outros de forma incessante “como uma corrente de pensamento contínuo, de uma continuidade que nada tem de artificial, já que retém do passado somente aquilo que ainda está vivo ou capaz de viver na consciência do grupo que a mantém”. (HALBWACHS, 2004 p. 86)

A função do benzimento no grupo, principalmente para a mulher, está relacionada com a manutenção e atração de respeito e empoderamento a partir do conhecimento e aplicação de práticas religiosas junto às suas comunidades como um diferencial que foi buscado por elas ao longo da história do ocidente (LE MOS, 2010), mais precisamente, ao longo da história de opressão do feminino em localidades de cultura patriarcal e silenciadora.

O conhecimento do sagrado guarda em si mesmo mistérios que permitem que a mulher rezadeira transcenda os limites de gênero, podendo trazer esse reconhecimento enquanto sinônimo de acolhimento dessas diversas dores que avassalam principalmente as comunidades em situação de pobreza. Entendemos que as mulheres não buscam as práticas de benzimentos com fim inicial no reconhecimento e no respeito angariados com elas, pois esses ganhos de empoderamento estão secundários ao fazer religioso e benevolente.

Mesmo havendo perseguições, o conhecimento popular para a cura de males do corpo e da alma não sucumbiu ao positivismo dada a grande rede de amparo que conseguiu construir. O saber popular está aonde o Estado não chega e a medicina racional não se interessa em estar. Assim, uma rezadeira não representa apenas um amparo ou uma condição de acolhimento da dor, mas também uma condição social e política em que está inserida uma grande parte da população sem acesso aos métodos científicos das práticas de cura.

Para Borges (2017), o Brasil tem uma riqueza imensa de saberes populares, por conta das condições de colonização em que ocorreu a nossa história. Aguiar (2007) coloca a condição de amálgama entre povos que aqui tiveram um cruzamento cultural, criando uma rede de ensino informal, sem o profissional professor ou organização institucional, mas com grande riqueza na transmissão de conhecimento. Nessa condição encontram-se os saberes da saúde popular, do cuidar e do acolher que, segundo Oliveira (1985), trata-se de uma Medicina Popular com característica e dinâmica própria e heterogênea, cujo sentido é bastante diversificado.

Passamos a fazer aqui uma descrição histórica e geográfica das localidades de origem das rezadeiras e assim conduzirmos os antecedentes que levaram à formação do povo, crenças e costumes, bem como dar melhor entendimento de como ocorreu a formação sociocultural das pessoas que vivem no local delimitado para execução da pesquisa.

O estudo foi realizado no município de Vitória da Conquista, que está localizado na região Sudoeste do Estado da Bahia e Nordeste do Brasil. Em 2010, o IBGE constatou que o número de habitantes era de 306.866 (trezentos e seis mil, oitocentos e sessenta e seis) com uma densidade demográfica de 91,41 hab./km². A estimativa da população em 2021 era de 343.643 (trezentos e quarenta e três mil, seiscentos e quarenta e três) habitantes, pois os dados ainda não foram atualizados oficialmente já que em 2020, ano em que ocorreria o censo posterior, houve o estado de pandemia pela COVID-19 que impediu, até o término dessa dissertação, a realização de nova contagem da população que é majoritariamente urbana, com 85,85% dos residentes vivendo em cidades e a extensa zona rural concentra aproximadamente 14% da população. Dados de 2019 mostram que a região tem uma extensão territorial de

3.254.186Km², renda média dos trabalhadores é de 2,0 (dois) salários-mínimos e 39, 7% da população vive com metade do salário-mínimo. (IBGE, 2022)

Vitória da Conquista está situada a 516 quilômetros de Salvador e a 113 quilômetros do Norte de Minas Gerais, segundo o site rotamapas.com.br. Esses limites de cidades e estados não demonstram apenas o espaço e tempo em que estão distantes. Bem mais especificamente, demonstram que houve uma grande mobilidade, fomentada principalmente pelo comércio, que criou vínculos familiares e culturais estreitos entre as comunidades aí localizadas.

A cidade é a maior de sua região com potencial econômico voltado para a construção civil, indústria, serviços, agricultura e pecuária e faz parte do Território Sudoeste Baiano, com 24 municípios, cujos limitantes fronteiriços são: “a oeste com o Território Sertão Produtivo; ao norte com o Médio Rio de Contas; a leste com o Médio Sudoeste da Bahia e ao sul com a parte norte do Estado de Minas Gerais” (FIGUEIREDO et al., 2018, p. 82). A cidade de Vitória da Conquista exerce papel central e polarizador devido aos serviços que oferece em áreas de saúde, educação, comércio e serviços públicos nas esferas federal, estadual e municipal. (FERRAZ, 2020)

Historicamente, os portugueses tiveram que povoar o interior do Brasil com pessoas de sua origem para garantir seu domínio e visando angariar e explorar riquezas minerais, surgindo assim essa ocupação na região que ficou conhecida como Sertão da Ressaca e que corresponde ao espaço geográfico localizado entre o Rio Pardo, ao sul, e Rio de Contas ao norte de Vitória da Conquista. A exploração mineral foi um empreendimento frustrado, porém com o solo, clima e localização favorecendo a produção agrícola e pecuária, acabou tendo sua atividade econômica voltada à provisão de alimentos para as lavras de Minas Gerais. (AGUIAR, 2007)

Para Aguiar (2007), com a frustração da exploração mineral, a ocupação da região de Vitória da Conquista a partir da implantação da pecuária pelos portugueses formou uma população de gradual miscigenação entre negros, índios e pessoas de origem europeia, principalmente portugueses e espanhóis, que produziu uma classe dominante de característica mestiça, de fé católica e que interagiu com base nas relações de trabalho.

Aguiar (2007) analisa que, com a frustração da exploração mineral, a ocupação da região de Vitória da Conquista a partir da implantação da pecuária pelos portugueses formou uma população de gradual miscigenação entre negros, índios e pessoas de origem europeia, principalmente portugueses e espanhóis, que produziu uma classe dominante de característica mestiça, de fé católica e que interagiu com base nas relações de trabalho. Aqui já se

identificam semelhanças na formação de vínculos históricos relacionais entre habitantes do Norte de Minas Gerais e Sudoeste da Bahia, possibilitando a diversidade e interação cultural pela proximidade entre as regiões que pode ser vista nas figuras 1 e 2.

Figuras 1 e 2: Localização do município de Vitória da Conquista – BA e sua proximidade com o Norte de Minas Gerais.



Fonte: Ferraz (2016)



Fonte: Ferreira (2021)

Com essas características de formação da população, ocorre concomitantemente uma mistura e compartilhamentos em saberes religiosos de base popular, representados principalmente por curandeiros e benzedeiros, mulheres ou homens, cujos atendimentos eram feitos sem qualquer distinção religiosa ou social e as demandas eram as mais diversas, no amparo às próprias pessoas ou a suas criações, sendo as principais relacionadas ao quebranto, bicheiras em animais, eliminação de cobras da zona rural, fechamento e proteção do corpo para ferimentos de armas brancas ou de fogo, mau olhado/agouro, resolução de problemas de relacionamento amoroso e inclusive a aplicação de sacramentos da Igreja Católica como a extrema unção, pois a vinda de representantes da igreja era rara pela condição de estradas e condução para essas localidades. (AGUIAR, 2007)

O vínculo histórico e social entre Vitória da Conquista e o Norte de Minas Gerais pode ser mais bem visto quando passamos a entender a formação do Estado de Minas sob uma divisão em duas partes, sendo uma aurífera e outra sertaneja (sanfranciscana), que também formam diversidades culturais e identitárias. A primeira é reconhecida pela sua vinculação ao poder e economia forte fomentada pela mineração nas lavras de ouro e diamantes, vindo daí o nome *mineiros*. A outra é a pastoril, sertaneja e de localização mais remota nos chamados *Gerais*, distante da opressão da colônia o que resultou no chamado isolamento norte-mineiro,

que levou ao desenvolvimento de características peculiares ao povo, referentes ao orgulho da sua regionalidade, mas resistência em aceitar as leis do governo mineiro colonial (MOREIRA, 2010).

De fato, pessoas da região do Norte de Minas têm grande valorização de sua cultura e formação, no entanto esse afastamento por conta dos interesses de Portugal gerou a exclusão que levou ao abandono dos poderes públicos, ao atraso econômico e a baixas condições de desenvolvimento social, além disso, a afinidade em história, localização e características regionais tornou mais propício o convívio com o sul e sudoeste baiano.

A população norte-mineira ficou sendo conhecida e chamada de “baianeiros” pelos mineiros de outras regiões, pois havia diferença pelo sotaque e pela cultura alimentar baseada em carne do sol, frutas de origem do Cerrado como o pequi e da Caatinga como o umbu, associada à base cultural afro-indígena que também influenciou características físicas das pessoas que passaram a ter a denominação como “de cor”, proporcionando a formação de uma sociedade “largamente diferenciada e relativamente acentrada, secularizada e resistente aos centros de poder”. (COSTA, 2016 p. 13)

Assim como o norte de Minas, Vitória da Conquista e sua macrorregião também teve sua formação com base fenotípica negra, indígena e portuguesa. Africanos e indígenas, além de seus descendentes, formavam a mão-de-obra das fazendas de gado e de outras profissões necessárias para a manutenção da cidade em termos de serviços do seu cotidiano como vaqueiros, jagunços, tropeiros, seleiros, dentre tantos outros que foram essenciais para expandir o comércio entre os dois estados, Minas Gerais e Bahia. (AGUIAR, 2007)

A base da formação cultural e religiosa da população dessa região, bem como a condição de interação a partir do comércio e transporte de bens e valores mostram a força da vinculação histórica, que aumentou com a construção da BR-116 ou Rodovia Santos Dumont, iniciada na década de 1940, ligando Vitória da Conquista aos estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo. Cidades norte-mineiras como Salinas, Ninheira, São João do Paraíso, Rio Pardo de Minas, Taiobeiras, Berizal, dentre outras, utilizam os serviços da cidade baiana pela facilidade que a rodovia proporcionou e proporciona para o acesso ao sudoeste da Bahia, mais do que aos centros regionais mineiros, como Montes Claros.

Para levantar esses antecedentes, estar no lugar de pertencimento de quem é entrevistado é muito importante forma de coletar dados. O pesquisador pode observar no momento da interação, não apenas o que é dito pelo entrevistado, mas conforme Ecléa Bosi (2003), permite a reunião do pensamento com as atitudes e expõe aspectos de sua realidade que serão importantes para obtenção das informações coerentes com o trabalho, uma vez que

a fala, quando observada e registrada, propicia o encontro entre quem quer falar com aquele que quer ouvir e contar.

Trabalhar a história de vida requer enaltecer muitas das memórias silenciadas e abafadas, que tem o momento oportuno para vir à tona. Os grupos dominados possuem uma memória subterrânea que não versam com a memória oficial pregada pela sociedade dominadora e “distinguir entre conjunturas favoráveis ou desfavoráveis às memórias marginalizadas é de saída saber a que ponto o presente colore o passado”. (POLLAK, 1989)

Aqui trazemos a visão de Jorge Ponciano Ribeiro (2006) quando diz que a redução fenomenológica é facilitadora do encontro para a percepção mais detalhada da realidade consciente aproximando distâncias e pode ocorrer em três níveis: o histórico, que trata do que ele chama de “gênese evolutiva” quando a realidade simbólica é construída em um processo histórico; o eidético, que é a captação do símbolo no aqui- agora tal como é realmente; o transcendente, que é a percepção do aqui- agora com todos os seus símbolos históricos e eidéticos, para olhar o ser presente como único, singular e inconfundível e enxergá-lo de maneira integral. (RIBEIRO, 2006)

O encontro permite a observação da fala e do ambiente onde ela é dita e ouvida com uma função relacional que leva ao conhecimento do sentido que poderia ser perdido. Uma narrativa torna capaz a relação entre o subjetivo individual e coletivo, pois é através da fala e da interpretação de cada um a respeito dos fatos vividos, observados ou aprendidos por ouvir dizer ou ver acontecer, que podemos identificar “estruturas do discurso socialmente definidas e aceitas (motivo, fórmula, gênero, estilo)”. (PORTELLI, 1996, p. 4)

O primeiro encontro foi com Dona Júlia, 110 anos de idade à época da entrevista, já que conta agora com quase 112 anos a serem completados em 15 de setembro de 2022. Sua filha nos recebeu por intercessão de uma amiga em comum. Fomos a sua casa, e todos diziam “Ela mora no Alegre”, que é o nome da sua comunidade. A primeira visita ocorreu em 10 de outubro de 2020 e depois em retornamos em 13 de novembro de 2021 para uma visita, quando ela ainda estava “No Alegre” e novamente fomos muito bem recebidas.

O Povoado do Alegre pertence ao município de Caetanos – BA, e está a 81,7 quilômetros de Vitória da Conquista. Por não ouvir muito bem, a entrevista foi mediada pela filha de Dona Júlia, Nitinha, pessoa muito cuidadosa com a mãe e foi muitíssimo colaborativa conosco. Dona Júlia não compreendia o que falávamos mesmo em tom alto de voz e, como a voz de sua filha lhe era familiar, atuou na função de mediadora da entrevista. Assim, conversamos na sala de sua casa em um dia de muito calor. Tomamos todos os cuidados de higiene por conta do SARS-Cov-2 e a situação de pandemia.

Figura 3: Rezadeira Dona Júlia, Povoado do Alegre, Caetanos – BA



Fonte: Acervo da autora (2021)

O Povoado do Alegre pertence ao município de Caetanos – BA, e está a 81,7 quilômetros de Vitória da Conquista. Por não ouvir muito bem, a entrevista foi mediada pela filha de Dona Júlia, Nitinha, pessoa muito cuidadosa com a mãe e foi muitíssimo colaborativa conosco. Dona Júlia não compreendia o que falávamos mesmo em tom alto de voz e, como a voz de sua filha lhe era familiar, atuou na função de mediadora da entrevista. Assim, conversamos na sala de sua casa em um dia de muito calor. Tomamos todos os cuidados de higiene por conta do SARS-Cov-2 e a situação de pandemia.

Trata-se de uma mulher de grande respeito dentro de sua comunidade pelos seus feitos como rezadeira e por sua idade. Sua casa simples, e de portas sempre abertas tanto a visitantes quanto àqueles que ainda hoje buscam seu benzimento, era fresca e muito acolhedora. Tomamos um café a convite dela que, por seus costumes, não admite que nenhuma conversa comece sem antes oferecer um café com biscoitos e bolos.

Dona Júlia, também está com dificuldades em enxergar e, por isso, perguntou várias vezes se já havíamos tomado o café, pois ela não tinha visto. Literalmente voltamos no tempo ao início do século XX com a narrativa dessa mulher. Estar segura em relação ao nosso café ajudou na entrevista, pois ela ficou mais tranquila sabendo que estávamos atendidos e cuidados em sua casa.

Figura 4: Localização da cidade de Caetanos - BA



Fonte: Adaptação do site férias.tur

Dona Júlia teve uma condição bem específica de entrevista durante a pandemia, já que a filha nos convidou a ir mesmo sem ter iniciado a vacina, ou seja, nem a entrevistadora e nem a entrevistada estavam vacinadas. No entanto, pela condição da idade, pelo convite da sua filha e ainda por ter graduação em Enfermagem e conhecimento sobre a condição de prevenção para a proteção de ambas, aceitamos fazer a entrevista, que consideramos muitíssimo importante para o nosso trabalho, e para a memória familiar e da comunidade onde ela reside. Todas as medidas protetivas foram tomadas.

Figura 5: Leitura do TCLE com paramentos para prevenção à COVID-19 em entrevista a Dona Júlia.



Fonte: Acervo da autora (2021)

Houve uma paramentação para adentrar a casa de Dona Júlia e chegar perto dela, para tanto, usamos capa plástica esterilizada, luvas, óculos e máscara. Ela, exatamente como as outras quatro rezadeiras, não achou necessidade em utilizar máscara ou qualquer outra medida

protetiva, pois a fé em Deus é afirmada e colocada acima de qualquer ameaça. Além disso, há a aceitação de como elas chamam de “A hora chegada” que indica que ninguém morre antes do momento estabelecido por Deus.

Falamos sobre sua infância, quando trabalhava na lavoura com a família, do aprendizado da reza e de suas brincadeiras com a irmã gêmea e seu irmão. Ela ainda exerce o ofício da reza e benzimento e tem muitas visitas que vem lhe ver para pedir a bênção. Durante a nossa entrevista, foram muitas as pessoas que vieram até ela nessa condição e todos atendidos com a mesma hospitalidade e cordialidade.

Agora ela está morando em Vitória da Conquista por conta da melhor condição de assistência junto aos seus familiares. Sua filha sentiu a necessidade de mudança devido a ficarem ilhadas quando ocorreram fortes chuvas na região, entre dezembro de 2021 e fevereiro de 2022, dificultando o acesso de automóvel a sua casa.

O segundo encontro proporcionado por este trabalho foi em 2 de maio de 2021, na visita que fizemos a Dona Lindaura, 95 anos, com mostras de muita vitalidade, autonomia e força, que são marcas identitárias notórias. Movimenta-se com extrema fluidez, voz forte, encorpada, cabelos negros por tingimento indicando vaidade presente, pele vívida e brilhante. Um amigo nos apresentou e levou até sua casa no Bairro Bruno Bacelar, em Vitória da Conquista. Ela estava com visitas em um domingo à tarde.

Entramos e cumprimentamos a todos na casa muito pequena, mas parecia crescer assim que novas pessoas chegavam. Com acolhimento e muita polidez, nos convidou a sentar ao seu redor. Os visitantes se levantaram e se despediram à nossa chegada, informando que já estavam de saída.

Com ela pudemos observar a vida de uma mulher da meninice à velhice, como se não houvera passado o tempo. A memória das vivências tinha extremo frescor e fluía sua narrativa como em uma tela a nossa frente. Para Dona Lindaura, o benzimento foi um chamado transcendente, mas que trouxe junto a posição de respeito e liberdade em uma vida marcada pelo silenciamento e violência de gênero direta e velada. Narrativa rica de detalhes e questões sociais, respeito e altivez, luta e conquista do próprio espaço.

Para ela, a reza se configurou em uma forma de obtenção de respeito e independência. Muitas pessoas dependem dela, mas a nenhuma ela conseguiu transmitir os saberes do benzimento e, conseqüentemente, também essa forma de manter-se independente. Tem uma postura de enfrentamento e altivez que lhe dão posição de respeito na comunidade, não ocorrendo o mesmo em sua casa, onde os netos não a ouvem e a desobedecem. Isso é um

motivo de preocupação, mas aceita que as coisas são como são e as pessoas fazem escolhas que devem ser respeitadas.

Figura 6: Rezadeira Dona Lindaura, Vitória da Conquista – BA.



Fonte: Acervo da autora (2021)

A comunidade tem nessa mulher um apoio tanto em situações de intervenções pela reza, buscando o alívio nas mazelas do corpo e da alma, quanto nas questões sociais, políticas, familiares e religiosas. Totalmente voltada ao outro, não teve a condição de descansar na sua velhice dos afazeres do lar nem das preocupações da vida.

Para Paul Ricoeur a importância da memória é estabelecida na medida em que o tempo confere uma unificação das percepções das consciências (do *eu* e do *outro*) e de um único mundo para ambos, o que ocorre dentro de uma comunidade em tempo e espaço, sendo que o tempo materializa a coexistência dos diversos *eus*, em que o reconhecimento de si e o reconhecimento do mútuo é mediado pela união do *eu* e do *outro* pelo efeito do momento presente, saindo da subjetividade para a intersubjetividade e neste processo, a memória individual e a memória coletiva não devem ser tratadas como distintas ou opostas em função de que a ipseidade, que é a identidade ou o atributo que diferencia um ser de outro, e a alteridade, que é a condição de entender o outro em seu contexto ou colocar-se em seu lugar, devem estar em constante diálogo. (RICOEUR, 2007)

E aqui temos uma decisão ética que o percurso da atribuição da memória nos trouxe, ou seja, se existe um próprio que reforça a viabilidade do *eu* constituir-se como uma resposta ao “quem lembra”; se existe a possibilidade

de afirmar também que os coletivos lembram, na medida em que a sociedade existe, lembra e confirma; nos *próximos* encontramos esses intermediários que lembram “fora de nós”, mas que, ao mesmo tempo, estamos imputados nesse lembrar que é atravessado pela alteridade. Por isso que podemos falar, com Ricoeur, de um reconhecimento de si associado a um reconhecimento mútuo, de um si mesmo como um *outro*. (QUADROS, 2016, p.109)

Nesta perspectiva, Dona Lindaura é a própria imagem da ipseidade e alteridade, uma vez que tem sua identidade muito bem diferenciada e estabelecida, enquanto se projeta em atitudes de amparo e resolução de situações sociais em sua comunidade que requer postura e presença fortes e poder de decisão, sendo essa a característica que é reconhecida pelo outro.

Retornamos a sua casa em 23 de junho de 2021, dia de São João, quando ela estava reverenciando este santo. Nesta visita pudemos confirmar toda a sua história quando ela novamente entrou em detalhes sobre a entrevista anteriormente realizada, em maio do mesmo ano. Este foi um momento em que entramos em contato com sua prática da reza, conferindo os ritos que representam grande imersão na religiosidade miscigenada representada por ela, pois cultua os santos católicos, os caboclos e os pretos velhos.

Essa religiosidade com forte base em uma miscigenação característica não só do povo sertanejo, mas do povo brasileiro em geral, pôde ser conferida na visita à zona rural da cidade de Cordeiros quando entrevistamos Dona Naninha e Dona Maria. Neste caso, mais voltadas ao culto da religião católica, religião cuja maioria da população dessa região é adepta.

Esta cidade tem uma população de 8.168 pessoas, conforme dados do censo de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, mas com população estimada para 2021 em 8.667, mais uma vez esclarecemos que esta estimativa é referente ao estado de pandemia que impediu a realização do censo de 2020. Em 2019 a estimativa de renda média mensal em domicílios era de até meio salário-mínimo para 50,3% da população, sendo a maioria de religião católica. (IBGE, 2022)

Figura 7: Localização da cidade de Cordeiros – BA.



Fonte: Adaptação do Wikipédia (2006)

Para Santos Filho e Gamboa (2013), compreender os significados de atitudes com uma interpretação mais consistente requer que os pesquisadores utilizem a abordagem hermenêutica, relacionando as partes com o todo em que determinada ação será entendida a partir do seu contexto e fazendo parte deste, não podendo haver entendimento de uma parte sem a outra, ou seja, a compreensão dos atos não pode ocorrer sem que seja também avaliado e observado o contexto em que ocorreu, sendo necessário a imersão do pesquisador qualitativo na situação estudada para sua melhor compreensão e avaliação dos fatos.

Na região de zona rural denominada Quatis ou Fazenda Quatis, fomos ao encontro com Dona Naninha em 10 de julho de 2021. Ela estava com 76 anos de idade, casada, com filhos, netos e uma história de vida peculiar, desafiadora, forte e dentro de um contexto de saúde e doença com grandes enfrentamentos.

Figura 8: Rezadeira Dona Naninha, Cordeiros – BA



Fonte: Acervo da autora (2021)

Em ambiente extremamente acolhedor, nos recebeu em sua casa em um sábado à tarde com grande gentileza e vivacidade. A casa estava de portas abertas e com algumas visitas. Informou que já nos esperava e nos convidou a sentar. Ela ficou de pé e foi falando de um câncer em sua face e a sua história de enfrentamento que culminou com a cura da doença. A entrevista nem precisou de estímulo inicial dada à quantidade de informações e vontade de transmití-las.

A grande marca deixada nas atitudes desta mulher rezadeira foi o respeito à natureza. Para retirar os ramos necessários a cada benzimento fez um pedido e um agradecimento direto

à planta. Muito respeitosamente, retirou os ramos e os utilizou para benzer nossas acompanhantes. Ao final, os ramos foram jogados para trás com uma oração e, segundo ela, devolvidos ao chão para que fluíssem ali todas as energias retiradas durante o benzimento e transferidas para os “ramim”, como ela chama carinhosamente os ramos.

...a ciência cartesiana de caráter reducionista não dá conta de explicar as verdadeiras relações ocorridas na natureza, principalmente no que diz respeito à pessoa/planta. A referida ciência consegue apenas fazer uma análise superficial, uma aproximação da veracidade, sendo incapaz de se introduzir pelas verdadeiras realidades das relações e fenômenos naturais (SILVA et al., 2020 p. 103).

É, de fato, uma relação entre o ser humano e as plantas que aprendeu a manusear no decorrer da evolução de sua espécie testemunhada pela entrevistadora naquele exato momento, quando ela reverencia os ramos para utilizá-los em seus ritos. Nos fundos da casa, ela nos levou para conhecer uma horta muito bem cuidada em que, além de leguminosas e verduras para consumo próprio, havia plantas medicinais como a erva-cidreira, arruda, alecrim e boldo, entre muitas outras. Neste quintal estão as suas reverenciadas “plantinhas verdes” cujos ramos lhe servem como objetos de benzimento dentro dos rituais da reza.

Um dia após nossa visita a D. Naninha, fomos para outra região da zona rural de Cordeiros – BA conhecer Dona Maria. Pessoa reservada, 67 anos, nos foi apresentada pela filha Rosália, que, por sua vez, também foi apresentada por amigas moradoras e atuantes na comunidade, pertencentes a famílias muito antigas na região, sem as quais a entrevista não aconteceria. Rosália também foi primordial falando antes sobre o perfil reservado de sua mãe e como poderíamos nos aproximar e conversar. Ela foi uma mediadora sem a qual a entrevista não ocorreria.

Conversamos por algum tempo em frente à casa de Rosália, onde ficamos ouvindo sobre as histórias da sua família, como a reza faz parte dessa história através de seu avô materno e como as pessoas chegavam para pedir algum tipo de auxílio a partir da reza.

Foi a entrevista que exigiu maior tato e estabeleceu maior grau de dificuldade, pois Dona Maria já passou por muitas experiências de desamparo, adoecimento, exploração, invalidação e silenciamento. Mesmo sendo a mulher vencedora, mãe de um casal de filhos estudiosos, trabalhadores e comprometidos com seus pais e com a comunidade, e um neto, todos muito educados, disse várias vezes se sentir “um nada”, resquício de uma vida de dificuldades.

Nesta entrevista, foi bem visível a resistência em falar do ofício da reza, ou melhor, foi difícil que Dona Maria pudesse se permitir a falar de si mesma. Quando adentramos a sua casa acompanhando Rosália, ela demorou em aparecer. Cumprimentamos inicialmente seu esposo que estava na sala e aguardamos até que ela chegasse.

Figura 9: Rezadeira Dona Maria, Cordeiros – BA



Fonte: Acervo da autora (2021)

Nesta entrevista, foi bem visível a resistência em falar do ofício da reza, ou melhor, foi difícil que Dona Maria pudesse se permitir a falar de si mesma. Quando adentramos a sua casa acompanhando Rosália, ela demorou em aparecer. Cumprimentamos inicialmente seu esposo que estava na sala e aguardamos até que ela chegasse.

Assim que nos vimos, ela questionou o que teria de importante que eu queria saber e dizia não ter nada a dizer. No entanto, deixando claro a disposição em lhe ouvir e um olhar atencioso, ela foi relaxando e contando sua história. Pelas palavras e expressões que transparecia a cada frase, era possível perceber e tornar inteligível uma subjetividade, mostrando um intenso sentimento de invalidação e de invisibilidade. Percebemos que sua voz foi ficando cada vez mais firme a partir do reforço da audiência não julgadora, não punitiva e interessada na sua história de vida de extremos desafios. Dona Maria foi a única que veio de uma descendência de rezadores e que conseguiu transmitir seu conhecimento a sua filha Rosália que, curiosa, absorveu também os ensinamentos do avô sobre rezas e benzimentos.

A memória oral pode ser alcançada a partir do vínculo entre entrevistador e entrevistado e, para Bosi (1994), estabelecer um vínculo de confiança e contato amistoso

permite que ocorra um processo de conhecimento entre ambos, o que alimenta a espontaneidade e permite a observação do contexto e da história contada.

A entrevistadora notou a entrega nas falas das rezadeiras entrevistadas e certa honra em ter a atenção voltada para elas. O vínculo se firmou, mesmo porque são pessoas hospitaleiras e educadas, sensíveis e simples, na maioria das vezes invalidadas, criticadas e reprimidas enquanto mulheres atuantes em seu ofício, exercendo dupla jornada de manter obrigações domésticas e familiares e servir à demanda de suas comunidades.

Um dos principais vínculos que foram construídos durante a pesquisa ocorreu no norte de Minas Gerais, cidade de Ninheira, mais precisamente na comunidade da Baixinha, em 18/08/2021, onde reside Dona Zóla, 87 anos de idade, viúva. Sua casa é rodeada por filhos, netos e bisnetos cujas casas foram construídas ao redor da sua. Muito autêntica e espontânea, com expressão facial de seriedade, tem vigor, força física e muita disposição, opinião firme e voz de comando.

Gosta de falar de suas memórias, muitas das quais estão colocadas na parede de sua sala em forma de imagens e escritos. Uma memória recente ainda dolorida foi a morte de uma filha por conta de um câncer de mama.

Figura 10: Rezadeira Dona Zóla, Ninheira – MG



Fonte: Acervo da autora (2021)

Sua casa é simples, com algumas paredes ainda de enchimento ou pau-a-pique, onde pode se ver as marcas das mãos no barro que as cobriu. Após muita insistência, os filhos conseguiram fazer algumas modificações para melhorar seu conforto, mas tudo sob sua vigilância e apenas onde ela deu autorização para alterações. Não quer que modifiquem o

lugar em que viveu grande parte de sua vida com o marido e seus filhos, hoje já avós, como guardiã de uma memória familiar a partir da manutenção das características de sua casa.

Para Bosi (2003, p. 16), “[...] feliz o pesquisador que se pode amparar em testemunhos vivos e reconstruir comportamentos e sensibilidades de uma época” e diz ainda que a memória de velhos é um testemunho do passado que pode ser acessado no presente, tratando-se de uma mediação cultural informal, uma vez que não é encontrada nas instituições dentro de uma norma formal, mas nas pessoas que viveram, aprenderam sobre suas épocas, constituíram seus valores pessoais e aprendizados que vem a constituir o que podemos chamar de cultura.

Fora da casa está sua capela em um cercado onde estão enterrados membros da família, como pode ser visto nas figuras 11 e 12. Também muito simples e pitoresco, é um espaço de oração e onde estão seus santos e objetos de devoção. Aqui, volta-se a Bosi (2003), quando fala sobre a história oral e sua condição de transmitir a subjetividade que está contida na vivência apaixonada do entrevistado que jamais poderá ser encontrada em documentos oficiais. A autora também traz o conceito de objetos biográficos que são aqueles que podem ser reconhecidos pelas arestas aparadas ou pelo brilho da madeira que foi usada, tal como visto aqui claramente na casa e nos objetos de D. Zóla, valorizados pelo seu uso e que envelheceram sem perder sua função. (BOSI, 2003)

Figuras 11 e 12: Capela onde foi concedida a entrevista de Dona Zóla



Fonte: Acervo da autora (2021)

Muitos foram os marcos trazidos por D. Zóla em sua aguçada condição de memória totalmente preservada. Para entrevistá-la passamos uma noite em sua casa, também tomadas todas as precauções em relação à COVID-19. Mais uma vez cumprimos quarentena de quinze dias antes de ir vê-la.

O ser humano existe dentro das relações e a sua maneira de compreender seus símbolos é uma condição socialmente construída, mas não de forma homogênea. Todos os nossos processos estão mediados pela memória. Existe a memória orgânica através de uma fisiologia que nos permite lembrar ou buscar conhecimento armazenado em nosso cérebro. Mas, para Halbwachs (2004), recordar está muito além de apenas utilizar nosso organismo e suas habilidades, uma vez que constitui a necessidade de estabelecermos marcos sociais da memória para trazer à tona as recordações, ou seja, o indivíduo recorda a partir das memórias do grupo e é por elas que sua identidade é formada.

Desde que começamos a realizar este trabalho, sempre que falávamos sobre as rezadeiras, as pessoas reagiam imediatamente com extremo respeito e inúmeras expressões de afeto e não houve uma única pessoa que não reagisse assim. Podemos colocar essas rezadeiras como marcos sociais que nos remetem ao cuidado, bem como à confiança.

Para acessarmos a memória se faz necessário um esforço, ao que podemos entender como um reconhecimento e uma localização de uma memória construída socialmente, de uma coletividade que fizemos parte. (HALBWACHS, 2004) No caso das rezadeiras, vemos que essa memória era rapidamente acessada e ocorria o reconhecimento e a localização quase que instantaneamente ao ouvirem a designação “rezadeiras”.

A escolha da história oral neste trabalho serviu para retornar ao fato vivido e, dessa forma, tentar captar as experiências em um sentido ampliado, sem cair na repetição do que já é sentido e conhecido e a esse método vincula-se a hermenêutica, buscando significar uma ideia de sujeito com o seu valor dentro do mundo. (ALBERTI, 2004)

O termo rezadeira é mais que uma identificação, é uma associação mnemônica relacionada às memórias afetivas de infância, quando podíamos confiar em entrar naquela casa de portas abertas sem medo de represálias ou buscar o abraço sem medo de sermos repelidos. Agora temos medo dessas memórias não terem o mesmo efeito instantâneo de recordação do amparo para as gerações futuras e, portanto, precisamos pontuar e registrar as imagens que pudermos e as falas que conseguirmos para que este ofício de reza e benzeções não termine, mas recomece, reviva, ressignifique em importância social, cultural e familiar.

III - REZA X CIÊNCIA “Aí eu fui na casa desse curadô. Não falava ni médico, não”

A população brasileira passou a ser atendida pelo Sistema Único de Saúde ou SUS, a partir do ano de 1990, com a implementação da Lei 8.080 instituída na Constituição Federal de 1988. Este é um marco importante na memória social do país por possibilitar a inclusão dessa população às condições de saúde básica, porém sem condição de satisfazer integralmente à sua necessidade, não proporcionou o seu devido atendimento no território brasileiro de dimensões continentais. (BARBOZA; REGO; BARROS, 2020)

Antes disso, para a maioria da população, a possibilidade de ir ao médico só era acessível quando seus serviços eram gratuitos, o que aconteceria se os poderes públicos os garantissem. No entanto, as instituições voltadas à saúde apresentavam graves deficiências no atendimento aos pacientes devido à falta de infraestrutura de pessoal e de recursos. Aqui nos situamos cronologicamente a partir da década de 1930.

Para Barboza et al (2020) é notório que a implementação do SUS consolidou-se como um divisor de águas em relação ao atendimento em saúde no Brasil, já que não se resume a consultas e internamentos, mas garante um amplo e complexo arcabouço de soluções que variam desde a Atenção Básica até os investimentos em imunizações vacinais e transplantes. É graças ao SUS que pudemos alcançar com alegria a redução drástica da morbimortalidade causada pelo vírus SARS-CoV-2 durante a pandemia de 2020 até os nossos dias atuais.

A realidade vivida pela população antes de 1988, principalmente nas décadas seguintes à consolidação da República, é de desamparo, havendo a gritante necessidade de implementar uma rede de atendimento à saúde, que historicamente já nasceu caótica pelo abandono social de pobres, perseguição e extermínio da população indígena pelos sertanistas, condições insalubres de escravizados africanos em suas condições de moradia e trabalho e saneamento básico precário ou inexistente principalmente em localidades do interior, colocando o povo em estado de vulnerabilidade para o adoecimento. (BARBOZA; REGO; BARROS, 2020)

Segundo os autores, ter acesso aos médicos ou outras especialidades em saúde exigia condições financeiras que permitissem esse acesso, porém a grande maioria da população só poderia contar com o trabalho de boticários ou de curandeiros. Em tal cenário, as relações sociais movidas em grupos religiosos e o exercício de práticas exercendo essa religiosidade, faz com que, no processo saúde-doença, surjam as pessoas que, dotadas de poder místico-sagrado, passem a ter posição de destaque como agentes nesse processo, passando a preencher o vazio no amparo à saúde deixado pelo Estado.

De acordo com diferentes propostas de relação entre medicina e religião dos séculos XVI a XVIII, considerava-se que não seria um despropósito diferenciar o conhecimento médico autônomo das bases morais da teologia cristã. Contudo, na passagem do século XIX para o século XX, ocorre a consolidação e legitimação do conhecimento científico sobre a saúde e a medicina, amparadas pelas bases higienistas com a proposta de um novo comportamento tido como civilizado que institui a Higiene como “ciência e prática médica[...]entendida como “arte de conservar a vida”. (LAROCCA; MARQUES, 2010)

Convivemos assim com a existência de uma medicina racional-científica, também conhecida como alopata, que é a medicina considerada oficial no sistema de saúde e de uma medicina alternativa-tradicional que é “o conjunto de práticas, crenças, e conhecimentos sanitários baseados no uso de recursos naturais [...] terapias espirituais e técnicas manuais que buscam manter a saúde individual e comunitária”. (PEREYRA-ELÍAS; DELGADO, 2012, p. 01) Não se trata de práticas opostas ou que se anulem, mas que podem atuar juntas em benefício final da população e, para os autores, essa convergência é prejudicada pelo paternalismo dos Conselhos Médicos em relação à medicina oficial, o que impede ou atrapalha as práticas tradicionais de cura.

Evidentemente o saber médico alcançou a posição científica a partir do saber prático exercido por agentes da comunidade, cujo conhecimento fora passado através de milênios entre seus descendentes, ancorados na própria cultura e estruturados no conhecimento da natureza e sua manipulação. (SILVA; MELO NETO, 2015) A racionalidade médica surgida na idade média transfere o foco do processo de cura para a doença, não mais para o doente.

As plantas medicinais brasileiras, cujo conhecimento de manuseio e aplicação já eram de conhecimento de povos de origem afro-indígena, sempre foram objeto de estudos e pesquisas para a medicina oficial. Nogueira (2016) traz um importante registro em que ervas e práticas medicinais de escravizados africanos eram reproduzidas por cirurgiões representantes do que ele chama da “Medicina douta” nas Minas Gerais do século XVIII, quando teve acesso a registros das Devassas Eclesiásticas⁶ nesta localidade e época, em que eram abertas investigações contra denunciados de praticar cuidados de cura não permitidos pela igreja, como o caso do escravo Domingos da Silva:

Desse modo, no entendimento dos clérigos que julgaram o caso de Domingos, suas explicações e terapias seriam passíveis de livramento por

⁶ Ação anual dos bispados para reprimir, com severa punição, pecados praticados por membros de comunidades, estabelecidos previamente em um manual com quarenta quesidos, cujos pecadores eram reconhecidos pela Igreja Católica através de denúncias. (NOGUEIRA, 2016)

estarem, em certa medida, em sintonia com os saberes de “médicos e cirurgiões”. Resumindo, a trajetória de Domingos fornece mais uma evidência contundente sobre a circulação e laços existentes entre os representantes da medicina oficial e os terapeutas ilegais nas Minas do século XVIII e das ações ambivalentes dos indivíduos que curavam sem licença nos “arraiais do ouro”. (NOGUEIRA, 2016 p. 26)

Outra forma de utilização de ervas e práticas de cura veio através de mulheres/mães em situação de desamparo com filhos doentes, em que a cultura de aceitar a morte infantil era normalizada e as condições de cuidados adequados às questões de saúde infantil, muito remotas. Surgindo assim o termo “mães curandeiras”, estas já conseguiam identificar as doenças por suas aparências o que, na medicina, podemos chamar de sintomas. Para cada sintoma era indicado um remédio e conselhos relacionados a essa enfermidade como o repouso ou as condições de agravo. (DANIELLI, 2019)

Podemos ver essa condição de mães curadoras na história de Dona Zóla, que viveu uma experiência de perda ainda menina, quando viu sua irmã, após a picada de um escorpião, falecer. Ela informa que a irmã chorava de dor enquanto a mãe colocava em sua mão uma vela acesa, para já encomendar sua alma, pois sabia que podia não sobreviver. A menina tinha quinze anos.

Dona Zóla passou a ver a picada de escorpião como uma situação de muita gravidade, haja vista o que houvera acontecido com sua irmã. Depois, já mãe, viu um dos seus filhos ser picado por outro escorpião e quase morrer. Sofreu com a falta de medicação e conforto no acolhimento da doença do seu filho por cuidado médico, passando a cuidar dele com o amparo e consolo religioso, de saber não científico, em pleno século XX, quando a medicina já alcançava seus avanços técnicos, mas sem o necessário alcance humano para se fazer sentida:

Eu já vi (nome do filho) meu[...] mordeu ele no dedo, eu já vi esse menino quase morto. Quase morto, mas Deus é mais. Porque o que eu vi com a minha irmã, meu fi tava. Quase morto. Gritano, gritano, gritano...e nós foi no véi Domingo, ele era rezadô e foi rezano e rezano e fazeno promessa e Deus ajudô que meu fi tá vivo”. (Dona Zóla, 13/08/2021)

Os ritos religiosos para propiciar os poderes sagrados em situações vinculadas a enfrentamentos de dificuldades diversas no decorrer da vida costumam incluir a oração entre os recursos verbais que operam a partir da religiosidade e interioridade do homem, cujo objetivo almejado era, em geral, pedir um bom resultado para a situação. No catolicismo, isso é observado a partir da crença na capacidade das imagens e nas práticas devocionais dos

paroquianos, entre as quais está a invocação através de diferentes maneiras de orar a Cristo, à Virgem Maria e aos santos, e participação em procissões e romarias. (CHAGAS, 2007)

A relação entre religião e medicina e prática religiosa e prática terapêutica de forma combinada pode ser observada prestando atenção às promessas feitas à Virgem Maria e a Cristo, pois há uma noção arraigada no cristianismo pela qual se considera que a aplicação da cura se trata de uma piedade cristã e, nesse íterim, o catolicismo estabeleceu preceitos que diziam respeito ao corpo e à alma com a saúde física e a salvação eterna fazendo parte dos anseios dos fiéis. (GOHN, 2000)

A história do ser humano e das suas tradições está imersa em proposições religiosas e que “pode dizer de toda religião que, de maneira mais ou menos simbólica, reproduz a história das migrações, mestiçagem, etnias e tribos [...], que se encontram nas origens das sociedades que as praticavam”. (HALBWACHS, 2004, p. 211) Por isso é tratada como um dos mais antigos e reconhecidos marcos sociais da memória, segundo o autor, que além de registro e festejo de datas comemorativas, também age socialmente na formação e manutenção de tradição e comportamento.

A memória religiosa, sob cunho dogmático, pode ser base para surgimento de uma memória mística, normalmente mais interessante e calorosa, possibilitando o avanço de uma tradição rígida para novas propostas religiosas, pois as convenções dogmáticas acabam por autorizar essa renovação por se adequarem às propostas de continuidade, mantendo por solidariedade a coesão social. (HALBWACHS, 2004)

As rezadeiras são exemplos desses sujeitos da comunidade que zelam pelo outro com amparo e acolhimento. Falar de rezadeiras é entrar em território de memória afetiva, e essa memória não está em uma localização definida e enquadrada, mas disseminada pelo território brasileiro e latino-americano, onde os saberes e crenças religiosas são adotados como saberes de cura em lugares que, normalmente, não há o atendimento médico, político ou propriamente religioso de forma acessível; essa condição dá aos rezadores uma patente de agente de saúde por representar uma base de cura para aqueles que lhes procuram. (BANDEIRA, 2013)

Em relatório de Artur Neiva, um médico, jornalista, professor, empresário e político baiano, no ano de 1917, há uma alusão à população dos “Gerais⁷” dizendo que viviam ao “Deus dará”, uma vez que o governo estava abandonando a população do interior do país e a

⁷ Os “Gerais” são áreas de cerrado que se estendem do Norte de Minas Gerais, parte do sudoeste e oeste da Bahia, Goiás, Tocantins, Maranhão e Piauí, região de clima semiárido cujo tipo predominante de solo é arenoso e com pouca condição de desenvolvimento da agricultura. (LÚCIO; PEREIRA; LUDEWIGS, 2013)

população cabocla, vulnerabilizada pela ausência do poder público, levando à consequência de expor essa população às endemias e criando condição de vinculação da população sertaneja ao sagrado pela falta do cumprimento do dever do estado. (NEIVA, 1917)

Mulheres com filhos e família em situação de risco pelas tantas faltas do Estado com suas localidades, aliado ao conhecimento das práticas de cura apreendidas oralmente, tomaram para si a responsabilidade de manter a saúde, já que, como dito antes, a medicina tinha os conhecimentos técnicos, mas não conseguia acolher uma população em condições sanitárias precárias dentro de uma extensão territorial continental. Assim, no Brasil, data do período colonial o surgimento de práticas de benzimentos, sob influência cultural de base miscigenada entre indígenas, europeus e africanos, associando o conhecimento de ervas e suas funções curativas à religiosidade católica imposta por Portugal. (CUNHA, 2018)

Podemos ver essa situação de falta de acesso aos serviços médicos e importância das rezadeiras e rezadores observando a história do Sr. Manoel Messias de Matos, 84 anos, nascido em Ninheira-MG, morador do Norte de Minas Gerais até os quarenta anos de idade e sobrinho de Dona Zóla. A doença e suas consequências, enquanto apenas números estatísticos, parecem uma fria situação que se encontra distante no tempo e no espaço, mas acessar uma memória que traz uma história vivida e real nos coloca mais próximos de entender o sofrimento em tal situação de desamparo.

Aos doze anos, em final da década de 1940, o senhor Manoel foi infectado pelo vírus causador da varíola em condição de distância e ausência total dos cuidados médicos. Segundo ele, sua cama na época era um couro de boi e as secreções purulentas que se derramavam a noite, ao secarem, faziam com que o couro ficasse colado ao seu corpo pela manhã trazendo imensa dor para retirar, pústula a pústula, o objeto que se aderiu a sua pele em cada ferida.

Ao ser perguntado o que foi utilizado para seu tratamento, ele informa que foi a reza e os chás. Seu avô Domingos de Matos e sua mãe Benvinda de Matos contavam com a fé e a reza para a promoção da cura. Segundo o senhor Manoel, tudo o que pôde ser feito estava nessa relação de tratamento pela crença e pela fé. Não só ele, mas as pessoas com varíola foram tratadas dessa forma e em casa, sem conhecimento do comportamento da doença e sem tratamento médico.

Dona Zóla também relata que teve varíola dois meses após seu casamento, quando estava com quinze anos de idade. Sendo tia do senhor Manoel e mais velha do que ele três anos, se lembra da ocasião em que ambos pegaram a doença. Informou que sentia dor de cabeça muito forte e foi tratada com chás e rezas:

Agora ela era assim... essa doença dá assim... dá com uma dor de cabeça. Mais é uma dor de cabeça que remédio não cura. Eu “Oh! Cumade Benvinda, reza aqui, ela botava a mão aqui e rezava... Ela rezava e quando ela rezava tinha assim uma maneração. (Dona Zóla, 13/08/2021)

Segundo ela, além das dores de cabeça, havia também sintomas de enjoo, inapetência, febre alta. Porém, o que mais marcou foram as feridas purulentas que ela descreve como umas “pipocas” cheias de pus com aparência de queimaduras, as quais tinham que ser furadas com espinhos de laranjeira. Também eram colocadas capas de fumo embebidas em urina humana quando as pústulas eram furadas. Isso fazia com que se esvaziassem para, logo em seguida, encher novamente com a secreção purulenta.

Apenas quando acabava o pus que a ferida secava, e ficavam o que ela chama de “cascas” que, em algumas partes do corpo, quando saiam, a pele ficava em carne viva. Para ela, apenas o senhor Manoel foi quem quase morreu em sua comunidade, visto que passou todo o processo da doença sem cuidados, já que sua mãe havia de pouco passado por um parto de risco e a criança, que nasceu doente, morreu após um mês de vida. Informou que todos se curaram e ninguém ficou com sequelas. O surto de varíola pode ser visto como um marco de memória para Dona Zóla e o Sr. Manoel.

A varíola existe desde a antiguidade e é uma enfermidade infecciosa de origem viral cujo agente infeccioso é o *Poxviridae* e sua transmissão ocorre de pessoa para pessoa através do ar ou contato físico. Os sintomas clínicos são a febre alta acompanhada por exantemas e pústulas de aspecto branco e amarelo espalhados pelo corpo, delírio, náuseas e vômitos. Pelo Manual MSD (2022), essa doença causava a morte ou sequelas irreversíveis e, no decorrer de várias epidemias, a varíola chegou a debelar grande parte da população humana mundial.

No Brasil, a maior alta em níveis de infecção ocorreu na década de 1950 e a imunização mais direcionada e efetiva foi alcançada entre 1966 e 1971, ano em que foi erradicada nas Américas; no mundo, a erradicação ocorreu em 1977. (SCHATZMAYR, 2001) Sua taxa de letalidade era de 30% e foi associada principalmente à condição de pobreza e baixa imunidade. (GAZÊTA, 2006)

É na população mais pobre e sem acesso ao tratamento médico que está a maior vulnerabilidade das pessoas em relação às doenças, deixando os rituais alternativos de cura como uma das únicas saídas encontradas para diminuição da dor, do medo e do sofrimento gerados pelas enfermidades.

Tempos depois da epidemia de varíola, veio a epidemia de sarampo. Na época Dona Zóla já contava com onze filhos e filhas. Ela teve a impressão de ser uma doença ainda pior

que a primeira, pois enfrentou já adulta e a doença acometeu seus filhos, causando-lhe muita angústia. Relata que um deles durante o surto, já adulto jovem, chegou de São Paulo infectado com a doença e teve agravos com febre e vômitos. Ela tinha que cuidar dos filhos, todos com o sarampo e, para isso, os colocou em um couro de boi no piso da casa que era de chão batido.

Quando der fé vem o sarampo. Oh! Meu Pai do Céu! Esse é pior. Pior porque o sarampo cê num pode abrir porta; cê num pode...é dentro da casa. O sarampo é uma febre...uma febre com uma dor de cabeça. E ele dá é ramiado assim, ó... Ia na casa de Cumpade (farmácia do lugar) e cumpade “Não tem remédio...num tem remédio”. (Dona Zóla, 13/08/2021)

Buscou novamente na reza e nos chás a condição de cura e, dessa vez, ela explica que o chá que o rezador ensinou foi de buscar “bosta de gado”, colocar em um pano, amarrar e colocar junto com a água para fervura. O filho que veio de São Paulo teve que voltar, mesmo doente. Lá chegando, procurou um hospital e foi atendido por um médico e, ao tomar a medicação, ficou logo bom. Enquanto isso, seus irmãos ainda estavam passando pela recuperação. Nesse momento ela estranhou que esse médico que atendeu a seu filho passou um banho de água fria⁸ para baixar a febre, enquanto ela nem sequer abria a porta para que o vento não agravasse a febre dos que ficaram em casa. Ela repetiu ainda pasma, depois de tanto tempo “Água fria! Água fria!”.

Essas intervenções são resultado de pesquisas científica na área da saúde e, pelo senso comum, assusta dar banho de água fria ou morna, quando as pessoas tem o receio de sair da cama pelo perigo de tomar um ar frio. Esse foi o maior estranhamento de dona Zóla, mas o método clínico utilizado estava correto.

Continuava indo à farmácia na esperança de conseguir um medicamento, mas sempre ouvia que não havia remédio. Chá de canela era o que tinha para dar aos filhos no lugar das medicações, quando ensinaram para ela pegar uma lagartixa viva e colocar em água fervendo e fazia um chá para dar aos filhos e filhas. Após cozinhar, escorria a água e deixava esfriar. Eles beberam e disseram: “Oh, chazim bom, mãe!”.

Santos (2009) observa que, apesar de terem aprendido as rezas desde a infância, foi depois de serem donas de casa, casadas e com filhos que rezadeiras passaram a exercer seu ofício, vinculando sua prática às suas necessidades de mãe e cuidadora da família.

⁸ A temperatura corporal é um dos sinais vitais mais importantes e, em condição de homeostase, pode ser medida via oral ficando entre 36,5°C e 37°C. É considerada hipertermia quando está entre 37°C e 39°C e acima disso uma disfunção grave está ocorrendo, fazendo-se necessárias intervenções como banhos de água fria ou em temperatura ambiente para adultos e de água morna para crianças, com o objetivo de resfriamento do corpo e diminuição da febre. (SALGADO et al., 2014)

Dona Zóla fala com alívio do fim do sarampo em sua casa e da volta da saúde em seus filhos, mas lamenta que outras doenças passaram a chegar, chamando de “Maldito” o câncer que há dois meses havia acometido de morte uma de suas filhas. Não diz o nome da doença por superstição. Lembrou-se também da tuberculose e da recente COVID-19 e fala com alegria que doenças como a tuberculose e a lepra hoje já têm cura, atribuindo a Deus essa condição.

Dona Zóla está próxima aos seus noventa anos e casou-se aos quinze, portanto podemos associar que a epidemia de sarampo se deu com ela enquanto mãe no mesmo período em que acometeu também a Dona Maria, enquanto filha, quando tinha nove meses de idade. Ela relata a mesma cena contada por Dona Zóla, que ouvira de sua mãe, como criança com seus irmãos e irmã, sentada em um couro de boi. Elas moram em cidades diferentes e nunca se conheceram, mas viveram situações semelhantes.

Quando eu tinha, mãe falava que quando eu tinha, é...nove meis, minha famia, meu pai, meus dois irmão e minha rimã, né? Deu sarampo tudo, na famia toda. A casa era de terra, aterrada assim, né? Aterrada. Era de terra né, na minha época. Aí, né? Minha mãe disse que ia fazer um remeido, cozinhar uma bosta de gado...naquela época usava bosta de gado pra dar pras pessoa.”
(Dona Maria, 11 de julho de 2021)

O sarampo foi uma doença endêmica no Brasil e passava a epidemia em muitas localidades. A morbimortalidade de crianças pelo sarampo no país sempre foi muito alta até a chegada da vacina em 1960 e a partir de 1968 passou a ser considerada de notificação compulsória. Só a partir de 1973, foi criado o Programa Nacional de Imunização que organizou agendas de vacinação em todo o território nacional baixando os índices de mortalidade por essa doença. (DOMINGUES, et al., 1997)

Para Halbwachs (2006), a percepção de cada indivíduo ocorre a partir de lembranças dele mesmo e dos outros, o que reforça sua impressão sobre a situação analisada pelos testemunhos desses outros serem convergentes aos seus próprios, podendo, no entanto, divergir em alguns pontos, mas é nesse reforço que passamos a confiar em nossas visões de mundo, o que é importante na formação da própria identidade.

Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos sós. Não é preciso que outros estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco e em nós certa quantidade de pessoas que não se confundem. (HALBWACHS, 2006, p. 30)

Para o autor, o nosso próprio testemunho é o primeiro e o mais importante a que devemos recorrer para acessar uma lembrança. Mas, para que haja esse reconhecimento somos envolvidos e aprendemos socialmente os símbolos, e só através da memória coletiva temos a condição de traduzir e identificar o significado dessas impressões. No caso de Dona Maria, que ouviu da mãe a narração sobre o surto de sarampo em sua casa quando estava com nove meses de idade, a lembrança ocorre diferente da experiência de Dona Zóla, que viveu de fato o surto de sarampo, pois, apesar da mãe descrever a cena do enfrentamento da doença, essa reprodução pelo “ouvir falar” não poderá ser considerada como uma lembrança.

Os remédios caseiros, as ervas, simpatias, rezas e promessas feitas para alcançar a saúde nas casas de Dona Zóla e de Dona Maria, para o pensamento científico, baseado em método e sistemática de estudos e pesquisa, não poderiam ser considerados pelo termo medicina, mesmo que utilizasse complementos como “alternativa” ou “tradicional”, por não condizer com o modelo médico hegemônico, postulando que toda categoria de tratamentos fora da condição empírica lógica de ser estudada é considerada charlatanismo. (OLIVEIRA & OLIVEIRA, 2007)

Há uma associação de práticas das rezadeiras com terapias biomédicas, uma vez que pacientes da biomedicina fazem uso dessas práticas para o tratamento de doenças variadas. Desse modo, há uma ação de forma complementar a esse ramo da medicina e as pessoas que buscam nas rezadeiras a cura ou alívio de suas situações de doença têm uma visão mais terapêutica do que religiosa. (SANTOS, 2009)

Para as rezadeiras, ter ou não uma classificação na medicina não tem importância. Não foi observado, durante as entrevistas, qualquer tipo de resistência em relação ao tratamento médico convencional. Elas falam com confiança da medicina, cujos avanços devem mesmo ser ovacionados sempre pela grande prestação de serviços à população, mas está na condição de acesso a esses cuidados o ponto crítico dessa relação.

Dona Naninha, por exemplo, foi diagnosticada com um câncer de boca há sete anos e teve acesso ao tratamento médico adequado, ao seu diagnóstico, na cidade de São Paulo. Após cinco anos de tratamento, dos quais um ela ficou sem vir em casa, em um longo processo de tratamento de quimioterapia e radioterapia, obteve a cura. Em suas palavras e em suas expressões havia muito contentamento, principalmente ao narrar a notícia da cura dada pelo médico:

Dotore, eu tô curada? “Tá. Isso aí cê tá.” Aí eu falei “Pois é! Pois agora, meu fĩ, eu vô pá Bahia e eu num vô operá coisa nenhuma mais (rindo). “Ah! Mais vai fica bunitim, eu vô colocá seus dente”...eu ia saí das crínica cus dente. Eu

falei “Não. Eu já tô véa. Prá quê essas bunitiza mais. Meu véi gostano de mim tá tudo bem. (riu e todos riram junto). (Dona Naninha, 10 de julho de 2021).

Dona Lindaura foi atendida por um curador que lhe passou remédios naturais em forma de um chá, segundo ela, de cor amarela. Sua comunidade estava à margem do acesso aos cuidados médicos e ela foi levada pelo pai, que estava desesperado com a dor de estômago da filha, cujos sintomas graves já eram inclusive de delírio. A medicina naturista, na pessoa do curandeiro, foi o socorro à dor da menina e à preocupação do seu pai.

Ao caracterizar os usos de plantas consideradas medicinais, Danielli e Siqueira (2019, p. 136) asseveram que as rezadeiras são “conhecedoras das técnicas de fabricação de xaropes, infusões, pomadas, tinturas com vinhos e com álcool”. Albuquerque (2004) fala que na região do Nordeste brasileiro, as rezadeiras produzem xaropes que são denominados de “lambedor”, termo mais utilizado em regiões do Ceará.

Para sua fabricação a técnica é a seguinte: ferver o açúcar junto com as folhas, galhos ou raízes de plantas conhecidas como medicinais até a água evaporar e ficar em uma consistência de xarope, depois colocam em vasilhas como garrafas e guardam para ir tomando aos poucos. Além do lambedor, há as garrafadas que “são compostos com raízes e ervas, às quais se junta a pinga, em preparações para males específicos”. (ALBUQUERQUE, 2004, p.8)

Há, no território brasileiro, uma herança fundiária que gerou como consequência imensas desigualdades sociais e essas são evidenciadas por um comprometimento do acesso da população aos serviços públicos, principalmente de saúde. A essa herança fundiária se soma a herança escravista, trazendo, a partir do perfil civilizador europeu, a desvalorização das características culturais com tendência a atribuição de características de atraso aos costumes e valores do povo brasileiro, bem como “atribuir referências negativas a valores e expressões culturais de grupos, comunidades ou etnias não-hegemônicas”. (OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2007, p. 21)

A resistência em guardar e transmitir a cultura de cura foi justamente a crença na potência e na eficácia de aplicação de plantas, rezas e rituais na condução do alívio de dores físicas e males espirituais. Estar diante de um curador, rezadeira ou qualquer representante detentor do poder místico-religioso sempre eliciou nas pessoas tanto a sedução quanto o temor e essa magia, representada pelos rituais de reza e cura teve, ao longo do tempo, comprovação e validação de características de resolução de variados problemas, o que fez perpetuar essa

memória do poder curador dentro das comunidades e generalizou para os mais diversos e distantes lugares no Brasil e outras partes do mundo. (BANDEIRA, 2013)

Caminhando bem devagar em direção à casa de Dona Maria, surgiu o assunto a respeito de uma memória em que o problema de saúde se chamava Espinhela Caída⁹. Fui informada de que Rosália, que estava nos levando até a casa de sua mãe, sabia rezar desse mal ao que ela prontamente confirmou que sim.

Rosália informou que primeiro aprendeu a diagnosticar a doença através de uma medida com um pano entre o cotovelo e o dedo médio e, caso a medida em um braço fosse diferente em relação ao outro braço, o diagnóstico estaria confirmado. O avô foi quem lhe ensinou a medir o tamanho dos ossos do braço para diagnosticar a Espinhela Caída e depois rezava a pessoa em voz alta.

Ela informou que a medida do dedo médio corresponde ao da espinhela; do dedo anelar aos átrios e o dedo mindinho aos ventos. Informou que a Espinhela Caída também causa sintoma de dor acima do estômago, apontando a região do esterno. Rosália se lembrou de que quando diziam que estavam de espinhela caída as mães logo perguntavam se havia pegado algum peso e que, após rezar, melhorava.

Rosália informou que muitas amigas de São Paulo pedem para sua mãe rezar quando se sentem mal e ela reza a distância, recebendo a devolutiva dessas pessoas que informam ter melhorado. Também faz a reza em um “cordãozinho” informando que deve ser amarrado em alguma parte do corpo ou colocar na casa, só que há um cuidado em que não poderá ser em local em que alguém possa pisar em cima.

Santos (2009) observou também essas características nas rezadeiras de Cruzeta – RN, em que não se fazia necessária a presença da pessoa para que ocorresse o benzimento, no entanto, no caso daquela localidade, as rezadeiras pediam uma peça de roupa ou objeto que pertencesse à pessoa a ser rezada.

Podemos explicar a memória como uma função fisiológica relacionada a processos cerebrais complexos e dinâmicos havendo uma ligação entre a manutenção desses sistemas com as condições de interação social através da linguagem e do comportamento narrativo que permitiu o compartilhamento de vivências entre os indivíduos e trouxe enorme arcabouço de

⁹A Espinhela Caída é também conhecida como Vento Virado e ocorre por conta do deslocamento do osso denominado pela anatomia de apêndice xifóide e, pelo saber popular, como espinhela que ocorre após um susto ou quando a criança é jogada para cima, enquanto no adulto ocorre quando carrega algum peso excessivo, provocando sintomas de enjôo com vômito, sufocamento e cansaço pela dificuldade de respirar; nas crianças, esse deslocamento provoca encurtamento de uma das pernas. (CUNHA, 2018)

base de estudos no comportamento humano e social para as ciências sociais, colocando a memória coletiva como cerne na manutenção do poder pela influência que “o interesse, a afetividade, a inibição, a censura exercem sobre a memória individual” (LE GOFF, 2013, p. 390), pois o que o indivíduo lembra pode ser manipulado, mas o que é lembrado coletivamente sempre será reforçado entre esses indivíduos.

Há na memória da relação saúde e doença das rezadeiras vários marcos sociais que puderam ser identificados e cruzados nessas narrativas, bem como práticas de cura e condições sociais entre pessoas de uma mesma região. O acesso a essas memórias promovem o reforçamento entre o que é lembrado e vivido por indivíduos e torna seu falar validado. Entendo o posicionamento dessas mulheres em suas casas como mães e seus enfrentamentos a graves situações de doença de filhos, familiares e delas próprias podemos ter uma base para a análise de sua religiosidade que também é defendida e difundida por elas, principalmente no que diz respeito a sua relação com o processo curativo, em que crenças e fé sempre estão fortemente presentes.

IV - PERPETUANDO A TRADIÇÃO: TRANSMISSÃO DE SABERES

As práticas das rezas fazem parte de patrimônio imaterial levando-se em consideração tratar-se de um conhecimento, técnicas ou representações (SANTOS, 2009) e, como tal, é de grande importância seu registro a partir de estudos e pesquisas a seu respeito. A forma de transmissão desses conhecimentos, em relação às rezadeiras entrevistadas, ocorre através da oralidade e, sendo uma maneira de perpetuação dessas práticas e valores para as próximas gerações, reafirma a importância desse ofício em suas comunidades.

As rezadeiras tiveram como característica em comum o fato de não terem frequentado a escola ou, no caso de Dona Maria, frequentou muito pouco e teve seu aprendizado comprometido pela sua condição frágil de saúde. Então, enfatizamos aqui que o aprendizado não ocorreu pela leitura, mas transmissão oral. Mesmo em comunidades com dificuldade de acesso e distantes entre si, esse aprendizado ocorreu com muita semelhança na história de cada uma.

Diz que ela era muito nova. Diz que ela começou rezando. A outra que era gêmea com ela, essa não quis aprender. Agora ela aprendeu e diz que ele ensinava e vinha aqui muita gente prá ela rezá; vinha muita gente. (Nitinha, filha de Dona Júlia, 10/10/2020)

Dona Júlia informou que começou a trabalhar com a família na colheita de algodão aos quatro anos de idade e que se lembra de um primo que lhe ensinou a rezar. Ela ficou impressionada pela condição de adivinhar sobre as situações de vida das pessoas a quem ele rezava. Sua irmã gêmea não quis aprender.

Interessante constatar que todas as rezadeiras aprenderam suas práticas na infância. Ao relatar essa fase, não foi detectada uma emoção específica por estar recordando vivências relacionadas a esses momentos iniciais de suas vidas.

Independente de frequentar ou não a escola, a memória é a base para o aprendizado enquanto um processo de armazenamento e rememoração de informações. Esse processo de memorização ocorre em etapas conhecidas como aquisição, consolidação e evocação. (MOTA; DINIZ, 2017) Aqui não entraremos nesses detalhes, apenas temos a intenção de mostrar como aprender tantas rezas e suas aplicações, bem como rituais e função das ervas, sem que haja a condição da leitura. Podemos associar o aprendizado dessas mulheres com a técnica mnemônica que ajuda a memorizar e, segundo Mota e Diniz (2017, p. 88), “servem para contribuir com o aprendizado e minimizar as dificuldades entre estudantes infantis. Sem contar que são lúdicas e dão mais prazer ao aprender”.

Dona Naninha nos relata que aprendeu as rezas com seu pai, um homem muito religioso e que fazia questão de levar os filhos às missas e, uma vez por ano, ia em romaria a Bom Jesus da Lapa, durante os festejos do Bom Jesus. Como moravam na zona rural, trabalhou no campo desde muito pequena, junto com a família. Em dias de missa, iam todos a pé até a cidade que se localiza a vinte quilômetros de distância e lá permaneciam nos três dias de missa, durante a visita anual do padre. Levavam comida, se alojavam em casas de amigos ou arrendavam para a ocasião e participavam de todos os eventos da igreja até a partida do padre e o retorno à rotina de trabalho.

Dona Maria, apesar do pai ter sido rezador conhecido na região, aprendeu mesmo foi com o Tio da sua mãe, que fora trazido até sua casa para ser cuidado, já que estava doente e vivia sozinho. Segundo informa, quando seus pais saíam para a roça, ela e sua irmã ficavam cuidando do tio que lhes ensinava rezas e quando utilizar cada uma, mas só Dona Maria teve interesse em aprender. Nessa época ela tinha entre oito e dez anos de idade.

É. Não foi bem meu pai que ensinou, meu pai rezava, né? Mas não foi bem meu pai que me ensinou. Quem me ensinou foi um senhor de idade que era tio da minha mãe... tio da minha mãe que tava à toa (abandonado) lá para o Inxu, no Inxu, cê já viu falar no Inxu, nesse lugar? [...] Aí, é... o meu pai botô no carro de boi e buscô ele, né? E minha mãe pegou e cozinhou umas foia de café, umas erva cidreira, e ele e lavô os pé... e ele não tava enxergando não, ele era cego. Todo mundo ia pa roça, nós era assim... e ele ensinava nós a reza. Aí ensinava nós, a rezar. (Dona Maria, 11/07/2021)

Dona Maria foi a única das cinco rezadeiras que tem a condição de transmissão de práticas e conhecimentos para alguém na família representante das novas gerações, pois sua filha, Rosália, teve a curiosidade e disposição em conhecer os saberes e práticas das rezas e informa que aprendeu tanto com sua mãe quanto com seu avô. Com o avô lembra-se de muitos ensinamentos que Dona Maria não teve acesso por ter aprendido com o tio e não com o pai e eram formas diferentes de rezar.

Santos (2009) analisa a transmissão das práticas e ritos a partir do gênero e do parentesco quando observa que as rezadeiras, na sua maioria, têm o aprendizado proveniente de uma figura masculina e dentro da própria família e, mesmo dentro do ofício, é possível perceber uma hierarquia de gênero onde a mulher fica em posição subalterna, quando a ela é dada a condição de benzer e orar para a cura de forma simples, enquanto aos homens é comum serem chamados de curadores, com poder de estar em contato com o sobrenatural, no uso de roupas, rezas e objetos religiosos na condução dos seus ritos. O autor lembra ainda que apesar de dar prioridade ao feminino em seus estudos, enfatizando o fazer das rezadeiras, os

homens são também detentores desse patrimônio imaterial cultural por dominar o fazer e dar condição de sua transmissão para outras pessoas.

No caso de Dona Zóla, seu pai mandou buscar uma rezadeira de nome Barbina para ensiná-la o ofício quando era muito pequena. Essa mulher veio de Poções – BA, fugindo de maus tratos do marido, era negra e tinha um filho. Colocou o filho para estudar e foi trabalhar em casa de família para conseguir sobreviver. Essa situação de aprendizagem da reza pode ser vista como singular por diferir das outras rezadeiras pela condição socioeconômica da época de sua meninice, uma vez que seu pai era considerado como um homem de posses. Chamar uma pessoa para ensinar o ofício da reza a uma filha nos evidencia a valorização de trabalhos relacionados à igreja e religião, principalmente católica, e a ela vinculados como condição de diferenciação e poder.

Para Seidl (2012), há uma contradição no recrutamento de jovens para seminários católicos entre as décadas de 1940 e 1980, pois não era a vocação do servir ou da missão em servir que os levava à uma vida dedicada à religião, mas o reconhecimento direcionado às pessoas nas práticas religiosas atribuídas à Igreja Católica. Especificamente no caso de Dona Zóla, não vemos esse recrutamento diretamente para os seminários, mas seu pai entendeu que saber o ofício da reza e colocar um dos filhos, no caso ela, nas práticas religiosas seria um ponto de reconhecimento e respeito para a família e para ela própria, em uma região que pouco ou nada tinha a lhe ser oferecido em termos de ensino e assim servir como um diferencial em sua localidade.

Para Dona Lindaura, o aprendizado de seu ofício ocorreu como um dom ou uma revelação, onde ela não escolheu diretamente aprender, mas foi-lhe atribuída essa condição de forma transcendente. Na época ela contava com dez anos de idade e faz questão de informar que se lembra de tudo exatamente como ocorreu. Ela morava na zona rural em meados do século XX, quando era normal que as crianças comessem cedo a ajudar em casa e a trabalhar na roça junto com seus pais.

Estava lavando roupas quando seu pai lhe pediu que fosse buscar farinha em uma localidade e quando voltava de lá uma mulher lhe chamou e pediu para dar um recado a alguém ao que ela respondeu não poder, pois tinha que obedecer ao pai e levar a farinha, mas na insistência da mulher, cedeu e se permitiu aproximar-se dela.

Em sua lembrança a mulher mexia uma comida que era angu com abóbora e quiabo, convidando a menina para comer ao que agradeceu, mas não aceitou, mesmo estando com fome e com a insistência da mulher em que ela comesse. Ela então foi embora, mas, estava sem sapatos, como era o costume pela falta de condição em comprá-los, deixando no chão seu

rastro, ao que informa que essa mulher teria utilizado a marca do seu pé no chão e feito alguma “bruxaria” para ela. Mais tarde, quando foi ao curador, ela informa que ouviu dele que “pegou meu rastro e botô prá trás”.

Passou a sentir fortes dores de estômago, enjoo, delírios, dor de cabeça forte zumbido. O pai lhe perguntou se tinha comido algo oferecido pela mulher, ao que ela negou. Ele passou a lhe dar chá de imburana e rezar nela, mas nada funcionava e os sintomas ficavam cada vez mais fortes. De madrugada, o pai pegou um cavalo e foi buscar ajuda, enquanto Dona Lindaura perdeu o sentido de si mesma, ela disse: “Já não era eu”. Desse momento em diante ela conta da situação enfrentada pelo que ouviu falar dos outros, pois não tinha consciência do que ocorreu.

Informaram para ela que “ficou doida” e que corria no mato, subia em árvores e ouvindo a “zuada” do mar, até ser levada a um curador em São Paulino, hoje a cidade de Caatiba– BA, porém ela morava em Cachoeira Grande, na cidade de Itapetinga – BA. Este curador lhe mandou uma garrafinha com um líquido amarelo dentro e que fosse acesa uma vela quando tomasse o conteúdo do frasco. Exatamente como previsto pelo curador, ela vomitou após alguns momentos de contração estomacal e dor, colocando para fora um besouro.

Quando eu bibi, aí agora entrô no meu istambo e ficô remexeno e foi remexeno, remexeno e aquilo tava me tumano por dentro e eu já botava sangue...já vomitava sangue...Aí quando eu voltei e abri a boca, caiu um besouro desse tamanho (mostrando o dedo apontador), por essa luz de Deus, desse tamanho. Tinha um bucado de ferrão aqui na frente, outros cá no cabo, aqui no mei até nas perna. Era ele que tava me matano, por dentro. (Dona Lindaura, 02/05/2021)

O pai colocou o besouro em um recipiente de vidro e exibia a todos que vinham visitar a menina como um troféu por vencer o mal, dizendo “Olha aqui o que tava matano minha fia”. Com essas pessoas chegou uma mulher trazendo um menino doente para que ela rezasse e ela negou, dizendo que apenas seu pai sabia o ofício. Até que um dia a mulher veio e ela imediatamente foi até uma planta a que chama de “Canana de Ti Zé Matia”, pegou três galhos e rezou de forma inconsciente. Depois de três vezes que rezou, o menino melhorou e ela ficou rezando as pessoas que necessitassem e pedissem.

Aí agora eu fiquei rezano gente do mundo todo e tanta reza na minha cabeça que eu num sei de onde saiu. Ninguém me ensinou. Eu já rezo pela força qui Deus me deu. Eu num quiria, não. Mas já veio aquela força dada por Deus. E ninguém me ensinou. (Dona Lindaura, 02/05/2021)

De acordo com Moura (2009), além da transmissão por parentesco, o dom também pode ser adquirido por meio de uma revelação, seja em sonho ou uma visão espiritual. Para Quintana (1999), na aprendizagem pela experiência mística, os conhecimentos, tanto das orações como de plantas, são atribuídos à informação de alguma entidade sobrenatural, como anjos ou guias, principalmente. Foi observado por Santos (2009) que esse tipo de apreensão das condições da reza e de suas práticas pode ser mais valorizado dentro de algumas comunidades, o que no caso de nossa pesquisa não parece ter relevância, pois não há uma investigação das pessoas sobre estas questões antes de receberem o benzimento.

Podemos identificar na fala de Dona Lindaura, em relação a sua experiência transcendental, como uma narrativa mítica, que ora parece relatar um sonho, ora enfatiza que está se lembrando perfeitamente do momento em que aconteceu o fato. O certo é que quando a narrativa se transforma no mito, não podemos precisar de onde veio a memória, muito menos julgá-la. Para Dona Lindaura, há um relato fidedigno do que ocorreu com ela e em sua narrativa há outros mitos, como o salão debaixo d'água em que ela ficou por horas, mas aqui não iremos adentrar esse outro momento de seu relato.

Dona Lindaura, assim como todas as outras rezadeiras, informa professar a fé católica. No caso dela em particular, há o culto de caboclos entre as imagens de santos católicos. Essa conduta liga a fé católica a uma religiosidade popular. Ou seja, tal aprendizagem não ocorre por meio das instituições religiosas, sendo transmitida de forma oral e adaptada ao contexto local de linguagem e necessidade ligando saberes de cura aos ritos religiosos, formando assim uma fé católica popular, cuja base das rezas é a fé católica oficial, mas não apenas essa fé, havendo também influências afro-indígenas pela formação das populações em suas comunidades. (CUNHA, 2018)

Essa religiosidade popular traz casos em que a oralidade, a depender da visão das pessoas em suas localidades, pode gerar dualidade ou haver contradição em alguns saberes. Em um dos aprendizados narrados por Rosália, ela informa sobre uma reza que o seu avô ensinou para saber se uma inflamação na perna ou pé de alguém tinha ocorrido por ferimento provocado por espinho de cobra. Segundo ela, esse espinho são as costelas das cobras peçonhentas cujos restos mortais não foram devidamente enterrados e podem ficar em lugares onde as pessoas passam, podendo ferir, ou em poças de água que as pessoas também podem pisar já tendo algum ferimento em membros inferiores que, ao contato com a água contaminada, podem se infectar com o veneno, causando graves inflamações.

Rosália explica que para saber distinguir se a inflamação foi ou não causada por “ispim de cobra” há uma prática que se chama “A oiada”. Dona Maria não gosta de falar

nessa prática, enfatizando que não faz como o pai fazia. Para esse diagnóstico tem que desenhar no chão o que Rosália informa ser “Os cinco Salomão” que seriam, segundo ela, uma estrela com cinco pontas. No meio da estrela, onde se forma um pentagrama, coloca-se um copo de água e em seguida é colocado no copo três brasas acesas, “bem vivas” como informa Dona Maria:

É. Joga no copo d’água aí faz “Shhhhhuzzzz” (som da brasa em contato com a água) aí desce uma, desce ota... se num descer nenhuma, não tem ispm. É algum pobrema; oto pobrema que tem[...] é, mas eu num faço isso. (Dona Maria, 11/07/2021).

Dona Zóla fala dos “Cinco Salomão” com muita resistência e diz que não é coisa boa. Foi a única prática entre as rezadeiras em que houve uma condição de compreensão contrária em sua aplicação. Porém, enfatizamos que Rosália aprendeu com seu avô que fazia “A Oiada”, mas Dona Maria fala na prática também com reservas, quando enfatiza que não a pratica. Sobre os “Cinco Salomão” Dona Zóla diz:

Os Cinco Salomão ês faz é a pessoa ficá atrapaiada. Sabe disso? Os Cinco Salomão, eu num faço purquê eu num tem coraige. Pois é, Ana Maria, os Cinco Salomão ele é... ele vem atrapiá a vida da pessoa. Purquê ele é uma letra. A pessoa vai passano com o pé no chão, se aquele outro tiver raiva ou querê fazê uma coisa, ou cê qui tá assim atrapaiado, ni seu rastro ele faz assim os Cinco Salomão em cruz e panha uma foia verde e bota inriba. Isso é uma simpatia perigosa. Cinco Salomão é. Eu num faço isso, não [...] é uma simpatia. (Dona Zóla, 14/08/2021)

Dona Lindaura diz conhecer “Os cinco Salomão” como sendo a representação das estrelas, a constelação popularmente conhecida como o Cruzeiro do Sul. Para ela, além da compreensão dos cinco, tem também a dos “Sete Salomão”, que é coisa muito ruim e que se alguém rezar em intenção a outro atrapalha muito a vida dessa pessoa. Sua madrasta tinha “Os cinco Salomão” no corpo como marca de nascença, no braço direito, e isso, segundo ela, é sinal de que pode confiar naquela pessoa, é algo bom.

Trazer esse esclarecimento nos coloca em meio ao que pode ocorrer na transmissão oral, sem a base histórica, já que cada uma das rezadeiras que citam “Os Cinco Salomão” o faz com um tipo diferente de interpretação e conduta, certamente a depender de como receberam essas informações dentro de suas realidades sociais. Umas com muita reserva, para não mexer com coisas ruins, outras com tranquilidade já que ruim são “Os sete” e não “Os Cinco”.

Os “Cinco Salomão” são um pentagrama que é uma estrela de cinco pontas em que uma delas está voltada para cima e simboliza o espírito, enquanto as outras representam os quatro elementos: água, ar, terra e fogo. Este símbolo está remotamente ligado a antigas relíquias babilônicas e é utilizado em rituais pagãos, como a magia Celta, enquanto no cristianismo já foi utilizado para simbolizar as cinco chagas de Cristo, passando a ser visto pela igreja na Idade Média como representação do anticristo se sua ponta estiver voltada para baixo. (CONWAY, 2002) Assim, se o pentagrama está com a ponta voltada para cima, é sinal de proteção e muitas pessoas tatuam o corpo com esse símbolo. Ao contrário, se tem a ponta voltada para baixo representa o próprio mal.

Os espaços ocupados pela religiosidade popular brasileira foram muito além dos templos, chegando desde a pajelança até as religiões de matrizes africanas. Essa mistura de saberes de rituais, práticas e crenças religiosas foram disseminadas através do encontro de povos e das suas itinerâncias que “em constantes deslocamentos, extrapolaram o espaço dos quilombos e entraram em viveres de libertos, índios, negros, brancos e diversos setores da sociedade, sofrendo, na Amazônia e nas Américas reinvenções e reapropriações históricas”. (BANDEIRA, 2013, p. 69)

Evidentemente, o pentagrama passou por muitos conceitos a partir dos povos ou culturas que o interpretaram, servindo a critérios de aprovação ou reprovação no dualismo entre o bem e o mal, que traz o respeito e as reservas vistas nas construções de memória das rezadeiras. Para Pereira e Gaiotto (2019), ser detentor de poder pode levar a um desprezo de como foram ocorridos os fatos diminuindo o valor de acontecimentos a partir do olhar desses grupos e abortando a memória de vivências da maioria para retratar aquilo que o poderio quer registrar, criando um imenso abismo entre a memória e a história pela simples condição dessa maioria não estar apropriada de influência e poder para fazer valer sua visão dos fatos.

Os rituais de magia ou elementos ligados ao mágico-religioso tiveram na Idade Média essa condição de abafamento, mas não foi forte o bastante para apagar essa memória que resistiu, apesar das perseguições e tentativas de controle na intenção de tornar a população brasileira o mais parecida possível com a européia “tudo em decorrência da percepção que representavam e continuam representando, afronta e ameaça a dita religião “civilizada” e a medicina “oficial”. (BANDEIRA, 2013 p. 123)

Assim, o conceito dos “Cinco Salomão” pode estar com tantos vieses dentro do conhecer das rezadeiras que, mesmo sem aproximação umas com as outras, tiveram pontos de convergência ao se colocar as rezas conforme eram conhecidas e aprovadas pela Igreja

Católica, que soube flexibilizar e negociar em muitas instâncias com o popular, tolerando esse saber mágico-religioso, mas dentro de uma condição de observação e controle dogmático.

Nesse contexto, o processo de enfermidade pode ser considerado como uma relação complexa de constructo social, em que a doença e o doente estão em processos interacionais e cuja cura está relacionada desde o conhecimento científico até o mágico-religioso. Conhecimento que varia do avançado saber das ciências médicas até o grande acolhimento e amparo proporcionados pelos rituais de cura alternativos, rituais esses que retratam a sociedade em seus aspectos econômico, cultural, social, político e simbólico. (LE GOFF, 1985)

Para Oliveira e Oliveira (2007), há uma coexistência entre o saber médico e os contextos sociais e pessoais que podem levar o sujeito às mais diversas necessidades em estar buscando os saberes e práticas místico-religiosas, pois mesmo a mais racional das pessoas sendo atendida em suas necessidades de saúde pela mais racional das práticas médicas, quando passa por situações extremas de diagnose, pode ter afloradas suas lembranças míticas e espirituais na busca pelas condições que podem lhe restabelecer a saúde.

Há uma relação de diálogo entre a rezadeira que conta com o saber e prática de cura e aquele que procura pelo seu serviço. Dessa forma um reforça o outro dentro de seu local de vivência e interação, permitindo a preservação desse saber e a transmissão dessas práticas. Desde crianças, estão expostos à essa interação com o grupo, o que traz ensinamentos e aprendizados e a figura de rezadeiras e rezadores representam a imagem de mediação do sagrado, elementos que fortalecem e mantêm culturalmente o ofício do benzimento. (NASCIMENTO, 2017)

Tornar-se rezadeira, ou ser escolhida para ser uma, já coloca a mulher em uma condição de reverência dentro da comunidade em que vive, sendo que com essa posição vem também a necessidade de ter um comportamento que lhe represente enquanto detentora de um ofício em que “a sociedade tende a percebê-la como alguém muito ligada ao sagrado, dando-lhe atributos imaculados, distanciando-a da possibilidade de um convívio estreito com as coisas profanas”. (CUNHA, 2018 p. 36)

Nesta seção, conseguimos observar que ser rezadeira influencia e exige novos comportamentos em seus locais de vivência. Também, pode ser modelo para outros membros desse grupo em seus comportamentos, dando a essas mulheres, apesar de ocupar lugares ditos subalternos, poder e força para se colocarem de forma contumaz em situações adversas em que não conseguiriam atingir tal respeito. Assim, se poderiam tornar-se representantes de uma crença, cultura e condição de cura através da alteridade, mas sem deixar de lado a ipseidade.

V - PRÁTICAS DE CURA (ERVAS E RAMOS, REZA E FÉ)

A memória coletiva da religião marcou toda a humanidade, sendo as ideias religiosas uma grande influência para os povos desde seus antecedentes históricos, podendo ser vista fortemente nas mitologias grega e romana, a tal ponto que do mito é que se originam os ritos e crenças, provenientes de costumes e superstições ditas primitivas, mas que são a base de novas e avançadas formas de organização dos rituais, pois “a lei do pensamento coletivo reside em sistematizar, do ponto de vista das suas atuais concepções, os ritos e crenças provenientes do passado e que não hajam desaparecido”. (HEIDEGGER, 2005, p. 10)

Le Goff (2013) analisa a memória étnica de povos sem a escrita como sendo oriunda da narrativa e das estruturas relacionadas aos acontecimentos o que tira a memória coletiva de um critério apenas mnemotécnico de aprendizagem, ligada a repetição, e leva a maiores possibilidades de liberdade e criação; essa memória estaria fundamentada em três vias, sendo a primeira a idade do grupo que denota quais são seus mitos de origem, em seguida, a expressão da genealogia a partir de influência das famílias hegemônicas e depois o saber técnico transmitido e associado às práticas mágico-religiosas.

O autor continua analisando que os povos com a escrita, para a memória coletiva, se vinculam ao desenvolvimento de datas comemorativas, elegendo monumentos ligados à memória dos acontecimentos e ao documento escrito, que promove a condição de registrar esses acontecimentos; essa memória coletiva sofreu transformações na Idade Média com a grande abrangência que o cristianismo alcançou como religião e, juntamente com o judaísmo, são consideradas “religiões de recordação”, já que a lembrança de grandes feitos divinos voltados para a salvação e a existência de objetos ligados ao sagrado é necessária para a manutenção da religião como um aspecto fundamental ao indivíduo, como forma de ligação entre o humano e a divindade, tomando essa análise da memória coletiva da seguinte forma:

Cristianização da memória e da mnemotécnica, repartição da memória coletiva entre uma memória litúrgica girando em torno de si mesma e uma memória laica de fraca penetração cronológica, desenvolvimento da memória dos mortos, principalmente dos santos, papel da memória do ensino que articula o oral e o escrito, aparecimento, enfim, de tratados de memória (*artes memoriae*), tais são os traços mais característicos das metamorfoses da memória na Idade Média. (LE GOFF, 2013, p. 405)

A entrevista com as rezadeiras nos fez refletir sobre essa análise de Jaques Le Goff (2013) no sentido da importância da base oral e escrita para a manutenção da memória

coletiva entre os povos em várias épocas da humanidade, vindo a ser detectada até os nossos dias nas narrativas dessas mulheres que tem o aprendizado e a transmissão de práticas dos ofícios da benzeção fincados na oralidade, enquanto seguem a Igreja Católica em relação a datas, comemorações, registros e cultos a partir de suas bases escritas.

Neste capítulo, vamos registrar as práticas e saberes transmitidos pelas rezadeiras, como elas nos passaram, nas palavras que conheceram, no sentido que lhes atribuíram e dentro das ocasiões em que julgam ser necessária sua aplicação. Conforme diz Rosália em relação às palavras utilizadas por sua mãe e que ela compreende que tem valor de crença e fé, mas podem sofrer alterações em relação ao que é dito ou ouvido em outros lugares.

Um dia eu achei na internet... foi Estrela do Céu que eu achei e que te mostrei. Eu achei uma oração que ela reza, na internet, né? Eu acho que foi Estrela do Céu. Aí eu fui e mostrei prá ela, né? Rezei prá ela prá ela vê se era a mesma coisa. Aí assim... é a mesma coisa, mas como assim, o palavreado, né? Cê sabe que tem algumas palavra que eles falam... Aí, na oração tá correto o palavreado, mas o jeito que ela fala é diferente (Rosália, 11/07/2021).

No ofício do benzimento não há apenas uma reprodução das rezas ou práticas, mas uma modelagem e remodelagem destas conforme surgem suas demandas dentro de um fazer social, em alguns momentos esforçando-se por manter tradições e em outros transpondo essas tradições conforme suas necessidades, sem, no entanto, deixar de seguir seus critérios de base e essência das exigências religiosas. (FARINHA, 2012) As práticas referentes ao ofício das rezadeiras estão voltadas para o atendimento aos que as procuram, mas ligadas e associadas sempre ao seu culto e devoção como os veem e entendem, como valores que não devem ser negligenciados.

Apesar de registrarmos nesta pesquisa as rezas e em que situações são aplicadas, entendemos que não se resume apenas em repetí-las ou aprender como utilizar os ramos para se tornar uma rezadeira. Não se trata de uma receita pronta da reza ou do que a envolve, mas a combinação de fatores como “um procedimento de aprendizagem repassado e adquirido + um dom recebido + a manutenção de um saber”. (GARCIA, p. 21, 2015)

O ser humano ambientado no aqui-agora, e dando significado ao seu fazer no mundo dentro de um contexto de vida específico, toma os entes como objeto de conhecimento a partir do momento em que o significado das coisas, valores e atitudes passa a perder o sentido. A ontologia diz respeito a esses entes e sua investigação e atuação na adaptação e busca do significado da linguagem quando esse significado passa a ficar obscuro, dessa forma o ser cria conceitos a partir do seu atuar e aprender no mundo a partir da sua vivência, assim a

“investigação ontológica é um modo possível de interpretação. Esta foi caracterizada como elaboração e apropriação de uma compreensão”. (HEIDEGGER, 2005, p. 10)

A construção ontológica das rezadeiras entrevistadas em seu ambiente, sob seu teto e com tantas e ricas histórias da vida é em si uma visita de potência frente a tantos percalços e invalidações sofridas pela sua jornada em que muitos comportamentos foram desenvolvidos como estratégia de adaptação e aceitação do outro na pessoa da família, da igreja e da comunidade a que pertencem.

Essa construção de habilidades e novos conhecimentos é em si mesma uma construção de memória cuja essência foi mostrada durante a entrevista mediada pela confiança e condição de visibilidade dessas recordadoras. Houve, por isso, uma preocupação em não tratar este estudo como um objeto, pois, conforme Ecléa Bosi (1994), este termo em ciências humanas traduz-se em uma redução do sujeito a coisa. No entanto, tratando-se de uma pesquisa científica temos um método a seguir e obedecer para, inclusive, validar essas histórias como merecem, pois, é “como um instrumento de receber e transmitir a memória de alguém, um meio de que esse alguém se valia para transmitir suas lembranças” (BOSI, 1994, p. 02) que guardamos a missão de compreensão dessa ontologia e dessas memórias.

Começando a nos encontrar com essas memórias passamos a analisar as rezas e suas aplicações a partir das maiores demandas das rezadeiras em seu ofício. Entre as demandas mais incidentes estão as preocupações que envolvem moradores de zona rural às ameaças relacionadas com picadas por animais peçonhentos.

Dona Maria informa que a reza “Estrela do céu”, indicada para livrar o espaço ao redor das casas ou a roça, principalmente de cobras, é uma das mais recorrentes em sua localidade. Informou que a reza deve ocorrer em três de quatro cantos do lugar, deixando o quarto espaço sem rezar, servindo como um portal, por onde irão passar os animais que irão sair. Curioso é que, segundo ela, esses animais ficam passivos dentro da propriedade rezada e de fácil detecção de sua presença, ficando mais fácil se defender deles por ficarem tontos e confusos. Segundo Dona Maria, a reza é a seguinte:

A Estrela do Céu criou o Senhor,
Fugentou a peste, a morte e a guerra.
Que plantou o primeiro prizon,
Agora, o premita brandar, Estrela,
Cujas guerra não mata o povo por ferida ou morte cruel.
Que é dos (?) Senhora, Estrela do Céu,
É por Vosso fi, que nada Vos nega,
E justo salvai a nós,
Que a Virge Vossa Mãe roga,
Roga a Deus por nós,

Santíssima Mãe de Deus,
 Para que sejamos salvo,
 Tenhamos sempre o mantimento.
 Interdição por Vós, Jesus Cristo,
 Rei da Glória,
 Salvador do mundo,
 Onde é de vim reiná por todos secle e secle, amém.
 Mais o salvá,
 Mais o ampará.
 Mais defendei nós de todo mal, amém.
 Cobra e tudo quanto é coisa ruim.
 Essa aí agora você reza o Pai Nosso (Dona Maria, 11/07/2021).

Caso ocorra o ataque de animais venenosos, Dona Zóla ensina a oração do Senhor São Bento para neutralizar a ação do veneno e da dor no organismo do animal ou da pessoa ofendida por cobras, escorpiões, lacraias entre outros. Ela ensina a seguinte reza:

Nosso Senhô ia viajano,
 Encontrô Pedro... Bento... ele encontrô Bento.
 Que tu tem, Bento?
 Tô ofendido de biba.
 Quá, Bento, isso num é nada.
 Chama pru Mim,
 chama pru ti e
 chama pru Nossa Mãe Maria Santíssima.
 Bento,
 com tu vê um ofendido de bicho mal ou peçonhento,
 Cê cura cum baca, zibraca,
 As palavra de Nosso Senhô Jesus Cristo,
 Amém
 Essa é a oração de São Bento. Cê reza treis veis e treis Pade Nosso [...] As palavra é Baca, Zibraca...essas aí ficô...nós num sabe. Só Deus o sabe o que vem a ser isso, né?...Mas é uma orde...cê cura cum Baca, Zibraca, as palavra de Nosso Senhô Jesus Cristo, amem. Pedro levantô e cumpanhô. (Dona Zóla, 14/08/2021).

Esclareceremos algo que se repetirá em muitas das orações proferidas pelas narrativas das rezadeiras que é o número três, utilizado por elas muitas vezes nas orações da Ave Maria e do Pai Nosso, sempre enfatizando que é necessário fazê-lo por três vezes. Essa repetição está ligada à Santíssima Trindade que é o Pai, Filho e Espírito Santo, ou seja, o poder está nestas três Pessoas que envolvem o poder do sagrado e sua invocação visa tornar mais forte a oração proferida (OLIVEIRA et al., 2019).

É um costume a evocação dos santos para se conseguir a graça da promoção da saúde para quem pede a reza, já que eles fazem o papel de mediadores entre o ser humano e Deus, por terem vivido como homens e mulheres na Terra e acatado para suas vidas o exemplo de Jesus Cristo, o que é convertido em virtudes, lhes dá o direito de adentrar no reino dos céus.

Na reza, os santos são representantes da humanidade junto a Jesus podendo intervir para o alcance das graças e, ademais, ajuda a associar o ofício das rezadeiras à religião católica. (THEOTÔNIO, 2010) Cada rezadeira entrevistada tem seus santos de devoção e para eles dedicam parte de seu tempo diariamente orando e agradecendo pelas graças. As orações são as proferidas e aprendidas na Igreja Católica, principalmente o Pai Nosso, a Ave Maria, o Credo e a Salve Rainha.

Para os cuidados do campo, muitas foram as demandas para a rezadeira, visto que não havia recursos outros para lidar com pragas de lavouras, bicheiras em animais, mal olhado em vacas paridas fazendo sair secreção de pus ou sangue no úbere e com mau cheiro (mastite), lagarta de manga (praga de plantação), caroços ou verrugas na criação, principalmente nos bovinos. Os criadores e lavradores não contavam com outra senão a reza como condição de cura e resolução de tais problemas.

A bicheira é uma doença provocada por parasitas provenientes da mosca, cientificamente conhecida como *Diptera*, cujas míases (larvas) são postas tanto em animais quanto em seres humanos e passam a viver alimentando-se dos tecidos ou líquidos corporais do seu hospedeiro. (CANSI et al., 2012) As bicheiras são conhecidas no meio rural como “berne” e trazem muitos prejuízos financeiros por afetar os bovinos de forma a atrapalhar sua alimentação ou aleitamento devido ao incômodo que causam.

Para a cura da bicheira, Dona Maria utiliza essa reza, que também serve, segundo ela, para curar caroços e verrugas que aparecem nas criações, ao que ela chama de figueira. A reza é a mesma, mas inverte-se as palavras bicheira por figueira. Em vinte e quatro horas qualquer um desses problemas relacionados aos animais está curado com as bicheiras caindo e as verrugas secando.

Bichêra,
tu não é figuêra.
Tu é bichêra.
Eu rezo os bicho cáí,
O sangue seca
A ferida sara,
Com os poder de Deus e da
Virge Maria,
De nove em nove.
De oito em oito.
De sete em sete.
De seis em seis.
De quato em quato.
De treis em treis.
De dois em dois.
De um em um.

Bichêra nenhuma.
 Com os poder de Deus e da
 Virge Maria,
 amém.
 Treis veis também (Dona Maria, 11/07/2021)

Dona Naninha reza de bicheira com a seguinte oração, muito parecida com a de Dona Maria. Lembramos que elas moram na mesma região, em Cordeiros-BA, mas ainda assim, cada oração possui alguns detalhes que as diferenciam:

Feridas viva,
 Feridas morta,
 Mosca voa e
 Bicho cai,
 com os poder de Deus e da
 Virgem Maria, amém.
 De nove em nove;
 De oito em oito;
 De sete em sete;
 De seis em seis;
 De cinco em cinco;
 De quato em quato;
 De treis em treis;
 De dois em dois;
 De um em um,
 Bicho nenhum.
 Com os poder de Deus e da
 Virgem Maria, amém.

Aí reza uma Ave Maria e uma Santa Maria, cê sabe, né?Aí cê fala de novo. É treis vez. Essas mesma palavra. É. É, treis vez. E as treis vez uma Ave Maria e uma Santa Maria. Aí nas treis veze cê reza um Padre nosso com Ave Maria e Santa Maria e oferece para Nossa Senhora do Desterro disterrá os bicho e aquela bicheira prá num ficá nenhum. E aí cê fala:

Deus é o sole,
 Deus é a lua e
 Deus é a mema claridade; e
 Deus é a mema divindade.
 Curais esse viventim, meu Jesus,
 Com vossos poder e
 Com vossos milagre.

É só. Fala Treis veis também. É. No final cê reza um Pai Nosso¹⁰ com Ave Maria e Santa Maria¹¹ e oferece prá Nossa Senhora do Desterro. Você rezano hoje, amanhã cê pode ficá despreocupada, aquele bichim pode tá inriba daquela serra lá, ó. (Apontando para a serra em frente a sua casa, ao longe). (Dona Naninha, 10/07/2021)

Com pouca similaridade e mais curta é a reza utilizada por Dona Zóla:

Bichêra virge,

¹⁰ Anexo A

¹¹ Anexo B

Derrama o sangue e cai os bicho,
 O que que cura essa bichêra?
 Cum treis palavra...
 Cum treis palavra Nosso Senhô Jesus Cristo,
 E um Pade Nosso cum Ave Maria.
 Pronto.
 E a fé, né?
 Eu tenho curado no mundo inteiro...daqui eles marca “Eu moro é no Morro do ouro, ó. Eu tenho uma vaca que tá assim, assim, assim, assim”. (Dona Zóla, 14/08/2021)

Foi confirmado, junto a pessoas ali presentes, que não se faz uso de uma substância conhecida no meio rural e em lojas de produtos rurais como mata-bicheira na localidade em que vivem Dona Maria e Dona Naninha. A população tem a cultura de consultar e pedir auxílio às rezadeiras e rezadores logo que surgem os bichos nos animais e confirmaram que estes caem com vinte e quatro horas após a intercessão pela reza.

Desde o início da colonização, com a chegada dos portugueses ao Brasil, tornou-se possível e necessário o desenvolvimento de uma cultura popular própria, com a construção de linguagem e medicinas mais campesinas e simples, já que havia a distância do chamado mundo erudito ou civilizado. Essa cultura surgiu proporcionalmente às demandas em contexto de total ausência de recursos para sua resolução, fazendo com que a benzeção ocorresse antes como cultura e depois como religião, mas de modo que aquele que exercesse a cura não o faria de forma oficial e a igreja aceitaria suas práticas com muitas reservas. (AZEVEDO; LEMOS, 2020)

A reza tem também a condição de ser feita e as graças alcançadas mesmo sem a presença da rezadeira junto ao animal, lugar ou pessoa necessitada, o que favoreceu muito a manutenção de sua memória devido a sua funcionalidade em território e época que as distâncias eram difíceis de serem vencidas. Dona Maria, Dona Naninha e Dona Zóla confirmam essa informação, sendo unanimidade entre elas, ou seja, não se faz necessário estar frente ao necessitado da reza ou do benzimento para que a graça seja alcançada, pois a oração chega aonde for sem que seja necessária a presença física da rezadeira.

Esses saberes e práticas são disseminados em toda a América Latina dadas as condições de similaridade da colonização desses países e formação desses povos. Como ocorre nas narrativas das rezadeiras, segundo Fabían (2000), em províncias do Noroeste argentino, aqueles que buscavam a cura não precisavam ir pessoalmente para serem curados, bastando invocar os santos de devoção. Santos (2009 p. 13) reforça a afirmação das rezadeiras, dizendo que “em seu ofício, de amplo reconhecimento, essas mulheres ‘rezam’ os

males de pessoas, animais ou objetos, bastando apenas que alguém diga os seus nomes e onde moram”.

Poucas são as pessoas que pedem reza atualmente de forma presencial. Mais comum que peçam à distância, já que na região são muitas as pessoas que foram morar em São Paulo e, de lá, se lembram de pedir o benzimento para si e para algum amigo que se interessa pela bênção. Os pedidos mais comuns são de Espinhela Caída e Carne Quebrada, que Das Graças chama de “Dore de nervo” que é equivalente às dores referentes ao estresse e tensões. A reza que ela indica para tais demandas é:

Carne quebrada,
Nervo torto,
Veia rindida
Imenda esses nervo,
Incabeça essas veia,
Desmachuca essa carne,
Pelo amor de Deus.
Reza treis veis e treis Pade Nosso. (Por que três vezes?) Num sei...é assim...é assim que é. É treis veis que fala. Pois é. (Dona Zóla, 14/08/2021)

A aprendizagem das práticas e rezas de Dona Zóla versou pela busca de Barbina, como contado antes, que tinha um saber mais ligado à região de Poções – BA e, segundo relatou Dona Zóla, já havia morado em Eunápolis e Porto Seguro na Bahia, o que pode explicar a diferença das rezas dela em relação às outras rezadeiras que aprenderam a partir de ensinamentos de parentes, ou seja, pessoas que moravam na mesma região.

Ela ensina rezas para o combate do mau olhado e o quebranto, outra demanda muito solicitada ou diagnosticada pelas rezadeiras. Na descrição dos sintomas pelas pessoas interessadas nas rezas, é comum que seja identificado um desses dois males. Tanto o mau olhado quanto o quebranto são provocados por um tipo de inveja. Enquanto o quebranto é causado por olhar de admiração, quando a pessoa chama a atenção por simpatia ou beleza física, o mau olhado é causado pelo que se chama de “olho ruim” ou um mal querer de outras pessoas. Ambos causam sintomas como diarreia, sonolência, abrição de boca, apatia e desânimo, sendo a única forma de remediar através da reza. (OLIVEIRA, 2014)

Para rezar contra mau olhado:

Pois é. E as otras reza, de oiado, a veis a pessoa...panha o nome da pessoa, fulano, a veis for Maria ou quem for:
Fulano, eu vou te benzer,
Jesus Cristo é que passou,
Eu sou a rezadeira
E ele é o curador.

Cum dois ôi mal bota,
 Cum treis tira,
 Com os podê de Deus e da
 Virge Maria.
 Treis veis...é, e forte. Porque eu sou a rezadeira e Ele é o curador. (Dona Zóla, 14/08/2021)

De quebranto:

Fulando, que que cê tem?
 É quebranto,
 Oiado ou
 Mal do tempo?
 Cum dois bota,
 Cum treis tira,
 Cus pudê de Deus e da
 Virge Maria.
 Treis veis e com treis Pai Nosso. (Dona Zóla, 14/08/2021)

O alcance das rezas nas comunidades vai muito além das dores físicas em animais ou seres humanos, chegando até ao controle de fogo nas mangas (pastagens). Há muitas pessoas que testemunharam a diminuição das chamas após a intercessão da rezadeira e sua reza. Se a falta do padre ou do médico são indícios de isolamento das comunidades, aqui podemos ver a rezadeira trazendo consolo e amparo durante o desespero do sertanejo enquanto sua pastagem é consumida pelo fogo, na falta também dos serviços de vigilantes do fogo. Assim é a reza:

Aqui passou São José e
 Nossa Senhora chegou em Belém,
 Meia-noite seria.
 Chamou o porteiro e o
 Porteiro não viria.
 Vamo recolher para um canto até vier o dia.
 A pobreza era um tanto
 Que nem um panim trazia.
 Com o véo de Nossa Senhora enlaçado
 Embrulhou o Filho da Virgem Maria.
 Ave Maria cheia de graça,
 Com a luz divina esse fogo embassa (ou o vento, né?),
 Com o poder de Deus e da
 Virgem Maria, amém.
 Aí eu falo treis veiz.
 E rezo o Pai Nosso e ofereço para Nossa Senhora do Livramento e Nossa
 Senhora do Desterro.
 Eu ofereço assim...aí eu rezo o Pai Nosso e Ave Maria, né? E a Santa Maria e
 falo:
 “Ofereço essa oração
 Que eu fiz hoje em dia,
 Com muita fé em Deus,
 Por Nossa Senhora do Livramento e
 Nossa Senhora do Desterro.

Nossa Senhora da Paz,
Abaixa este fogo,
Pelo amor de Deus.”

E aí o fogo vai baixando. Aí eu já rezei uma manga aculá, baixou o fogo. Rezei aqui no fogo de Rosa, baixou o fogo”. (Dona Maria, 11/07/2021)

A relação das rezadeiras com as plantas e animais também chama atenção. Nos jardins, nos arredores das casas estão as plantas das quais retiram os ramos para as rezas. Todas as rezadeiras tinham um jardim com plantas medicinais ou plantas para utilização em rezas.

Neste contexto, inserem-se rezadores, erveiros, benzedores e benzedoras, estes como especialistas, que mantêm através de suas fórmulas e simbolismo nas rezas, segredos dos vários usos acerca das plantas, tanto para fins medicinais na busca da cura de doenças do corpo, como para 'banhos' visando à cura de 'doenças da alma'. (MACIEL & GUARIM NETO, 2006, p. 03)

A utilização de plantas como remédios em situações de adoecimento confunde-se com a história da própria humanidade. O Brasil tem esse saber disseminado a partir da sua história de formação da sociedade através de miscigenação, como dito antes, entre povos indígenas, africanos e europeus, que cruzaram conhecimentos etnobotânicos.

Crepaldi et al (2011) trás dados históricos informando que há registros de uso de plantas desde o Egito Antigo no Papiro de Ebers, com catalogação de doenças e das plantas que podem curá-las, escrito há 3.500 anos; a própria Bíblia cita, segundo os autores, 200 plantas medicinais com indicações de suas aplicações e, no Brasil, a chegada do colonizador português e o encontro aqui de uma imensa biodiversidade fomentou estudos de herbários por toda a Europa do século XVI até os nossos dias.

A partir de pesquisa realizada com pessoas de diferentes estados do Brasil, constatou-se que 96, 83% delas utilizam de plantas como um medicamento em situação de adoecimento familiar, sendo citadas 76 espécies de plantas utilizadas para este fim e este saber é repassado entre os familiares através das gerações; a pesquisa evidenciou que há uma grande confiança dessas pessoas em relação ao conhecimento das rezadeiras em relação à aplicação de plantas para obtenção de cura de doenças. (CREPALDI et al, 2011)

Por resultados como esse é que foi criada a Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos em 22 de junho de 2006, visando reunir os conhecimentos etnobotânicos com as necessidades das comunidades, melhorando a qualidade de vida, mas também ter um controle sobre esse saber através de diretrizes governamentais que transrelacionam o saber popular

com o meio ambiente e o desenvolvimento econômico e social (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2016)

No decorrer das narrativas das rezadeiras pudemos observar alguns remédios caseiros citados seja na utilização para a reza, seja como remédio em processos de cura. No entanto, as plantas não foram especificadas por elas de forma sistemática e nem sabem informar como aprenderam sobre essas aplicações. Procuramos identificar na tabela 2 os remédios ou plantas citadas nas narrativas e sua utilidade conforme informados por elas.

Tabela 2: Remédios caseiros citados/utilizados pelas rezadeiras

REMÉDIO CASEIRO (rezadeiras)	NOME CIENTÍFICO	APLICAÇÃO (pelas rezadeiras)
Arruda	<i>Ruta graveolens L.</i>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Ramos para o benzimento 2. Dores e inflamações
Café (folha)	<i>Coffea</i>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Diminuição de edemas nos pés (escalda pés)
Esterco de vaca/boi	-	Diminuição de sintomas do sarampo: manchas avermelhadas na pele, febre intensa, dor de cabeça, dor muscular, mal-estar geral, enjoo.
Erva Cidreira	<i>Melissa officinalis</i>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Chá 2. Calmante 3. Aromatizante

Fumo	<i>Nicotiana tabacum L.</i>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Limpeza de feridas 2. Drenagem de feridas purulentas 3. Emplastro
Imburana, Amburana ou Umburana	<i>Commiphora leptophloeos</i>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Dor de estômago 2. Digestivo
Lagartixa	<i>Hemidactylus</i> (<i>Não há como especificar a espécie</i>)	<ol style="list-style-type: none"> 1. Diminuição de sintomas do sarampo: manchas avermelhadas na pele, febre intensa, dor de cabeça, dor muscular, mal-estar geral, enjoo. 2. Antiinflamatório

Fonte: Elaboração própria.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) reconhece “tratamentos medicamentosos que utilizam plantas, animais ou minerais e práticas espirituais, aplicados sozinhos ou em conjunto, objetivando tratar, diagnosticar e prevenir doenças”. (CREPALDI et al, p. 02, 2011) o autor informa ainda sobre o Programa Soro, Raízes e Rezas desde 1999 em Maranguape – CE, que insere as rezadeiras como influenciadoras nas comunidades por seu reconhecido respeito em termos de conhecimento, obtendo como resultado uma diminuição na mortalidade infantil a partir da aderência das mães aos cuidados com os filhos com a utilização de tratamentos indicados por elas, neste caso, com as plantas medicinais.

As rezadeiras utilizam plantas nos seus rituais de benzimento, mas tratam a natureza com muito respeito. Dona Naninha mostra essa relação surpreendente com a planta da qual ela retirou os ramos para rezar algumas pessoas presentes em sua casa. Saiu pelo quintal de casa, adentrou uma horta, se dirigiu a uma árvore e a um arbusto de arruda. Antes de retirar os ramos, ela pediu permissão para as plantas. Depois da reza, ela foi ao quintal novamente e, após fazer uma oração, jogou os raminhos murchos por cima da sua cabeça, atrás de suas costas, sequência que pode ser acompanhada na Figura 13. Antes de arrancar os ramos, ela fez o seguinte ritual em respeito à natureza:

Pé de planta, eu tô te pedindo, por nome do Pai e do Divino Espírito Santo, esses três ramos da Santíssima Trindade para curar a sua filha (nome da pessoa que foi rezada), Jesus, pelo nome e as graças do Divino Pai Eterno. Amém.

A divindade que Deus deu ela (a planta) aí a gente prá usá a gente tem que pedir. Não é? Porque se a gente tirá sem pedi a proteção dela, quer dizer que

a gente tá roubando, né? É dona de si. É dona de si. E aí também já faz na intenção da reza que vai para aquela pessoa. (Dona Naninha, 10/07/2021).

Figura 13: Oração para retirada e descarte dos ramos por Dona Naninha.



Fonte: Acervo da autora (2021)

Dona Naninha reza quem chegar e pedir em sua casa com grande ânimo e disposição, além de mostrar que é preocupada em contribuir para que o outro fique bem e em paz. Demonstra muito carinho e religiosidade no ato de benzer, pronunciando as palavras quase que sussurrando. Também, é o momento de utilizar os ramos das plantas que ela informa ser uma proteção para a benzedeira. Aquilo que sai de quem está sendo benzido, não passa para quem está benzendo, mas para os galhos que estão mediando essa relação. Para ela, a natureza protege e dá a condição do livramento das mazelas da queixa do benzido.

Figuras 14 e 15: Práticas da reza por Dona Naninha.

Figura 14

Figura 15



Fonte: Acervo da autora (2021)

A formação da religiosidade brasileira ocorreu pelo encontro e interação de elementos de cultura africana, indígena e europeia, o que resulta, segundo Aguiar (2007), em ser classificada como uma religião étnica onde cada pessoa irá adotar as práticas e rituais religiosos mais afins com o grupo em que cresceram e adotaram o seu saber cultural “ora conservando seus elementos de cultura, ora reinventando suas tradições”. (AGUIAR, 2007, p. 17)

A religião adotada e autodeclarada de todas as rezadeiras é a católica, mesmo que o ofício da reza não seja reconhecido ou aceito inteiramente por essa igreja. O que ocorre é que o ofício da benzeção foi se estruturando na órbita do catolicismo, mas não em seus dogmas, já que é uma prática de cunho popular e campesino, desenvolvida e estruturada com a demanda nascente no novo mundo e dentro de amparo a necessidades cuja base de estado e igreja estava bem distante e até ausente desse povo que teve que desenvolver sua própria condição de sobrevivência a partir da resistência de sua memória. (SILVA, 2009) Não esquecendo que, sendo mulheres, seu protagonismo seria aí mais um ponto de negação dogmática.

A religiosidade está evidenciada também pelo fato de todas as rezadeiras terem respeito e devoção pelos santos, mantendo um altar ou uma capela para guardá-los com o

máximo de zelo. Dona Naninha informou que seus santos de devoção são Nossa Senhora Aparecida, fitinhas do Senhor do Bonfim, fitinhas de Bom Jesus da Lapa, quadro de Santa Luzia na sua sala principal e uma imagem de Jesus crucificado em cima da porta por onde todos passam, como mostra as figuras 16 e 17.

Há o exercício da religião católica a partir da romaria a Bom Jesus da Lapa e informa que deixou de ir apenas nos anos da pandemia da COVID-19, porque foi cancelada a festa ao santo. Quando ficou em São Paulo para tratamento do câncer, também ia na cidade de Aparecida do Norte assistir às missas e pedir cura, proteção e amparo à Nossa Senhora Aparecida.

Para Farinha (2012), as rezas não são expressões somente ligadas à prática religiosa, mas e principalmente ao perfil sócio-histórico de cada pessoa que exerce esse ofício. Isso pode ser observado pela forma de interação e intersubjetividade demonstradas no relacionamento com outras pessoas e com a natureza, exercendo autonomia de aplicar suas práticas com o propósito de servir, e exercendo com os santos uma devoção que leva a crer no seu poder de intervenção mais do que apenas a função mediadora atribuída a eles pela Igreja Católica Oficial.

Figuras 16 e 17: Interior da casa de Dona Naninha com imagens.



Fonte: Acervo da autora (2021)

Dona Zóla tem construído em frente a sua casa um memorial com seus santos de devoção, óleos e água benta oferecidos pelo padre para batismo ou extrema-unção, fitas e lembranças das viagens feitas a Bom Jesus da Lapa e outras romarias das quais participou.

Todos os dias ela deixa a capela aberta, sendo bem-vindos os que chegarem para serem rezados ou apenas orar no altar. Ali também ela faz suas orações diárias.

Figura 18: Capela de Dona Zóla



Fonte: Acervo da autora (2021)

Figura 19: Interior da capela de Dona Zóla com seus santos de devoção



Fonte: Acervo da autora (2021)

As rezadeiras apresentam uma concepção concêntrica da casa, que comunica continuidade de domínios e conhecimentos das mulheres que se estendem por onde essas transitam, trabalham e benzem, em que a casa se destaca tanto pela morada de vida quanto

pelo lugar onde a prática do benzimento é realizada. Por coincidência ou por conta dos possíveis questionamentos das visitas, não ficou claro para a entrevistadora porque a mesa reservada aos santos de devoção de Dona Maria fica em seu quarto e em sua sala não há nenhum vestígio de imagens que a relacionem com a religiosidade. Ao ser indagada sobre esses santos, ela informou que estariam em seu quarto “guardadinhos”.

Figura 20: Santos de devoção de Dona Maria.



Fonte: Acervo da autora (2021)

Nos altares entre os santos mais cultuados, está Nossa Senhora Aparecida, presente em todos os oratórios, às vezes em formas, tamanhos, cores e origens diferentes. Alguns santos são de família e fazem parte da herança geracional que acompanha o ofício de benzimento que elas detêm.

Figura 21: Imagem de Nossa Senhora do Parto feita em madeira



Fonte: Acervo da autora (2021)

A imagem de Nossa Senhora do Parto da Figura 21, que pertence a Dona Maria é, por si só, uma memória guardada em família e que representa a resistência de uma madeira talhada em forma de santa vista no presente, mas trazendo em si um passado. Apesar do silenciamento de Dona Maria em relação ao que ela representa e do seu pensamento sobre si, ela resiste em sua crença e identidade e tem uma voz. Há uma resposta não dita, como ressalta Pollak (2010, p. 43): “Um passado que permanece mudo é talvez menos o produto do esquecimento do que de uma gestão da memória segundo as possibilidades de comunicação em algum momento da vida”.

Dona Lindaura também tem em sua casa um quarto cuja chave carrega com ela e não dá autorização para ninguém entrar, a não ser na sua companhia. Ali é onde ela atende às pessoas que a procuram para serem abençoadas e se encontram os seus santos com velas acesas por todo o tempo. São velas de sete ou de vinte e um dias, quando ela tem condições para comprar, ou velas comuns, quando lhe falta essa condição. Para ela, a imagem é uma lembrança de que os santos estão junto de Deus e a sua ligação é com quem ela se refere e não com a imagem em si:

A imagem eu vejo assim, ele tá lá no trono de Deus. Se não tiver a imagem é do mesmo jeito. Como se ele tivesse ali (Dona Lindaura, 02/05/2021).

Figura 22: Mesa dos santos e lugar de benzimento de Dona Lindaura



Fonte: Acervo da autora (2021)

Pode-se observar o sincretismo materializado nesse pequeno quarto que é o primeiro cômodo da casa, logo à esquerda de quem entra. Ali há vários quadros na parede e imagens de santos e caboclos na mesinha, cuidadosamente coberta com uma toalha de renda, a saber: Santa Luzia, Yemanjá, São Jorge, Caboclo Gentil das Matas, Santa Edwirges, Caboclo Sultão das Matas, Rosário do Caboclo Botocudo, Caboclo Pena Branca, São Sebastião, Nanã de Borocô, Pretos Velhos, Pai João e Mãe Maria, a Cigana, Nossa Senhora das Vitórias. Ela se identifica como católica e é devota de vários santos dessa natureza religiosa, mas informa já ter participado de reuniões em Centros Espíritas Kardecistas e cultua seus Caboclos e Pretos Velhos.

Dona Lindaura nos conta que mora em Vitória da Conquista desde sua adolescência, quando saiu da casa dos pais, expulsa por estar grávida, vindo trabalhar em casa da família dos patrões, que ficava no que hoje é a chamada Rua da Misericórdia. A idade exata ficou em aberto já que informa que teria, na época, onze anos de idade, mas pela diferença entre a idade dela e a que informa do seu filho mais velho seria dezessete. Seu principal trabalho na casa era buscar água no Poço Escuro, nascente do Rio Verruga, que fica entre os bairros Guarani e Petrópolis, reserva urbana da Mata Atlântica, em Vitória da Conquista - BA.

Ela passou por violências e abusos dos mais variados sentidos. Essa gravidez pode ter acontecido mesmo aos dezesseis para parir aos dezessete, mas trazendo para si uma designação atribuída na época pelas pessoas da família e da comunidade, ela diz que ficou “rapariga” aos onze. Grávida e fazendo um percurso de cinco quilômetros de ida e volta, como temos uma ideia a partir da Figura 23. Era nesse momento que encontrava com lavadeiras e outras mulheres trabalhadoras em ambientes domésticos. Ela fazia esse trajeto incontáveis vezes ao dia, pois na casa não podia faltar água para banhos, limpeza etc.

Figura 23: Distância entre a Rua da Misericórdia e o Poço Escuro.



Fonte: Google Maps

Dona Lindaura é uma mulher forte que não reclama e nem olha para seu passado com sofrimento. Esse sofrimento, por sinal, está implícito para quem presencia seu relato dentro de suas expressões de desacordo com situações vividas e ali rememoradas. Sua formação religiosa foi em meio ao sincretismo e seu pai era rezador. Teve suas situações de cura a partir de tratamentos com curadores e recebeu seu ofício de forma transcendente. Além disso, teve contato com mulheres em suas andanças para pegar água que foi fazendo com que ela modelasse no outro sua forma de ver e viver o mundo, sendo muitas as influências na formação da sua identidade pessoal, a partir do social.

Já casada, informa que armou seu primeiro presépio com um carneirinho e um santo que seu filho lhe deu. Nessa época, seu marido passava dias sem ir em casa e ela ficava só, sem saber quando ele voltaria já que não lhe informava de coisa alguma. Enquanto isso, ela recebia pessoas para serem rezadas e essas, vendo sua situação, lhe traziam frutas, verduras ou cereais, enfim, o que comer, e assim ia sobrevivendo. Quando ele chegou e viu o presépio, pegou-o e jogou “no mato” dizendo que não queria imagens em sua casa.

Dessa forma, podemos ver como a reza e a devoção aos seus santos foram, desde sempre, um marco de memória em sua vida. Também podemos entender a importância em manter seu ambiente de devoção, já que foi impedida de fazê-lo dentro da própria casa por muito tempo.

Sua reza ocorre com um copo de água do mar ao lado da pessoa que está sendo rezada. Ela lava os copos, põe a água do mar e, durante a reza, olha para o copo assistindo ali o que se passa na vida da pessoa que está sendo benzida “Se a senhora tiver força a senhora vê também”, ou seja, se tiver sensibilidade a pessoa pode ver o que é mostrado no copo. Em alguns momentos fica pensativa, ao que descobrimos ser um tipo de consulta aos guias para saber se pode falar para a pessoa determinados detalhes sobre sua vida.

Figura 24: Copo com água do mar, vela e ramos.



Fonte: Acervo da autora (2021)

Informou que o dia mais adequado para seus benzimentos é quarta-feira, antes de escurecer, pois ela gosta de benzer na claridade do dia, já que, segundo ela, “a noite é para quem tem coragem e o dia para quem sabe andar, que é uma chula dos caboclo”. Essa mulher resume em si a história e memória de uma região e de um país, mostrando em sua mesa de santos a miscigenação e sincretismo, e na vida, os abusos sofridos por uma menina pobre dentro de uma sociedade patriarcal e machista.

Em Vitória da Conquista, a religiosidade derivada da cultura afro-indígena tem elementos identificados desde o século XIX, sem, no entanto, ter um templo organizado para os atos religiosos. As crenças e práticas religiosas de descendentes dos escravizados africanos foram proibidas desde o Brasil colonial e impérial, sem reconhecimento sequer de serem uma crença, sofrendo desrespeito, perseguição e desvalorização no decorrer da República até que, na Bahia, em 1976, o então governador Roberto Santos fez o reconhecimento dessas crenças como construções religiosas, até a total liberdade de culto e crença ser instituída no Brasil, na Constituição de 1988. (AGUIAR, 2007)

Aqui transcrevemos integralmente a reza feita por Dona Lindaura à entrevistadora pela riqueza do conteúdo, quando ela nos rezou em sua casa, no espaço destinado aos seus Santos.

Ela inicia a reza indicando que não é ela quem o faz, mas as três pessoas da Santíssima Trindade, Pai, Filho e Espírito Santo. As rezadeiras são consideradas capazes de intermediar a cura, uma vez que quem cura não é a própria pessoa, mas sim a divindade de quem a ela é instrumento; representam para as pessoas que as buscam um canal entre o humano e o sagrado, sendo que ignorar suas recomendações equivaleria a ignorar a própria divindade. (MEDEIROS, 2013)

Pedi para colocar as mãos estendidas nas pernas, com a parte palmar para cima e tirar dos bolsos qualquer chave que estivesse portando dizendo “Que num pode, não”. Seu tom de voz mudou e por várias vezes bocejou durante o benzimento. Ela fala nosso nome em vários momentos, inclusive nos pergunta qual o nosso nome no meio da reza para confirmar quem está sendo rezado e se estamos concentrados no ritual:

Ana, quem te reza não sou eu
 Quem lhe reza é as três pessoa da Santíssima Trindade;
 Com dois lhe botou.
 Com três eu vou tirar.
 Com a graça de Deus.
 O Divino Espírito Santo,
 Claridade de Deus.
 Foi teu criei,
 No teu bebê,
 No teu andá,
 No teu trabalhá,
 Lá pelas onda do mar
 Onde num canta galo,
 E nem as galinha.
 Nem cachorro late,
 Nem o boi urra,
 Pelo poder de Deus e a
 Virgem Maria.
 Com dois lhe botô,
 Cum três eu tiro.
 Com a graça de Deus.
 O Divino Espírito Santo,
 A claridade de Deus.
 Se foi no teu visti,
 Se foi no teu calçá,
 Se foi ni tua alegria,
 Se foi na tua tristeza,
 Vai saindo pelas onda do mar
 Onde num canta galo
 Nem as galinha
 Nem cachorro late
 E nem o boi urra,
 Com o poder de Deus e a
 Virgem Maria.
 O anjo dento de sua guarda
 Seja em nome do Senhor

Prá que o mundo fosse dado
 Para ser teu guardadô.
 Eu recumendo,
 Meu Jesus,
 A graça e o poder
 Que do laço do maldito
 Deus queira te defendê.
 O Senhor,
 Pela saída que fez,
 A água de oliveira,
 Sagrada e morte paixão
 Livrai-me meu Senhor,
 E me dá a salvação.
 Oh! Meu Bom Jesus dos Passo,
 O Meu Pai Eterno senti
 Prá que o mundo fosse dade
 Compadeça vóis de mim.
 Compadeça vóis, Senhor
 De quem tá errado assim
 Que o peso daquela cruz
 Saia de glória para mim.
 Abre a porta minha Mãe,
 Que eu quero entrá
 Truxe essa pecadora
 Para vóis abençoá.
 Ajoelha pecadora
 Que de pé já está
 Todas glória que Jesus,
 Amém
 Tava Ana sentada na peda virge
 Chegô a Virge Maria e priguntô:
 Que qui cê tem, Ana?
 É olho grande, Virge Maria.
 No meu cumê e no meu vistí,
 Ou no meu calçá.
 Olhado de usura,
 Olhado de querê bem,
 Pegais pondé que eu ís crescia
 Tirais esse mal do corpo de Ana,
 Com o poder de Deus e da
 Virge Maria.
 Tava Ana sentada na peda virge,
 Chegô a Virge Maria e perguntô:
 Que que cê tem, Ana?
 Dor no corpo, Virge Maria.
 Dor nos braço,
 Dor na carne,
 Dor nos osso.
 Dor de sovelada,
 Dor de pontada,
 Dor de aguiada,
 Dor de constipação
 E ventusidade.
 Pegais pondé que eu is crescia,
 Tirais esse mal do corpo de Ana,

Pelo poder de Deus e a
Virge Maria.
Ana,
Deus é o sol
E Deus é a lua
E Deus é a claridade de Deus,
Com Jesus, Maria e José
Que Ele Santo é
E São Gabrié
Retirano todo mal do teu corpo
Pelas onda do mar sagrado
Onde tu não vê o galo cantá,
Tu não vê os anjos suspirá,
Não vê a lua gemê,
Não vê o sol saí
Com o poder de Deus e da
Virge Maria.
Se o Anjo da Guarda
Contigo levanta
Fugentano os bicho e
Os serepede
Esses mau olho
Que nenhum lhe atente
Da Divina e carnal,
Valha seu Anjo da Guarda e
Valha a Virge Maria
Que lhe acompanha hoje,
Nesse dia de quarta-feira,
Amanhã, por todo o dia.
Sete anjo te acompanha,
Dois ni teus péis,
Trêis ni tua cabisseira,
Meu Senhor Jesus Cristo
Na sua frente inteira...
Pequei, mortalmente eu pequei.
Pecado que eu sabia,
Que meu confessor não me disse
E agora em nome dele.
Jesus, Jesus!
Eu quero Lhe saldá,
Com as honra do Meu Senhor São Jorge,
Nela eu fui guardada.
Meu Jesus martratado
Andano de noite e de dia.
Assim como a dor de filho no ventre
Da minha Mãe Maria Santíssima.
Benzeno folhinha do campo,
Benzeno folhinha do mato,
Assim eu te benzo, Ana.
Nesse dia de quarta-feira
E amanhã por todo o dia.
Deus condena a dor no mundo.
Ele rezava e curava,
Todo mal contrarioso.
Porteira aberta,

O gado encurralado,
 Todos mal que tiver no corpo de Ana,
 Se for dor nas perna,
 Se for dor nos braço,
 Se for dor de barriga
 Se for alguma gunia que ela tiver
 Pelo coração,
 Jesus diz:
 Que tá retirado,
 Com o poder de Deus e a
 Virgem Maria.
 Deus condena a dor do mundo,
 Rezava e curava,
 Todo mal contrarioso,
 Porteira aberta
 Gado encurralado,
 Todos mal olhado que olhou pá Ana
 Se foi no vistí,
 Se foi no calçá,
 Se foi na comida,
 Se foi na bebida,
 Jesus Cristo diz
 Que tá retirado,
 Com o poder de Deus e a
 Virge Maria.
 Deus, quando andou no mundo,
 Rezava e curava
 Todo mal contrarioso.
 Porteira aberta,
 Gado encurralado.
 Todo mal olhado que botô ni Ana,
 No calçá,
 No vistí,
 No bebê,
 No andá
 Jesus diz
 Que tá retirado
 Com o poder de Deus e da Virge Maria.
 Eu fui numa missa
 Sábado de Aleluia,
 No domingo da reisfeição.
 Encontrei com Nossa Senhora
 Com seu gaim (galhinho) de ouro na mão
 Pedi um gaim ela
 Ela me disse que não.
 Tornei a vós pedi
 Ela com a dor no coração.
 São Pedro tava na porta
 Com sua capa devota na mão
 Perguntei pela menina de condão.
 Quando Jesus era minino
 Que andava pelo mundo
 Com seu pé atormentado,
 Com sua mão correndo sangue,
 Com três Maria na lição

Com sete cravo incravado
 Carregando o coração.
 Jesus Cristo no altar,
 Enxugue, Madalena.
 Que depressão nenhuma
 (Como é que você chama?)
 Ana não é de passá.
 Fui numa missa Sábado de Aleluia
 Domingo da reisfeição.
 Encontrei com Nossa Senhora,
 Com seu gainho de ouro na mão.
 Pedi um gaim ela,
 Ela me disse que não.
 Tornei a vós pedi,
 Ela com uma dor no coração.
 E São Pedro tava na porta,
 Com sua capa devota na mão.
 Perguntei pela menina de condão,
 Quando Jesus era minino,
 Que andava pelo mundo
 Com seu pé atormentado,
 Sua mão correndo sangue.
 Com três Maria na lição
 Com sete cravo incravado
 Ao redor do coração.
 Jesus Cristo no altar,
 Enxugue Madalena.
 Que depressão nenhuma
 Ana num é de passá.
 Fui numa missa Sábado de Aleluia,
 Domingo da reisfeição.
 Encontrei com Nossa Senhora
 Com seu gaim de ouro na mão.
 Pedi um gaim ela,
 Ela me disse que não.
 Tornei a vós pidí,
 E ela com a dor no coração.
 São Pedro estava na porta
 Com sua capa devota na mão.
 Perguntei pela menina de condão,
 Quando Jesus era minino,
 Que andava pelo mundo,
 Com seu pé atormentado,
 Sua mão correndo sangue.
 Com três Maria na lição,
 Com sete cravo incravado
 Ao redor do coração.
 Jesus Cristo no altar,
 Enxugue Madalena
 Que de afrição nenhuma
 Ana num é de passar.
 Teu Anjo de Guarda
 Contigo levanta.
 Fugenta os bicho, serepente
 Esses mau olho

Que nenhum lhe atente.
Da divina e carnal.
Vai com seu anjo da Guarda,
Vai com a Virge Maria
Que te acompanha hoje,
Nesse dia de quarta-feira,
Amanhã por todo o dia.
Sete anjo te acompanha
Dois ni teus péis e
Trêis ni tua cabeceira.
E meu Senhor Jesus Cristo
Na tua frente inteira.
Eu pequei mortalmente,
Eu pequei.
O pecado que eu sabia
Que meu confessor me disse e
Agora eu vou dizê:
Jesus, Jesus!
Quero lhe salvá.
Com as arma do Nosso Senhor São Jorge
Nela eu fui guardada.
Meu Jesus matratado
Andano de noite e de dia
Assim como a dor de filho no ventre
De Minha Mãe Maria Santíssima,
Benzeno a folhinha do campo,
Benzeno folhinha do mato.
Assim eu te benzo, Ana.
Nesse dia, amanhã,
Por todo dia,
Amem.
Ana, Deus lhe criou,
Deus lhe batizou e
Deus lhe gerou.
E no nome de Deus
Ele arretirô
Todo o mal que em tu tem
Vai saindo de porta afora
Onde num canta galo
Nem mora a aurora
Com o poder de Deus, a Virge Maria
E Nossa Senhora da Vitória.
Valei-me Jesus,
Valei-me Maria,
Valei-me todo santo,
Valei-me meu guia
Que retira todos mal
Que tiver no corpo de Ana,
Com o poder de Deus e a
Virge Maria,
Amem.
Pai nosso,
Que estais no céu.
Santificado seja o Teu nome.
Vem a nós o Teu reino,

Seja feita a Tua vontade
 Lá no céu e na Terra,
 E o pão nosso de cada dia,
 Deus te dá hoje.
 Senhor perdoa
 Nossas dívida
 Assim como nós perdoamos
 Aqueles que tem ofendido.
 Não me deixa, Senhor,
 Ana cair em tentação.
 Livra ela, Senhor,
 De todo mal perigoso.
 Amem
 Ave Maria, cheia de graça,
 Senhor é convosco.
 Bendita sois vós entre as mulher,
 Bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus.
 Santa Maria, mãe de Deus.
 Rogais por ela pecadores,
 Agora e na hora de nossa morte.
 Amem
 Tu é o Pai, o Filho e o Espírito Santo.
 Amem Jesus, Maria e José.
 Amem
 Deus é quem te livra do mal contrarioso
 E dá saúde a senhora.
 Amem (Dona Lindaura, 23/06/2021)

Após o benzimento, Dona Lindaura dá algumas informações, conforme figura 25, importantes para orientação de quem está sendo atendido em relação às condições de vulnerabilidade emocional e espiritual, como ter “olho ruim”, o que quer dizer que existem pessoas que estão com inveja, mas não informa quem: “Eu só não conheço a pessoa, mas que tem, tem.”.

Por várias vezes bocejou, demonstrando desgaste. Olhando para o copo com água do mar tem visões e informa, quando lhe é permitido pelo santo, aquilo que está sendo mostrado através da água. No nosso caso, ela iniciou, mas não teve a permissão da espiritualidade para continuar falando. Eram contingências pertinentes à realidade e que se agravariam nos meses seguintes ao benzimento.

Certamente, essa reza foi a mais original e diferente devido aos dizeres nela contidos e ao tamanho, levando um tempo maior para sua realização. Também houve a leitura mediúcnica em copo de água do mar, traçando com o sagrado essa transdimensionalidade, inclusive, silenciosamente, entrando em contato com entidades espirituais que a inspiram e intuem.

Os elementos da Igreja Católica aparecem fortemente em sua reza e demonstram sua ligação com a doutrina onde predominam a relação de Dona Lindaura com os mitos bíblicos

em que se baseia seu diálogo, que são: Deus, Jesus, Maria, São Pedro e Madalena. Além disso, cita São Jorge, São Gabriel, Anjo da Guarda e os Sete Anjos. A Virgem Maria está no discurso, na frente, sempre sendo reivindicada pelo sofrimento que passou ao perder seu Filho Jesus, o Cristo.

Figura 25: Instruções após o benzimento



Fonte: Acervo da autora (2021)

Há uma reverência à natureza como um ambiente sagrado; o lugar sagrado. A pedra que Maria Acolhe e ampara o Filho Jesus é onde ela pede que nos sentemos para o merecimento da graça e do benzimento. Além da pedra, aparece rios e mar, que vai envolvendo o mito em torno do poder que está na natureza, remetendo ao deitar-se na pedra como um momento de piedade e necessidade de encontrar nesse lugar o amparo, como fez Maria sentada na pedra com seu Filho no colo, como uma situação de sacrifício e é a esse sacrifício que ela recorre para o alcance desse amparo para quem está sendo benzido.

Falar em voz alta permite que aquele que se coloca no pedido do benzimento deve saber desse sacrifício de Maria e de Jesus e honrá-lo, pois é em nome desse sofrimento e desse sacrifício que ocorre o merecimento do milagre. O milagre é a memória de que foi atendida para não esquecer que há nessa graça uma dor de mãe e o sacrifício de Jesus. Merecer a cura é crer nesse sacrifício, honrá-lo e não o jogar no esquecimento.

Dona Lindaura, em seu templo, que é o quarto dos santos, toma o lugar da advogada que defende a necessidade e o pedido daquele que procura pela reza e benzimento. Maria Santíssima é a mediadora entre a rezadeira e Jesus e a rezadeira é a mediadora entre quem necessita da graça através da reza e Maria.

Ao Dona Lindaura apresentar a pessoa que está sendo rezada há uma condição de avalista de que aquela pessoa é de confiança, entenderá e não esquecerá os sacrifícios de Jesus

e de Maria e merece estar nesse lugar do milagre. A rezadeira valida o pedido e medeia o merecimento para alcance da graça. Porém, deixa claro desde o início que quem reza são “As três pessoas da Santíssima Trindade: Pai, Filho e Espírito Santo”, citando Maria como aquela que está à frente e não se colocando como detentora do mérito da cura.

Para Halbwachs (2004), o cristianismo prega a salvação pela intervenção de Deus no destino dos humanos, explicando que Jesus e Sua história de sacrifícios nunca deixaram de estar em estreito contato com as igrejas cristãs. Nem um ritual ou celebração deixa de citar o sacrifício Dele para a salvação do mundo, mantendo essas lembranças renovadas a cada momento em que são lembradas e nunca explicadas definitivamente. Isso deixaria essa memória em perigo de ser esquecida, sendo mais funcional deixar nos mistérios ocultos relacionados ao entendimento de mundo por Deus, sem condição de acesso da pessoa humana, mortal.

Há na súplica uma condição de pedido de resolução de problemas ligados ao momento atual, ao aqui-agora, sem a condição de doutrinação para mudanças de comportamentos visando uma salvação da alma o que se explica pelo pouco contato com a Igreja Católica devido às distâncias entre os fiéis de zonas rurais mais isoladas e às localidades em que estavam situadas as dioceses. Assim, houve uma evangelização com direcionamento leigo, cuja piedade e clemência divinas estavam mais destacadas na religiosidade, a partir de pedidos pelas graças mais imediatas, do que nas doutrinações oficiais da igreja. (FARINHA, 2012)

Há também uma forte ligação das práticas de Dona Lindaura com as religiões de matriz africana, identificando-se claramente como uma prática afro-brasileira. Ela parte para os mitos bíblicos com a devoção aos santos católicos, Deus, Jesus e Maria, mas também aos caboclos que ela trata de forma mais direta, como se estivesse mais próximo dela. Fala em seus nomes com respeito, carinho e certa intimidade para contar sobre muitos livramentos através de avisos dados por eles. Também os obedece quando lhe dão certos sinais para não falar ou não agir em determinadas situações. Como dissemos antes, dona Lindaura faz questão de estabelecer sua doutrina religiosa como católica e associa rituais ligados a religiões de matriz africana com coisas ruins ou erradas, e que não pratica “essas coisas”.

Esta narrativa vincula as práticas de Dona Lindaura a rituais afro-brasileiros que Aguiar (2007) classifica como fenômenos culturais, dos quais se pode identificar, durante os conflitos no Sertão da Ressaca do século XIX, jagunços que trabalhavam para os proprietários de terras, que diziam ter o corpo fechado e que nada os poderia ferir. Para o autor, não havendo registros de templos ou locais oficiais de culto dessa origem pela repressão hostil da

sociedade, mas havendo o registro de coronéis e jagunços que proferiam ter o corpo fechado, leva ao entendimento de que havia uma religiosidade dentro de práticas mágico-religiosas de forma velada cultuada inclusive por esses coronéis. (AGUIAR, 2007)

As condições de colonização na região de Vitória da Conquista ocorreram de forma singular pela forma de interação de João Gonçalves da Costa, português que abriu territórios no Sertão da Ressaca, com índios e negros sem estabelecimento de aldeamento e com ausência de “pelourinhos, troncos e senzalas, sem padres para catequizá-los” (AGUIAR, 2007, p. 79), possibilitando que as etnias pudessem e tivessem maior contato e cruzamento cultural entre elas, permitindo assim as trocas simbólicas e vivenciais. Não trataremos aqui das questões relacionadas a essa atuação do português em terras conquistenses nem em suas questões contra o povo indígena aqui existente.

Aqui podemos entender que praticar e conhecer a história está em dimensões diferentes, pois Dona Lindaura conhece as práticas e rituais, mas desconhece a história por trás delas. A própria associação da influência africana com o que ela chama de “coisas ruins” denota essa condição de pouco entendimento sobre as origens da cultura brasileira em sua religiosidade. Não é de se surpreender com tal situação já que Dona Lindaura foi uma dentre as tantas mulheres de seu tempo que não tiveram acesso ao ensino institucional e teve que aprender estratégias de sobrevivência para existir e se firmar em um mundo de característica patriarcal, o que não a impediu de ser uma mulher ativa e autônoma, com noção do próprio espaço, compreensão e leitura de mundo, e conhecedora de quando seus direitos estão sendo violados.

Nesta seção, pudemos encontrar nas narrativas das rezadeiras esses fragmentos de memória de elementos que fazem menção ao ato de benzer através das rezas e de como e quando utilizá-las. Também, delinea-se a situação da mulher nas primeiras décadas do século XX, época em que estiveram sob total estado de vulnerabilidade social, principalmente as originadas de famílias sem posses, o que denuncia o abandono e falta de apoio dessas meninas e mulheres, mas também nos mostra o quanto elas podem realizar, apesar de tantos percalços da vida.

**VI - IMPORTÂNCIA DA VISIBILIDADE NA CONCEPÇÃO DAS BENZEDEIRAS:
 “Eu agradeço muito a você que chegou na minha casa, me inxergô e eu fiquei muito
 alegre da visita. Agradeço ela que foi ela que lhe trouxe também”**

Sendo a memória um lugar de permanência e tradições, para Halbwachs (2006), a vivência dos fatos está diretamente proporcional à sua manutenção, pois quanto mais vivenciarmos maior será a relação de pertencimento com essa memória. No entanto, a recíproca também é verdadeira, o que quer dizer que, quanto menos vivenciarmos fatos dentro do grupo social, menor será a relação de pertencimento desse grupo com essa memória.

No primeiro plano da memória de um grupo se destacam as lembranças dos eventos e das experiências que dizem respeito à maioria de seus membros e que resultam de sua própria vida ou de suas relações com os grupos mais próximos, os que estiveram mais frequentemente em contato com ele. As relacionadas a um número muito pequeno e às vezes a um único de seus membros, embora estejam compreendidas em sua memória (já que, pelo menos em parte, ocorreram em seus limites), passam para o segundo plano. (HALBWACHS, 2006 p. 51)

O autor pondera sobre as circunstâncias que levam uma memória a desaparecer, associando-a à circunstância de, caso voltemos aos lugares e fatos, podermos encontrar novamente as condições que nos levam a lembrar. O reaparecimento da lembrança ocorre por ser reforçada à medida que são percebidas as contingências que fazem recordar o ocorrido.

Podemos identificar no decorrer desta pesquisa um dos grandes desafios e ameaças à memória das rezadeiras e de suas práticas evidenciado pelo pouco ou nenhum número de pessoas que se interessam em aprender o ofício, o que compromete a manutenção de sua memória. Assim, a falta de registros dessas memórias pode gerar como consequência a diminuição de sua importância dentro da comunidade e ocasionar a queda do nível de interesse de membros dos grupos em aprender tais práticas.

Muito falamos nesse trabalho a respeito do quanto as rezadeiras atuaram em benefício de uma população carente de atenção e visibilidade pelo poder público. Convém lembrarmos que a prática religiosa sertaneja ministrada por essas mulheres e homens, trouxe muito consolo às aflições tanto na condução de situações de perda quanto nas de cura de entes queridos. Sem falar nas criações dos lavradores e pequenos proprietários de terra que, para salvar uma criação, como vacas e cavalos, buscavam o socorro nas rezadeiras e suas intervenções de cura.

Em um contexto tão dinâmico quanto o vivido pelas rezadeiras, em que de uma ausência de cuidados médicos a população passa a ter acesso a esses cuidados através

principalmente do SUS, é necessário o reconhecimento de que o tratamento paliativo oferecido por elas está sendo trocado pelo tratamento efetivo do saber médico. Nesse ínterim, a percepção do grupo na pessoa desse outro tende a ser de invalidação ao potencial de cura de tratamentos alternativos, já que o alívio pelo remédio alopata é mais imediato do que pelo ritual. (BARBOZA; RÊGO; BARROS, 2020)

A memória da rezadeira, tanto quanto ser humano dentro de um grupo, quanto detentora de um poder mágico-religioso de amparo e cura, tem se mantido por ter ainda uma função mítica dentro das suas comunidades. No entanto, há um deslocamento da função da reza, que antes era de atendimento aos sintomas físicos e espirituais, para ênfase maior nas questões ligadas ao espiritual e místico.

A funcionalidade que mantém a memória das rezadeiras e sua associação ao âmbito espiritual ocorre por muitas das sensações de desconforto, dor, angústia, ansiedade, tristeza, apatia entre outros sintomas, serem considerados de cunho espiritual e encaminhados na comunidade para os benzimentos junto a elas. É nesses encaminhamentos que elas passam a fazer parte das memórias em disputa, com o advento das igrejas, principalmente neopentecostais, que tentam trazer para si o mérito de curar e aliviar condições físicas e espirituais e, dessa forma, conquistar mais fiéis.

O que sugere preocupação e ameaça às rezadeiras com suas práticas é a nova configuração religiosa que se solidifica na forma das mais diversas formas de cultos. O que em séculos anteriores representava a escolha religiosa, principalmente ligada à Igreja Católica, agora o sacerdócio está sendo reivindicado nos diversos seguimentos religiosos buscando o atendimento às demandas espirituais e de acolhimento.

As agências religiosas nesse sentido passavam a fornecer um espaço que contribuía com um novo olhar sobre si mesmos e sobre os outros, estimulando escolhas, fortalecendo estimas, interpretando o mundo. Veja-se bem, não impondo ou manipulando, mas estimulando e percebendo, ou seja, tratar-se-ia mesmo de algo próximo a um mercado de bens religiosos. (OLIVEIRA, 2007, p. 14)

Apesar disso, sua influência moral continua existindo. Em algumas cidades, o SUS já conta com o auxílio das lideranças comunitárias na pessoa das rezadeiras para conseguir que a população tenha aderência mais significativa aos programas de saúde implementados na Atenção Básica, uma condição de ação preventiva em saúde pertencente às bases de atuação do Sistema Único de Saúde, a exemplo do que ocorre na implantação do programa “Soro, Raízes e Rezas” que integra as rezadeiras com cuidados de saúde de gestantes e crianças, visando a diminuição da mortalidade infantil. (ARAÚJO & GAY, 2016)

Conforme sugere Pollak (1992), entende-se como identidade social a junção daquilo que conhecemos e pensamos sobre nós mesmos e daquilo que socialmente é visto pelo grupo na pessoa do outro, sendo que a autoimagem está em constante adaptação a novas exigências, de forma dinâmica, conforme percepções e exigências desse grupo, não havendo a identidade sem que haja a memória.

Podemos dizer que a identidade social da rezadeira está em colapso, pois em um determinado momento ela tem um reforço positivo de estar exercendo seu ofício, cuidando do outro e de suas demandas de dor e sofrimento. Em outros momentos, esse outro julga como errada a prática em que eles mesmos foram beneficiados, seja obtendo graças divinas, seja sendo acolhidos em suas dores por pessoas que paravam para ouvir e acalantar com orações e cuidados.

As entrevistas realizadas com as mulheres rezadeiras no Norte de Minas Gerais e Sudoeste da Bahia, mais do que o conhecimento sobre os rituais e práticas religiosas, desnuda memórias que estão sendo silenciadas aos poucos por diversas maneiras de esquecimento, desde a impossibilidade de passar seus conhecimentos a novos membros da família até a condição de demonização¹² e vergonha por suas práticas religiosas tanto na família como nas comunidades em que vivem.

Para Liebel (2004), o feminino foi sendo continuamente demonizado dentro das instituições religiosas de acordo com interesses sociais e culturais, sendo mais evidente a partir de uma postura misógina da Igreja Católica durante a Inquisição, reforçando a associação entre a imagem feminina e o negativismo, pessimismo e tentação e, para que o homem consiga se manter longe do pecado seria necessário manter distância da mulher;

Desta forma a mulher, além de ser um ente negativo, representa uma tentação constante, devendo os homens dela se afastar se quiserem permanecer com seu espírito intocado. O conhecimento sobre o feminino é embasado em tradições clássicas e voltado a sua diminuição moral, com um respaldo pretensamente biológico, e dele a Igreja se utilizará para relacionar a mulher, responsável pela expiação das misérias dos homens, ao Demônio, figura indispensável no universo retratado (LIEBEL, p. 06, 2004).

Estatísticas brasileiras relativas à religião, entre as décadas de 1940 e 1970, mostram que os brasileiros eram, em sua maioria, católicos, contando em 1970 com 91,77% da

¹² Crises econômicas, sociais e religiosas, seguidas pela eclosão do protestantismo na Europa do século XIV trouxeram a angústia e falta de respostas à cristandade da época, trazendo como resposta uma culpabilização e perseguição àqueles que a Igreja Católica acusasse, principalmente ligados às questões sobrenaturais, reduzindo a explicação dessas crises às obras do demônio e daqueles que, segundo a igreja, o representavam. (PIMENTEL, 2012)

população como adepta enquanto as religiões protestantes e espíritas juntas não chegavam a quatro por cento; 1,26% dessas pessoas aderiram ao que chamaram de “outras religiões” e não houve registro das religiões de matriz africana, mostrando que ainda não eram reconhecidas como culto religioso ou crença, o que denota uma memória oficial mantida por uma igreja que legitimou a colonização e, participando das questões administrativas do Brasil Colônia e Império, buscou manter seu poder associando qualquer forma de culto religioso que não representasse seus modelos à demonização. (NASCIMENTO, 2014)

No caso de Dona Lindaura, essas memórias em disputa fazem-se sentir por conta de pessoas de outros segmentos religiosos que não querem que ela permaneça no bairro, pois não é interessante comercialmente por se ocupar de situações em que instituições religiosas tentam resolver, tirando dela esse direito de intervenção, já que além de ser rezadeira, ela atua em outras situações sociais e políticas.

A idade e atuação dela e o tempo de dedicação a sua comunidade é outra forma de disputa, já que esse legado legitima sua conduta e descredibiliza aqueles que chegaram depois, como o pastor, com quarenta e cinco anos de idade, de uma igreja de cunho protestante, contra os noventa e cinco anos de Dona Lindaura.

[...] E depois de macumbeiro ficô sendo crente, e ele quer acabá comigo aqui só que tem que comigo ele num caba, não. Ele sai daqui, mas só num... nunca mais pisa os pé dele aqui, que eu botei ele prá correr. Eu peço... a pomba que ele trouxe talí guardada prele cumê ela... ele vai cumê ela qui eu vô dá ele, prele respeitá minha cara (Dona Lindaura, 02/05/2021)

Há, nessa narrativa de Dona Lindaura, uma interpretação bem mais ampla do que podemos supor. Em primeiro lugar, podemos ver o quanto é perturbador estar exercendo uma prática em nome de Deus, Jesus, Maria e todos os santos reverenciados por ela e, ao mesmo tempo, estar de frente de julgamentos e condições de ataque, inclusive daqueles que já foram beneficiados pelo ofício da reza, levando-nos a concluir que a condição de fé dessa mulher é uma condição de resiliência e resistência.

Percebemos, em segundo lugar, a renovação de força que deve ser fomentada para manter-se na luta diária e titânica pelo direito de exercer sua crença, proteger seu espaço de fala e a condição de viver conforme seus valores e princípios.

Por último, a última frase proferida por Dona Lindaura “prele respeitá minha cara” diz muito mais do que respeitar sua face ou aparência. Nesta frase ela pede o respeito a sua casa, seu patrimônio cultural construído no decorrer de quase um século de vida, sua etnia, seu gênero. Nesta frase ela grita por reconhecimento e impõe seu lugar ao outro que o ameaça.

Distingue-se aí o empenho, ânimo e disposição para a luta pelo direito de ocupar um espaço próprio e ser lembrada pela sua construção de vida individual e social.

Figuras 26 e 27: Rezadeira Dona Lindaura no exercício do seu ofício.



Fonte: Acervo da autora (2021)

Sem que haja uma polarização, classificando a memória em, como diz Alberti (2004), uma memória oficial ou uma memória organizada e outra genuína ou dominada e corroborando com a autora que diz “há uma multiplicidade de memórias em disputa” (ALBERTI, 2004, p. 39), pretendemos mais do que polarizar, mostrar que a memória é de fato um constante e dinâmico processo e para a história oral importa os fatos a partir dos seus contextos vividos e narrados.

Pollak (1992) nos traz a noção do enquadramento da memória que explica essa disputa quando propõe que a que será registrada oficialmente é aquela que representa o mais forte e que pode haver uma tendência para privilegiar fatos e vivências de uns em relação a outros, podendo beneficiar a perspectiva de um determinado ponto de vista. A luta de Dona Lindaura é pelo direito a não ter a memória atingida pelas novas forças contrárias ao seu constructo de vida e que ameaçam sua imagem-lembrança, podendo apagar sua memória em termos de valor no mundo.

Em relação ao silenciamento, ao conversar com Rosália enquanto nos direcionávamos ao encontro com Dona Maria, ela informou que a mãe era uma pessoa mais “antiga”, querendo nos preparar para uma conversa mais conservadora. Continuou preocupada em nos

preparar para a conversa, dizendo que já havia falado com a mãe sobre a nossa visita e que ela perguntava: “Mas, por quê?” e Rosália respondia que seriam perguntas sobre a reza, ao que a mãe respondia que de nada sabia e que só rezava um pouquinho por quebranto, um nada. Dona Maria já estava agindo na defensiva por ter percebido que ao longo do tempo houve mudanças importantes nas formas de aprendizado e aceitação das suas práticas.

Ah! Eu se a pessoa querer aprender eu, não vou falar assim, mas se ele tem um celular, uma coisa...eu rezo prá pessoa e ele aprende. Assim, se ele gravar assim minha fala. A veis eu gravo prá ela (a filha). A veis também nem põe sentido, pra esse minino mesmo outro dia eu gravei uma. Mas eu tenho vontade de ensinar as pessoa, se eles não quer... Mas eu tenho vergonha[...]Tenho vergonha (sussurrando)[...]Assim, naquela época, porque agora ninguém ensina, porque a veis se as pessoa fala até que tem gente que ri, entendeu? Por isso que eu não gosto mais de falá, né? Porque naquela época era assim, todo mundo tinha o dia, na semana santa, todo mundo jejuava, né? (Dona Maria, 11/07/2021).

A formação de uma rezadeira é um processo que acontece ao longo do tempo, permeado por transformações sociais, psicológicas, emocionais e espirituais, inclusive no que se refere ao reconhecimento público de sua comunidade local. Para Oliveira (1985), a imagem que as benzedadeiras trazem de si é geralmente de serem pessoas solícitas, dispostas a ajudar o outro e, essencialmente, boas. Mas, a perpetuação das ameaças está atingindo a memória dessas mulheres em suas localidades, a ponto de não querer falar ou tentar negar seu ofício.

Para Pollak (1992), a memória é constituída por elementos identificados como acontecimentos vividos ou que se ouviu falar, pessoas que conhecemos ou ouvimos contar sobre elas e lugares onde as vivências, direta ou indiretamente, ocorreram. Em algum momento, chegam o tempo e contextos favoráveis à condição de uma pessoa ser ouvida, o que permite a quebra de um silenciamento há muito estabelecido.

No caso específico de Dona Maria, vemos uma condição de oralidade comprometida pela vergonha imputada pelas pessoas da comunidade em que vive. Como é muito reservada e se diz “cismada”, todos os questionamentos dos outros são ouvidos, mas não respondidos. Ela guarda para si a resposta e a discussão, não se sentindo disposta a impor sua perspectiva de vida e religiosidade e sem ânimo para defender seu espaço, como faz Dona Lindaura. No entanto, no pensamento soa a resposta não dita, como neste caso em que questionam seu culto aos santos de devoção pelas imagens que tem em casa ou para as quais reza na igreja:

Eu tenho meus santinho aí. Eu tem fé no meus santinho. Tem gente que fala que é de barro “Eu vou na igreja e aquela santa lá com os braço assim. Eu não tem fé naquilo” então digo “E porque tu vai?” né? “Ah! Porque eu

gosto”, “Gosta porque? Se tu não gosta do santo o que tu vai fazer lá?”, “Eu não gosto porque é image.” eu falo “Ué, cê pega o foto de sua mãe cê queima? Cê rasga?”, né? Porque não tem o foto da mãe...cê vai olhar o foto de sua mãe, cê vai pegar ele rasgar e jogar no mato? (Dona Maria, 11/07/2021)

As rezadeiras entrevistadas têm a característica de não almejar o conflito com as igrejas e nem sentem essa necessidade de manter sua história, respeito ou reconhecimento, pois não se colocam como ameaçadas, mas dentro da própria família encontram resistência em serem aceitas com suas práticas pelas novas configurações do entendimento religioso. Ao ser procurada pela entrevistadora e apresentada formalmente por pessoas respeitadas por atuarem na comunidade em que vive, Dona Maria se permitiu falar.

Figura 28: Conversa com Dona Maria em Cordeiros – BA.



Fonte: Acervo da autora (2021)

Essa fala estava por muito tempo guardada. Este foi um momento de intensa validação para Dona Maria em que sentiu que seria ouvida e sua fala registrada. Aquele momento em que olham ao redor para sua família ali presente e podem dizer que valeu a pena, pois alguém está dizendo que aquele trabalho em receber os outros em casa e benzê-los foi uma escolha correta e apoiada por pessoas que saíram de suas casas, longe dali, e se dispuseram a ir procurá-las para ouvi-las justamente por conta dessas práticas.

A memória é a base identitária de uma pessoa a partir do seu grupo social. (POLLAK, 1992) Mas, essa base pode se perder mesmo com a existência material da pessoa, vivendo, trabalhando sua rotina e sendo vista em seu exterior, mas não tendo a condição de falar de si. A maior conquista da pesquisa foi permitir a quebra desse silenciamento com a condição da

revisitação aos seus lugares de memória e às suas origens e história de família pelas rezadeiras.

O rezador possui um papel importante na sociedade em que vive, já que após realizar curas vai aos poucos conquistando as pessoas com as quais convivem no seu dia a dia, tornando-se referência na comunidade e oferecendo amparo àqueles que buscam sentido para o sofrimento. O reconhecimento da comunidade produz empoderamento e autoconfiança nas rezadeiras.

Serve. As pessoa falam pra mim “Oh! Eu fiquei bom.” E outro fala: “eu fiquei bom.”, né? E então, é assim. Mas não é assim “eu sou rezadeira” que nem era de primeiro, entrava gente na casa... aqui não, não entra gente não. Não entra ninguém na minha casa, não. Pode vir uma pessoa no domingo... mas, não vem ninguém. Mas, se tem uma precisão, chega uma pessoa na moto. Senta aí, aí eu falo “Já sei. Quer que eu rezo nele”.(Dona Maria 11/07/2021).

Dona Zóla tem grande honra em relação ao reconhecimento tanto da comunidade quanto dos padres por uma cultura familiar em que seus sogros recebiam os sacerdotes católicos quando estes vinham a Ninheira – MG para celebração das missas, casamentos e outros sacramentos. Gosta de participar das festas do Bom Jesus da Lapa e recebe dos padres a atenção necessária para ser reforçada a seguir sua religião declarada como católica. Esse reforço também se faz perceber na confiança que os padres lhe depositam quando visitam sua cidade para realização de missas, casamentos e batizados, em colocar em suas mãos os santos óleos¹³ e a água benta¹⁴, para serem utilizados caso haja urgência em realização de batizado ou extrema unção.

Durante a entrevista ela informou que sempre realizou batizados porque muitas pessoas pediam. Para uma rezadeira é uma grande demonstração de respeito e confiança em sua condição de saber e prática religiosa concedida por um padre, já que o batismo e a unção dos enfermos são sacramentos da Igreja Católica. Dona Zóla informa que para o batismo ela faz muitas orações, principalmente o “Creio em Deus Pai”, que ela considera uma oração muito poderosa, conforme seu relato.

Podemos afirmar que a Igreja Católica tem uma certa tolerância com o meio em que se estabelece e temos esse exemplo através dos santos óleos e da água benta ofertados pelo padre

¹³ Óleo do Crisma, Óleo dos Catecúmenos e Oléo dos Enfermos são rezados durante a Missa da Quinta-feira Santa realizada nas dioceses e serão utilizados durante o ano para realização dos Sacramentos da igreja. (AQUINO, 2022)

¹⁴ Sinal sagrado obtido pela oração de um sacerdote que abençoa a água que se torna benta para ser utilizada durante a realização de sacramentos da igreja além de estar sempre à disposição dos fiéis na entrada das paróquias. (CONDE, 2022)

a Dona Zóla. Já a igreja evangélica, principalmente as neopentecostais, coloca as práticas e rituais da reza na dimensão do feitiço e demonização.

Figuras 29 e 30: Dona Zóla em encontro com padre



Fonte: Autora (2022).

As rezadeiras surgiram como expressão da religiosidade de suas localidades, nas suas demonstrações de fé, rituais e crenças. No entanto, as igrejas evangélicas adentram espaços antes preenchidos pela Igreja Católica, pela condição de observação de seus pontos fracos, passando a supri-los. Neste ambiente das memórias em disputa é que se consolida um perigo para a memória das rezadeiras que estão devotadas ao outro e bem alheias a essa competição, não deixando, no entanto, de sofrer as consequências desses embates.

A formação das famílias em Vitória da Conquista – BA explica muito da própria história do benzimento. Dois padres vieram para a cidade quando ainda se chamava Vila da Vitória, casaram-se e tiveram filhos com descendentes de escravos, formando então famílias mestiças de religião católica, mas com interação e vínculos estreitos também com povos de etnia indígena. E foi nessa estrutura social que surgiram os rezadores e curandeiros de tradições religiosas afro-indígena-europeias, caracterizadas pela “junção do universo

simbólico das tradições nativas africanas e do sistema de crenças indígenas em ritos amalgamados com símbolos da Igreja Católica”. (AGUIAR, 2007, p. 42)

A figura da rezadeira e sua atuação junto às suas comunidades, muito além dessas disputas por fiéis ou por posições sociais, estão em grande perigo de cair no esquecimento. Há um registro de memória que necessita ser realizado para dar visibilidade a essas mulheres que trabalham e trabalharam em benefício do próximo, sem qualquer tipo de ganho financeiro e ainda dividindo-se em tarefas do lar, trabalho na roça, cuidados e educação dos filhos e auxílio aos necessitados de conselhos.

Quando Dona Maria procura se fechar em seu lar para não ser alcançada pelas risadas das pessoas que a apontam pela prática que exerce, entendemos que o grande investimento do colonizador em impor sua memória, dificultando os surgimentos de outras memórias, está sobressaindo às memórias subalternas.

Hoje, hoje ri se falar que sentava a famia inteira, sentava assim, e ponhá as mão pra rezar... E ponhá as mão prá rezá, o povo ri das pessoa, ri muito. Tem muita gente coisada (Dona Maria, 11/07/2021).

Esta fala de Dona Maria parece ser uma observação simples da nova conduta e postura religiosa, mas está imbricada de simbologias referentes à formação da história dos cultos religiosos na região. Quando da liberdade de cultos no decorrer de variadas e extenuantes lutas, as religiões de origens africana e indígena brasileiras passaram a ser marginalizadas e desvalorizadas, em detrimento da visibilidade das igrejas de base europeia, com artigos acadêmicos ou espaços nos meios de comunicação de massa, anulando esse assunto na cidade. Havia grande disputa pelos fiéis, principalmente entre os católicos e os protestantes. (Aguiar, 2007)

Araújo & Gay (2016) tem no tema de seu trabalho o que pode ser uma nova preocupação contra a manutenção do ofício das rezadeiras como memória, com o título *Rezadeiras nos cuidados de saúde primários no Brasil, rumo a uma ecologia dos saberes ou apropriação pela Biomedicina?*, ele questiona se a incorporação pelo SUS do trabalho das rezadeiras como líderes comunitárias, que sugere serem pessoas respeitadas dentro de suas localidades de vivência e com poder de influência na conduta e comportamentos dos membros dessas comunidades, não seria no fundo uma forma de apropriação dessas técnicas de atenção à saúde provenientes da medicina alternativa ou tradicional para sua incorporação à Biomedicina.

Se há uma incorporação dessas práticas pelas profissões ligadas à área de saúde e validades pelo meio científico, entendemos que são conhecimentos ancestrais que muito ajudaram no conforto e cuidado de diversos tipos de males e sobrevive ainda nas tradições, mas estão ligados à nossa história evolutiva enquanto espécie. Além disso, a condição de transmissão desses conhecimentos pela oralidade nos põe em contato direto com o fazer de saúde do passado que pode ser visto ainda em dias atuais.

Entendemos que o tempo e a condição de quebrar o silêncio chegaram. Dona Maria, teve um reconhecimento em sua devoção, crença, fé e práticas, pois como dissemos anteriormente, alguém veio de longe só para saber a sua história e registrar a sua memória.

Mas vemos também a resistência em Rosália, filha de Dona Maria, assim como em Dona Lindaura, Dona Júlia, Dona Zóla e Dona Naninha, que não param para observar os julgamentos, apenas agem na valorização do seu ofício. Rosália é a promessa da sobrevivência e resistência da memória, para eliciar em sua mãe a força e fé inerentes a ela, mas por muito silenciadas. Quando, ao sairmos da casa de Dona Naninha em 10 de maio de 2021, ela disse:

Eu agradeço muito a você que chegou na minha casa, me inxergô e eu fiquei muito alegre da visita. Agradeço ela (nossa acompanhante) que foi ela que lhe trouxe também (Dona Naninha, 10/07/2021).

A visita para a realização das entrevistas mostrou às rezadeiras que há um valor agregado ao seu ato de trabalhar na fé e no amparo ao outro. Essa é a importância da visibilidade para a mulher rezadeira da região do Norte de Minas Gerais, representada pela cidade de Ninheira, e do Sudoeste da Bahia, representada pelas cidades de Caetanos (região do Alegre), Cordeiros e Vitória da Conquista - BA, que é saber que seu ofício é reconhecido e validado, assim como as práticas de uma vida inteira de dedicação ao que representa e defende em termos de postura de alteridade e religiosidade.

VII CONCLUSÃO

As sociedades pensam o mundo a partir de seus critérios e vivências, traçando socialmente seu padrão de compreensão de fenômenos e estabelecendo funcionalmente comportamentos, pois “o homem se caracteriza essencialmente por seu grau de integração no tecido das relações sociais”. (HALBWACHS, 2004 p. 21)

O modo de vida do indivíduo seria estabelecido a partir da memória social, também compreendida como uma moral coletiva e trazendo a ideia de tradição, sendo essa moral e essa tradição fundamentais na formação e conservação da memória através da influência do grupo social. (CORDEIRO, 2013)

A rezadeira é compreendida dentro de sua localidade como uma figura feminina em posição de poder místico-religioso, com sua prática mantida e sustentada graças ao seu tom de mistério e sacralidade. Seu saber converge diferentes práticas de rituais de cura provenientes de diversos lugares e combinações religiosas, especialmente católicas, indígenas e africanas, fazendo com que seja um ator social complexo.

O benzimento na prática pode ser percebido no contexto local como um agregado de saberes míticos, etnobotânicos e sociais. Os procedimentos rituais envolvidos incluem orações, manipulação de ervas medicinais e experiências de vida que convergem para uma condição de solução dos problemas locais manifestados como enfermidade física e espiritual.

Há muitas evidências de que a mulher foi exercendo uma posição mais periférica ou subalterna no exercício da sua religiosidade, principalmente no que concerne às suas práticas. No entanto, também é notório que essa posição de exercer a mediação entre o místico e o sagrado trouxe-lhe condições de diferenciação e empoderamento nas suas localidades de vivência, cujo perfil patriarcal e machista diminuía a condição do feminino em ter autonomia e altivez, qualidades inerentes a uma rezadeira. Neste contexto, elas foram acumulando conhecimentos de cura e experiências em relação a situações adversas, em que os recursos são poucos e as necessidades da população são desafiadoras.

Através do estudo aqui desenvolvido, constatamos a grande influência das rezadeiras em suas comunidades a partir dos relatos de pessoas. Muito interessante também observar que o Sistema Único de Saúde tem utilizado essa influência para atuar junto à população mais resistente em aderir aos programas de políticas públicas de prevenção, e conseguido diminuir índices importantes, como o da mortalidade infantil, a partir dessa condição de respeito e confiança da população nas rezadeiras. Essas situações denotam que há uma grande contribuição dessas mulheres no aspecto comportamental da sua comunidade.

O perfil engloba as rezadeiras em todos os territórios brasileiros, no entanto, este estudo considera principalmente mulheres que residem entre o Norte de Minas Gerais e o Sudoeste da Bahia e conciliam o trabalho em suas casas ou lavouras com a maternidade, os trabalhos do lar e a educação e cuidado dos filhos com o ofício de amparo e cura dentro das suas comunidades. Pelas entrevistas e levantamento de suas histórias, pudemos conhecer este perfil dinâmico envolvendo seus diversos papéis sociais com as práticas de atendimento comunitário.

Analisamos o saber popular difundido pelas rezadeiras notamos que seu cunho mítico continua a ter impacto até hoje em seu meio social quando se trata de cura. Pudemos observar pessoas falando das rezadeiras como detentoras de um poder transcendente, pois se trata de saberes e tarefas não institucionalizadas, mas não há essa necessidade de institucionalização. Aliás, elas vivem suas vidas sem se dar conta desse tormento que é a burocracia das religiões e a disputa por fiéis em todos os segmentos.

O ato do benzimento é entendido como uma mediação entre o mundo material e o mundo sagrado e que povoa a memória afetiva na qual depositamos as lembranças dessas mulheres que, majoritariamente, conduziram o ofício da benzeção e criaram um ambiente de respeito e reverência dentro de suas comunidades.

A presença das mulheres nestes ofícios estabelece um ambiente de aconchego e amparo. Estarmos inseridos nesses sítios de cura nos mostra o quanto a pesquisa deve ser vivenciada pelo pesquisador para que possa registrar a subjetividade e peculiaridades que só estando presente é que podemos viver essas realidades, através da história oral. As rezas transmitidas de forma oral e registradas neste trabalho trazem elementos rituais do benzimento preconizado e praticado por elas.

Na história oral, para Portelli (2016, p. 10), a entrevista é um momento de trocas simbólicas no diálogo entre quem narra e quem ouve, ultrapassando o ouvir contar puro e simples para tornar-se o que ele chama de literalmente “uma arte da escuta”, onde estabelecer uma trajetória de pesquisa não quer exatamente dizer que esta será obedecida, pois o que o historiador quer saber não necessariamente coincide com o que o narrador quer contar. O tema livre nestes casos nos dá melhores condições de acesso ao subjetivo, visto que o falar de quem narra é mais interessante do que as respostas a perguntas direcionadas e retilíneas.

Para o autor, a história oral está relacionada ao ambiente no entorno do evento e não apenas no evento em si. O contexto é a base desse método, como cada objeto está disposto na casa, cada olhar, atitude ou fala, trata de ser parte de um todo que não tem como resultado

apenas a somatória dessas partes, mas uma janela de possibilidades em encontrar a história e traçar paralelos infinitos com essa narrativa. (PORTELLI, 2016)

Saindo do passado narrado pelas rezadeiras e entendendo o contexto contemporâneo, a figura popular dessas mulheres em seu ofício tem sofrido modificações que tangem, por exemplo, as dificuldades de transmissão, a maior urbanização e, ainda, o maior acesso a sistemas formais de saúde e cuidado, que nem sempre consideram, incorporam ou legitimam os sistemas considerados populares. Quando consideram, podem também ser uma forma de absorver suas técnicas para incorporação em outras modalidades de atendimento.

A forma como se expressa a cultura através das redes sociais está se consolidando como importantes meios de transmissão e valorização de tradições que voltam à cena, se reinventam e alcançam posição de destaque entre pessoas e grupos que, através da internet, tem contato com essas memórias míticas e afetivas como as rezadeiras e suas práticas. Além disso, há também a manutenção do aprendizado de rezas e suas aplicações através de cursos *online* para rezadeiras.

Nessa ótica, as redes sociais são uma importante ferramenta para transmitir saberes culturais, podendo assim ser um preservador da memória. No entanto, o registro do ofício da reza e benzimento envolvendo mulheres que viveram para e por suas famílias, atuando presencialmente em suas comunidades como promotoras do bem-estar físico e espiritual, é importante e pertinente, mas esse perfil está sendo, aos poucos, substituído por outro, cujos atendimentos ocorrem por redes sociais e de forma virtual, como uma reinvenção desse ofício.

Se essa situação por um lado reforça e mantém a tradição, por outro, globaliza e generaliza esse saber, alterando em muitos aspectos a essência individual e acolhedora do aconchego da rezadeira. Para Bosi (2003), ao contar um fato, nós também o enrijecemos, pois a partir da narrativa, o fato fica ali sedimentado em si mesmo. No entanto, não contar esse fato, o leva também a ficar petrificado através da paralisia do silenciamento. Consideramos que esta narrativa serve para elaborar um paralelo entre o passado e o futuro, no qual a memória das rezadeiras é a base para esta ligação.

Ao utilizar o método da história oral neste trabalho, propomos conhecer histórias que jamais seriam acessadas caso não houvesse o movimento em ir buscá-las em seus sítios de ocorrência. Isso nos possibilitou trazer lembranças tanto dos fatos quanto dos sentimentos, percepções e emoções envolvidas em cada contexto de acontecimento narrado, podendo reviver a história à medida em que ela foi sendo lembrada pelas narradoras. Porém, não temos aqui a presunção de contar a História, mas de fazer um levantamento de fontes históricas que

necessita ser interpretada e analisada. (ALBERTI, 2020)

Entendemos que muito há que ser estudado em termos de levantamento de fontes históricas e de pesquisa científica como um mapeamento regional dessas rezadeiras para saber onde atuam, receptividade do ofício nestes lugares, qual é o seu público na atualidade, qual a incidência de cura de suas práticas na comunidade e quais são as mais eficazes.

Falar das rezadeiras e contar suas histórias, organizando suas narrativas e trazendo à tona suas práticas é uma forma de colocar sua memória na história. O ofício da reza é um trabalho de fé e cuidado que merece ser lembrado pelo legado de alteridade e compromisso em fazer o bem. Essas mulheres cuidaram da saúde em suas mais diversas nuances, por tempo que não há como mensurar e não podem nem devem ter suas práticas esquecidas. Nossa presunção é deixar um registro de fontes orais que podem vir a ser importantes para estudos futuros e base para se fazer a História.

REFERÊNCIAS

FONTE ORAIS

Ana Francisca de Almeida. Dona Naninha, 76 anos.

Frizolina Venerana da Rocha. Dona Zóla, 87 anos

Helenita Santos de Oliveira. Nitinha, 76 anos.

Lindaaura Maria de Jesus, 95 anos,

Maria Barbosa do Nascimento. Dona Maria, 67 anos

Maria Júlia da Silva. Dona Júlia, 110 anos

Rosália Nascimento Rocha. Rosália, 34 anos.

FONTES BIBLIOGRÁFICAS E INTERNET

AGUIAR, I. P. **Do púlpito ao baquiço**: religião e laços familiares na trama da ocupação do Sertão da Ressaca. São Paulo: Editora da PUC-SP, 2007.

ALBERTI, V. **Ouvir contar**: textos em história oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ALBERTI, V. Histórias dentro da História. In: **Fontes históricas**. Organização Carla Bassanezi Pinsky. 3ª Edição. São Paulo: Editora Contexto, 2020.

ALBUQUERQUE, E. B. de. **Orações & rezas populares**. Porto Alegre: Editora Rigel, 2004.

ARAÚJO, E. M; GAY, S. M. Rezadeiras nos cuidados de saúde primários no Brasil, rumo a uma ecologia dos saberes ou apropriação pela biomedicina? In: CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA, 9, 2016, Algarve. **Anais...** Algarve (Portugal), Universidade do Algarve. 2016.

AQUINO, F. O que são os óleos sagrados?

Encontrado em: <https://cleofas.com.br/oleos-sagrados/> e acessado em 07/07/2022 às 11h:31m.

AZEVEDO G. X; LEMOS, C. T. “Benzei-os, meu Pai. Benzei-os”: as representações de cura no meio urbano da cidade de Quirinópolis – GO. **Revista Rever, São Paulo, v. 20, n.2, 2020.**

BANDEIRA, L. C. C. **“Rotas e Raízes” de ancestrais itinerantes**. Tese (Doutorado em História Oral). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013.

BARBOZA, N. A. S; RÊGO, T. D. M; BARROS, T. M. R. R. P. A história do SUS no Brasil e a política de saúde. **Brasilian Journal of Development**. Curitiba, v. 6, n. 11, 2020.

BAUMAN, Z. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2003.

BOLTANSKI, L. **As classes sociais e o corpo**. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1989.

BORGES, M. A. V. **Saberes e práticas de rezadeiras e benzedoras em comunidades de Camaçari: diálogos entre saberes populares e educação formal**, 2017. Disponível em: http://www.ensinodehistoria2017.bahia.anpuh.org/resources/anais/8/1507552385_ARQUIVO_SaberesepaticasdeRezadeirasbenzedoras.pdf
Acessado às 19h:07m em 18/05/2022

BOSI, E. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOSI, E. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2005.

CALHEIROS, K. A. J. M. **A cura pela fé: um olhar sobre as benzedoras/rezadeiras alagoanas**. In: IX Fórum Mestres e Conselheiros - AGENTES MULTIPLICADORES DO PATRIMÔNIO. Belo Horizonte – MG, 2017.
Disponível em: www.even3.com.br/Anais/mestreseconselheiros2017/51318-A-CURA-PELA-FE--UM-OLHAR-SOBRE-AS-BENZEDEIRASREZADEIRAS-ALAGOANAS
Acessado às 19h:20m em 18/05/2022.

CAMPOS, R. H. F. **Psicologia Social Comunitária**: da solidariedade à autonomia. Petrópolis – RJ: Editora Vozes, 2007.

CASA DE NOTÍCIAS. **Dissertação sobre as benzedoras recebe menção honrosa em prêmio nacional**. Disponível em: <https://www.casadenoticias.com.br/noticias/33555-dissertacao-sobre-a-vida-das-benedeiras-recebe-mencao-honrosa-em-premio-nacional>
Acessado em: 9 mai 2022.

CHAGAS, M.C.C. et al. A prática de benzimento com o uso de plantas na comunidade rural remanescente de quilombos de Furnas do Dionísio, Jaraguari, Mato Grosso do Sul. **Multítemas**, Campo Grande, n. 35, p. 207-224, 2007.

CONDE, L. C. **A diferença entre sacramentos e sacramentais**.
Encontrado em: <https://formacao.cancaonova.com/igreja/doutrina/qual-diferenca-entre-sacramentos-e-sacramentais/>
Acessado em: 07/07/2022 às 11h:40m.

CONWAY, D. J. **Magia Celta**. Barcelona: Colleccion Arcanos Mayores, 2002.

CORDEIRO, V. D. Influências de Émile Durkheim e Henri Bergson nas tensões teóricas da teoria da memória coletiva de Maurice Halbwachs. **Revista Primeiros Estudos**, São Paulo, número 4, p. 101-111, 2013.

COSTA, J. B. A. **Mineiros e baianos**: englobamento, exclusão e resistência. Montes Claros – MG: Editora UNIMONTES, 2016.

CREPALDI, T; FILHO, A. L. M; SILVA, R; SILVA, D; TEIXEIRA, G; JÚNIOR, B. O encontro da ciência e da tradição no Brasil: as plantas medicinais e as rezadeiras. **Revista CAPTAR – Ciência e ambiente para todos**. Vol. 3, n. 2, p. 69-79. Aveiro, Portugal, 2011.

CUNHA, C. G. **A PRÁTICA DA BENZEDEIRA**: memória e tradição oral em terras mineiras. Mariana – MG: Universidade Federal de Ouro Preto/ Instituto de Ciências Humanas e Sociais, 2018.

DANIELLI, A.P.; SIQUEIRA, A. Saberes e histórias das benzedeadas no litoral do Rio Grande do Sul. In: FERREIRA, G.R. (org.). **Cultura, resistência e diferenciação social 2** [recurso eletrônico]. Ponta Grossa – PR: Atena Editora, 2019.

DE SORDI, J. O. **Desenvolvimento de Projeto de Pesquisa**. 1ª Edição, São Paulo: Editora Saraiva, 2017.

DINIZ, E. E. C. S; DINIZ, E. C. S. A Arte De Curar: saberes e práticas de rezadeiras e benzedeadas no Cuidar da Saúde. Realize Editora, **Anais V CONEDU**. Universidade Federal da Paraíba. Campina Grande – PB, 2018.

Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/45550>>
Acessado às 19h:38m em 18/05/2022.

DOMINGUES, C. M. A. S; PEREIRA, M. C. Q; SANTOS, E. D; SIQUEIRA, M. M; GANTER, B. A evolução do sarampo no Brasil e a situação atual. **Informe Epidemiológico do SUS**, Versão Impressa, Brasília, v. 6, n. 1, 1997.

FABIÁN, A. C. Medicina e religião no discurso anti-supersticioso espanhol dos séculos XVI a XVIII: uma luta pela hegemonia. In: DYNAMIS. **Acta Hispanica ad Medicina e Scientia rum que Historiam Illustrandam**, n. 20, Granada, 2000.

FARINHA, A. C. **As transformações da prática de benzimento em Anápolis 1979-2004**. 2012. 167 f. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2012.

FERRAZ, A. E. Q. Cidades pequenas no Território de Identidade do Sudoeste Baiano. **GEOPAUTA**, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Vitória da Conquista – BA, v. 4, n. 2, p. 31-52, 2020.

FIGUEIREDO, A. K. S; PIRES, M.M; GOMES, A.S; MORÓLLON, F. R. Análise Espacial do Desenvolvimento e das Desigualdades no Território Sudoeste Baiano. **Desenvolvimento em Questão**. Ijuí – RS: Editora Unijuí, número 44, p. 69-104, 2018.

GARCIA, J. Q. **Rezadeiras: cultura popular e tradição histórica**. Editora Letra Capital, 1ª. Edição. Rio de Janeiro – RJ, 2015.

GAZÊTA, A. A. B. **Uma Contribuição à História do Combate à Varíola no Brasil: do Controle à Erradicação**. Fundação Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro, 2006.

GINZBURG, Carlo. **Os andarilhos do bem**: feitiçaria e cultos agrários nos séculos XVI e XVII. Tradução João Batista Neto. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2010.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **RAE - Revista de Administração de Empresas**. São Paulo: v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.

GOHN, M. G. 500 anos de lutas sociais no Brasil: movimentos sociais, ONGs e terceiro setor. **Revista Mediações**. Londrina – PR: v. 5, n.1, 2000.

GOOGLE MAPS. Disponível em:

<<https://www.google.com/maps/dir/Vit%C3%B3ria+da+Conquista,+BA/Povoado+do+Alegre,+Caetanos++BA,+45265-000/@-14.6239333,-41.1510386,10.75z/data=!4m14!4m13!1m5!1m1!1s0x7463b073025e405:0x78be45452bd92ae3!2m2!1d-40.8445346!2d-14.8619237!1m5!1m1!1s0x746634bcf5178a1:0x3e223048faada50a!2m2!1d-41.0781903!2d-14.4303209!3e0>> acesso em: 25 set 2021

HALBWACHS, M. **Los marcos sociales de la memoria**. Tradução Manuel Baeza e Michel Mujica. Caracas: Anthropos Editora, 2004.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Ed. Centauro, 2006.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo** (parte II). Tradução de Márcia Sá Cavalcante. 13ª ed. Bragança Paulista – SP: Editora Vozes/Universidade São Francisco, 2005.

HUSSERL, E. **A ideia da fenomenologia**. Publicação do estudo original de 1907. Lisboa: Edições 70, 2000.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em:

<<https://www.ibge.gov.br/>> Acesso em: 7 mai 2022

LARocca, L. M; MARQUES, V. R. B. Higienizar, cuidar e civilizar: o discurso médico para a escola paranaense (1920-1937). **Revista Interface – Comunicação, Saúde, Educação**. Botucatu – SP: v. 14, n. 34, p. 647-660, 2010.

LE GOFF, J. **História & Memória**. Tradução Bernardo Leitão, et al. 7ª ed. Campinas – SP: Editora da UNICAMP, 2013.

LE GOFF, J. (Org.) **Uma história dramática**: as doenças têm história. Lisboa: Terramar, 1985.

LEFEBVRE, H. **La production de l'espace**. Paris: Anthropos, 1974.

LEMOS, C. T. Benezura: uma forma de mito próprio das ruralidades. RICHTER REIMER, Ivoni; REIMER, Haroldo; FERREIRA, Joel Antônio (orgs.). III CONGRESSO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO MITOLOGIA E LITERATURA SAGRADA, 2010, Goiânia. **Anais...** Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2010, v.1, n.1, p. 61-70.

LEWITZKI, T. **A vida das benzedeiros**: caminhos e movimentos. Universidade Federal do Paraná, Programa de Pós-Graduação em Antropologia. Curitiba – PR, 2019.

LIEBEL, S. **Demonização da mulher: a construção do discurso misógino no Malleus Maleficarum.** Universidade Federal do Paraná (UFPR) curso de História. Curitiba – PR, 2004.

LÚCIO, S. L. B; PEREIRA, L. E. C; LUDEWIGS, T. O gado que circulava: desafios da gestão participativa de unidades de conservação nos gerais do norte de Minas. **Bio Brasil – Revista Biodiversidade Brasileira. Brasília: 2013, p. 130-155.**

MACIEL, M. R. A; GUARIM NETO, G. Um olhar sobre as benzedeadas de Juruena (Mato Grosso, Brasil) e as plantas usadas para benzer e curar. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi.** Belém, 2006.

MANUAL MSD. **Versão Saúde para a Família.**

Disponível em: <<https://www.msmanuals.com/pt-br/casa/infec%C3%A7%C3%B5es/poxv%C3%ADrus/var%C3%ADola>>

Acesso em: 11 mai 2022

MEDEIROS, R. E. G., Nascimento, E. G. C., Diniz, G. M. D., & Alchieri, J. C. Na simplicidade a complexidade de um cuidar: a atuação da benzedeadora na atenção à saúde da criança. **Physis: Revista de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro – RJ v. 23, n.4, p. 1339-1357, 2013.**

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Política e Programa Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos. **Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos Departamento de Assistência Farmacêutica e Insumos Estratégicos.** Brasília – DF, 2016.

MINISTÉRIO DA SAÚDE, Governo Federal. O que é a COVID-19? Publicado em 08/04/2021.

Encontrado em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/o-que-e-o-coronavirus>

Acessado em: 28/06/2022 às 15h:44m

MOREIRA, H. F. **Se for pra morrer de fome, eu prefiro morrer de tiro: o norte de Minas e a formação de lideranças rurais.** 2010. 129 f. Dissertação (Mestrado de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2010.

MOURA, E. C. D. **Entre Ramos e Rezas: o ritual de Benzeção em São Luiz do Paraitinga, de 1950 a 2008.** 2009. 208 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2009.

MOTA, E. R. F; DINIZ, M. S. K. O uso de técnicas mnemônicas como estratégia de aprendizagem para crianças do ensino fundamental. **Anais do Curso Latu sensu UniEVANGÉLICA.** Anápolis – GO, v.1, n.1, 2017.

NASCIMENTO, D. G. **Além do ofício: narrativas de Dona Severina (Gorda) e Dona Josefa (Zefinha) rezadeiras de Itabaiana, PB.** 2017. 267 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2017.

NEIVA, A. **Discursos pronunciados no banquete que lhe foi oferecido a 18 de novembro de 1916 no Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: Tipografia Besnard Frerés, 1917.

NOGUEIRA, A. L. L. Dos tambores, cânticos, ervas... Calundus como prática terapêutica nas inas setecentistas. In **Escravidão, doenças e práticas de cura no Brasil**. Tânia Salgado Pimenta e Flávio Gomes (Org.). Rio de Janeiro: Ed. Outras Letras, 2016.

OLIVEIRA, E. R. **O que é benzeção**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

OLIVEIRA, M. C. **Pentecostais e práticas de consumo**: experiência religiosa, cotidiano e suas fronteiras na Igreja Universal do reino de Deus. Dissertação (Mestrado em Sociologia), Universidade de Brasília. Brasília, 2007.

OLIVEIRA, M. F. S; OLIVEIRA, O. J. R. **Na trilha do caboclo: cultura, saúde e natureza**. Edições UESB, 180 p. Vitória da Conquista – BA, 2007.

OLIVEIRA, J. E. S. **Rezadeiras de Itabaiana – SE**: entre herança cultural, a modernidade e os ritos de cura. 2014. 92 f., Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão – SE, 2014.

OLIVEIRA, E. C.S; et al. Rezadeiras da Paraíba: etnografia de uma crença enraizada. **Revista Informação em Cultura**, Mossoró – RN, v. 1, n.2 , 2019.

PEREIRA, M. E. P; GAIOTTO, P. A. **A memória como elemento constituidor de identidade**. In: XIII CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO, Instituto EDUCERE,13. Curitiba – PR, 2019.

PEREYRA-ELÍAS, R; DELGADO, D. F. Medicina Tradicional versus Medicina Científica ¿Enverdad somos tan diferentes enloesencial? In: **Acta Médica Peruana**, Lima: v. 29, n.2, 2012.

PIMENTEL, H. U. Demonologia, bruxas e estereótipos. **Revista Trilhas da História**. V. 1, n. 2, p. 33-54. Três Lagoas – MG, 2012.

POLLAK, M. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Revista Estudos Históricos**, v. 2, n. 3, 1989.

POLLAK, M. Memória e identidade social. **Revista Estudos Históricos**, v. 5, n. 10, 1992.

POLLAK, M. A gestão do indizível. Tradução Gabriele dos Anjos. **Revista do Instituto Judaico Marc Chagall, Porto Alegre**: v.2, n.1, 2010.

PORTELLI, A. A Filosofia e os Fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. **Revista Tempo**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, 1996. P.59-71.

PORTELLI, A. **Ensaio de história oral**. São Paulo: Editora Letra e Voz, 2010.

QUADROS, E. M. **Memória, Reconhecimento de si e Alteridade no pensamento de Paul Ricoeur**. 2016. 173 f. Tese (Doutorado em Memória, Linguagem e Sociedade) - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista - BA, 2016.

QUINTANA, A. M. **A ciência de benzedura**: mau-olhado, simpatias e uma pitada de psicanálise. Bauru – SP: EDUSC, 1999.

RIBEIRO, J. P. **Vade-mécum de Gestalt-terapia: conceitos básicos**. São Paulo: Editora Summus, 2006.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução Alain François *et al.* Campinas – SP: Editora da UNICAMP, 2007.

ROCHA, Ruth; PIRES, Hindenburg da S. **Minidicionário da língua portuguesa**. São Paulo: Editora Scipione, 2005.

ROTAMAPAS. Disponível em:

<https://www.rotamapas.com.br/distancia-entre-vitoria-da-conquista-e-divisa-alegre> acesso em: 23set 2021

SALGADO, P. Os et al. Cuidados de enfermagem a pacientes com temperatura corporal elevada: revisão integrativa. **REME Revista Mineira de Enfermagem**, Belo Horizonte-MG, v.19.1, 2014.

SANTOS, F. V. **O ofício das benzedeadas**: um estudo antropológico sobre as práticas terapêuticas e a comunhão de crenças em Cruzeta – RN. 2007. 196 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2007.

SANTOS, F. V. O ofício das rezadeiras como patrimônio cultural: religiosidade e saberes de cura em Cruzeta na região do Seridó Potiguar. São Paulo, **Revista CPC da USP**, 2009.

SANTOS FILHO, J. C. **Pesquisa Educacional: quantidade-qualidade**. Sílvio Santos Gamboa (org.). 8ª ed. São Paulo: Cortez, 2013.

SCHATZMAYR, H. G. A varíola, uma antiga inimiga. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 17, 2001.

SEIDL, E. Sociologia da vocação religiosa: reprodução familiar e reprodução da igreja. **Revista Sociologias**. Porto Alegre, v.14, n. 29, p. 214-238, 2012.

SILVA, A. C. L. F. Memória e prática sacramental em La Rioja Medieval. **Revista de Cultura Teológica**, PUC-SP, São Paulo, v.11, n. 42, 2003.

SILVA, C. S. Rezadeiras: guardiãs da memória. In: V ENECULT - ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA, 5, 2009. Salvador. **Anais...** Salvador, UFBA, 2009.

SILVA, S. F; MELO NETO, J. F. Saber Popular e Saber Científico. **Revista Temas em Educação**, João Pessoa, v. 24, n. 2, 2015.

SILVA, T. L; ROSAL, L; ALVINO, E; KONNO, M. ENTRE BENZEÇÕES E OUTROS SABERES TRADICIONAIS: uso místico de plantas medicinais em comunidades de Viseu – PA. In: SOUSA, Romier da Paixão; CRUZ, Carlos Renilton Freitas e SUZUKI, Júlio César (Org.). **No Chão da Floresta: trabalho, educação e agroecologia na Amazônia**. FFLCH/USP. São Paulo, 2020.

SIMON, A. R. L; SAMRSLA, C. A; SOARES, M. C; BERNICK, R. M. Mau olhado ou quebranto: uma síndrome psiquiátrica relacionada à cultura. In: SALÃO DO CONHECIMENTO UNIJUÍ, XXVII SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA e XXIV JORNADA DE PESQUISA, 27 e 24, Ijuí – RS. **Anais...** Ijuí, UNIJUÍ, 2019.

THEOTÔNIO, A. C. R. **Entre ramos de fé:** rezadeiras e práticas mágicas na zona rural de Areia – PB. 2010. 125 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Campina Grande. Campina Grande – PB, 2010.

VERGER, Pierre F. **Notas sobre o culto aos orixás e voduns:** na Bahia de Todos os Santos, no Brasil, e na Antiga Costa dos Escravos, na África. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

ANEXO A**ORACÃO DO PAI NOSSO**

PAI NOSSO,
QUE ESTAIS NO CÉU.
SANTIFICADO SEJA O VOSSO NOME.
SEJA FEITA A VOSSA VONTADE,
ASSIM NA TERRA COMO NO CÉU.

O PÃO NOSSO DE CADA DIA
NOS DÁI HOJE.
PERDOAI AS NOSSAS OFENSAS,
ASSIM COMO NÓS PERDOAMOS A QUEM NOS TEM OFENDIDO.
MAS, LIVRAI-NOS DO MAL.
AMÉM.

Fonte: Conhecimento Popular

ANEXO B**ORAÇÃO DA AVE MARIA**

**AVE MARIA,
CHEIA DE GRAÇA,
O SENHOR É CONVOSCO.
BENDITA SOIS VÓS ENTRE AS MULHERES.
BENDITO É O FRUTO DO VOSSO VENTRE,
JESUS.**

**SANTA MARIA,
MÃE DE DEUS (OU JESUS).
ROGÁI POR NÓS,
PECADORES.
AGORA E NA HORA
DA NOSSA MORTE,
AMÉM.**

Fonte: Conhecimento Popular

APÊNDICE A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE Conforme Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde – CNS

Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa “**Entre rezas e práticas de cura: a atividade de benzedeiras em suas comunidades**”. O centro deste estudo é a macrorregião da cidade de Vitória da Conquista – BA e Norte de Minas Gerais, e seu patrimônio cultural humano na figura das rezadeiras e benzedeiras em seu perfil voltado à religiosidade. Pessoas que obtiveram no seu papel de amparo, intrigante influência no comportamento de indivíduos e comunidades, principalmente aquelas com maior dificuldade em obter acesso aos cuidados médicos e hospitalares.

A pesquisa será realizada com as rezadeiras e benzedeiras atuantes na macrorregião de Vitória da Conquista – BA e Norte de Minas Gerais, como amostra, serão selecionadas no mínimo 05 e no máximo de 20 mulheres que se dispuserem a participar e que atendam aos critérios de inclusão.

Para este estudo adotaremos o(s) seguinte(s) procedimento(s): Será realizada individualmente uma entrevista semiestruturada, registrada por um gravador de voz e câmera de gravação de vídeo no intuito de captar todos os detalhes dos depoimentos prestados. A entrevista proporcionará a coleta de opiniões em relatos de experiência de vida de rezadeiras e benzedeiras sobre temas como rezas e benzeções, ancestralidade, dificuldades para atuação em suas comunidades, aplicação de práticas e rituais, história de vida, religiosidade, comunidades de atuação e vivência, rezar e benzer na atualidade. Também será utilizado documentários, registros de igrejas, jornais, periódicos e redes sociais. Este instrumento permitirá a coleta de informações primárias, como nomes de rezadeiras e benzedeiras que atuam ou atuaram no ofício, bem como as condições dessa atuação e influência em suas respectivas comunidades.

Você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você será esclarecido(a) em todas as formas que desejar e estará livre para participar ou recusar-se. Você poderá retirar o consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento. Mesmo não sendo previsto, caso tenha gastos decorrentes da pesquisa, será ressarcido(a), assim como, caso sofra qualquer dano decorrente da sua participação nessa pesquisa será indenizado.

A sua participação é voluntária e a recusa em participar não causará qualquer punição ou modificação na forma em que é atendido(a) pelo pesquisador que irá tratar a sua identidade com padrões profissionais e éticos. Por se tratar de um trabalho que utiliza da memória, sua identificação é necessária para posteriores publicações, visto que, para esta pesquisa optaremos pelos relatos orais, e para que eles tenham sustentabilidade faz-se necessário identificar de quem se trata. Este estudo apresentará riscos mínimos, o que poderá ocorrer serão desconfortos ou constrangimentos no momento da entrevista. Porém, a pesquisadora se compromete a prestar auxílio em tal situação, sendo cautelosa para evitar esse tipo de acontecimento. Os benefícios deste estudo será a socialização dos resultados da pesquisa junto as participantes.

Os resultados estarão à sua disposição quando finalizados. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma das vias será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida a você.

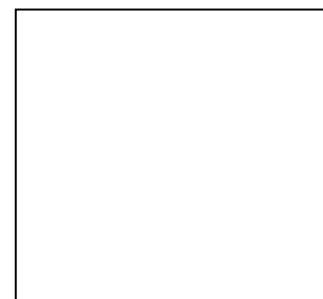
Eu, _____ fui informado(a) dos objetivos do presente estudo de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações, e posso modificar a decisão de participar se assim o desejar. Declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma via deste termo de consentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Vitória da Conquista - BA ____ de _____ de _____.

Assinatura do(a) participante da pesquisa

Impressão digital

Assinatura do(a) pesquisador(a) responsável



Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar:

Pesquisador(a) Responsável: ANA MARIA FERRAZ DE MATOS MENDES

Endereço: Av. Luís Eduardo Magalhães, 800 – casa 13 Bairro Boa Vista – Vitória da Conquista - BA

Fone: (77) 3424- 5994 / E-mail: anamariaferraz@gmail.com

Orientador: Professor Dr. Felipe Eduardo Ferreira Marta

E-mail: fefmarta@gmail.com

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)

Estrada do Bem-querer, KM 04 Caixa postal 95 – Vitória da Conquista - BA

Fone: (77) 3424-8600 (ramal 9727) / E-mail: campusvca@uesb.edu.br

Programa de Pós Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Estrada do Bem-querer, Km 04 Bairro Universitário – Vitória da conquista – BA

Fone: (77)3425-9395 / e-mail: ppgmemorials@gmail.com

APÊNDICE B**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS**

Eu _____, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, a pesquisadora **Ana Maria Ferraz de Matos Mendes** do projeto de pesquisa intitulado **“Entre rezas e práticas de cura: a atividade de benzedoiras em suas comunidades”** a realizar as fotos e vídeos que se façam necessários e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destas fotos (seus respectivos negativos), vídeos e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), em favor dos pesquisadores da pesquisa, acima especificados, obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei N.º 8.069/ 1990), dos idosos (Estatuto do Idoso, Lei N.º 10.741/2003) e das pessoas com deficiência (Decreto N.º 3.298/1999, alterado pelo Decreto N.º 5.296/2004).

Vitória da Conquista-BA, ____ de _____ de _____.

Participante da pesquisa

Pesquisadora responsável pelo projeto

Impressão digital



APÊNDICE C**ROTEIRO DE ENTREVISTA**

(Utilizado caso houvesse necessidade de direcionamento)

Bom dia / boa tarde / boa noite

- 1) Poderia contar um pouco da sua história?
- 2) Desde quando o senhor/senhora benze?
- 3) Com quem aprendeu?
- 4) Há quanto tempo mora aqui?
- 5) Quem mais da sua família é ou foi benzedor?
- 6) É devota de algum santo?
- 7) Foi a escola?
- 8) Com o que trabalhou?
- 9) Quem procura o senhor/senhora hoje em dia?
- 10) É diferente de antes?
- 11) Quando começou a benzer?
- 12) E como foi?
- 13) Gosta de ser benzedora?
- 14) E sua família? Gosta?
- 15) Alguem está aprendendo com a senhora?
- 16) Quem?
- 17) O que usa para benzer?
- 18) E as orações?
- 19) Que males benze?
- 20) É de qual religião?
- 21) Sempre pertenceu a essa religião?
- 22) E a religião das pessoas que procuram?
- 23) Sua família aprova?
- 24) Vê muita mudança do antes e agora?
- 25) Como se sente quando cura alguém?
- 26) A senhora sempre recebe pessoas em casa?
- 27) Não tem medo?
- 28) Já atendeu algum médico?
- 29) Pode tratar qualquer doença?
- 30) E os ramos? Quais plantas?
- 31) Por que usa os ramos?
- 32) Dá muitos conselhos?
- 33) Quando começou a benzer era difícil ir ao médico? Pq a senhora que resovia como médico.
- 34) Médico e padre era comum na sua região?

Pode ensinar uma reza?

APÊNDICE D**FORMULÁRIO DE PESQUISA**

Este formulário faz parte da pesquisa “**Entre rezas e práticas de cura: a atividade de benzedeiros em suas comunidades**”, cuja finalidade é coleta de opiniões em relatos de experiência de vida de rezadeiras e benzedeiros sobre temas como rezas e benzimentos, ancestralidade, dificuldades para atuação em suas comunidades, aplicação de práticas e rituais, história de vida, religiosidade, comunidades de atuação e vivência, rezar e benzer na atualidade.

NOME:		
NASCIMENTO:	IDADE:	GÊNERO:
ENDEREÇO:		
LOCAL DE NASCIMENTO:		
ETNIA: () Branco () Pardo () Negro () Índio () Amarelo () Outro _____		
ESTADO CIVIL: () Solteiro () Casado () Separado () Divorciado () Viúvo () União Livre		
IDADE EM QUE SE CASOU/UNIÃO LIVRE: _____		
IDADE EM QUE TEVE O PRIMEIRO FILHO/FILHA: _____		
QUANTOS FILHOS: _____		
VIVE COM: () Sozinho () Companheiro(a) () Pai () Mãe () Filhos () Irmãos () Amigos () Parentes () Outros _____		
RELIGIÃO: _____		
ESCOLARIDADE: () Nunca foi a escola () Ensino Fundamental () Ensino Médio () Superior () Pós-Graduação () Doutorado () Pós-Doutorado		
Caso nunca tenha ido a escola, qual o motivo? _____ _____		
Gostaria de ter estudado? _____ _____		